

MILAGRES ATUAIS

HISTÓRIAS IMPRESSIONANTES DO PODER DE DEUS

LORON WADE



MILAGRES ATUAIS

HISTÓRIAS IMPRESSIONANTES DO PODER DE DEUS

LORON WADE

TRADUÇÃO
KARINA CARNASSALE DEANA

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
TATUÍ, SP



Título original em inglês:

UNBELIEVABLE

Copyright © da edição em inglês: Review and Herald, Hagerstown, EUA.

Direitos internacionais reservados.

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

www.cpb.com.br

1ª edição neste formato

Versão 1.1

2016

Coordenação Editorial: Vanderlei Dorneles

Editoração: Neila D. Oliveira e Vinícius Mendes

Revisão: Adriana Seratto

Design Developer: Alexandre Gabriel e Leonardo Alves

Projeto Gráfico: Fábio Fernandes

Capa: Levi Gruber

Imagens da Capa: © Uladzimir Bakunovich | Fotolia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wade, Loron

Milagres atuais [livro eletrônico]: histórias
impressionantes do poder de Deus / Loron Wade ;
tradução Karina Carnassale Deana. – Tatuí, SP :
Casa Publicadora Brasileira, 2016.
890 kb ; ePub

Título original: Unbelievable.

ISBN 978-85-345-2275-5

1. Igreja Adventista do Sétimo Dia 2. Milagres
I. Título

16-01618

CDD-231.73

Índices para catálogo sistemático:

1. Milagres : Cristianismo 231.73

Os textos bíblicos citados neste livro foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo outra indicação.



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

15705/34148

DEDICATÓRIA

A Ruth Ann,
um milagre do amor de Deus em minha vida

SOBRE ESTE LIVRO

Todos os fatos relatados nestas páginas tratam de situações que fogem à explicação racional ou científica. São incidentes que geralmente chamamos de “milagres”.

Entretanto, esta não é uma obra sensacionalista. Concorde com o ceticismo que alguns professam sobre os milagres modernos, tendo em vista as evidências de que muitos supostos eventos sobrenaturais sejam não mais do que truques produzidos por astutos charlatões. Outros “milagres” são fruto da imaginação de alguns e do intenso desejo de outros de ver sinais e maravilhas. Algumas supostas “curas” levam as pessoas de volta às mesmas condições anteriores logo no dia seguinte, e outras histórias de milagres não são sujeitas a qualquer tipo de confirmação ou investigação de suas fontes.

O apóstolo Paulo fala de “sinais, e prodígios de mentira” (2 Tessalonicenses 2:9). Esses podem realmente ser fatos sobrenaturais, mas que são realizados com o propósito de enganar as pessoas, persuadindo-as a acreditar na mentira. O Senhor Jesus afirmou: “Surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos” (Mateus 24:24, ARC).

Desse espírito de ceticismo surgiram três princípios que serviram de luz para orientar na seleção das experiências a serem incluídas nesta coleção:

1. Levar em conta o caráter e a personalidade de quem forneceu as informações e usar somente experiências relatadas por pessoas idôneas, cuja integridade não tenha sido colocada em dúvida.

2. Incluir somente experiências que não tenham uma explicação lógica, quer pela coincidência ou por meios comuns. Acredito que Deus frequentemente responde às nossas orações por meios totalmente naturais (“Eu não conseguia encontrar minhas chaves, então orei. Depois abri a gaveta, e lá estavam elas.”); entretanto, inclui somente experiências que não estejam obviamente nessa categoria.

3. Tentar obter confirmação adicional sempre que possível. Ouvi uma boa parte desses incidentes em primeira mão, diretamente das pessoas com quem eles aconteceram – que eram bem conhecidas para mim. Em alguns casos, obtive informações adicionais de outras fontes.

Os fatos relatados neste livro são dignos de serem citados, tendo em vista que as pessoas destas histórias representam uma ampla gama de nacionalidades e tipos étnicos. Há africanos, australianos, latino-americanos, como também pessoas da América do Norte e da Europa. As formas da intervenção divina também são diversificadas: há casos de proteção, cura, direção, provisão de alimentos e outras que poderemos chamar simplesmente de exemplos do infalível amor de Deus por Seus filhos. Elas abrangem acontecimentos ocorridos durante todo o século 20 e chegam até nós na primeira parte do século 21.

Vale ressaltar que um milagre nunca deve sobrepor a Palavra de Deus para estabelecer uma verdade. Em outras palavras, não devemos dizer: “Tenho certeza de que tal pessoa está dizendo a verdade porque na igreja que ela frequenta ocorreram muitos milagres.” Na verdade, podemos até mesmo dizer que os milagres não são realmente necessários, pois o cristão não baseia sua fé neles, como também não a abandona, caso nenhum evento sobrenatural aconteça no momento em que é solicitado.

Milagres são, sim, evidências da terna compaixão e do amor de nosso Pai celestial. São gotas de orvalho que se condensam e caem até nós, vindas da Rocha da nossa salvação. Eles são concedidos para reassegurar aos filhos de Deus a natureza imutável e eterna do concerto e encorajá-los com uma divina provisão. Os milagres relatados neste livro dão testemunho da maneira como Deus, vez por outra, intervém nos assuntos humanos para fortalecer os peregrinos enquanto aguardam o breve retorno do Senhor Jesus em glória e majestade.

Loron Wade

A VOZ DISSE: “VIRE À ESQUERDA”

LEONARD LEE



Quando eu tinha 19 anos, ajudei um vizinho a se mudar para Alberta, no Canadá. Depois de passar algumas semanas trabalhando com ele, decidi seguir para o norte, rumo ao Alaska. No início de fevereiro, já havia viajado 1.500 quilômetros e estava tentando chegar a um entreposto comercial no rio Liard. Com as botas afundando na neve fofa, caminhava contra uma grande nevasca zunindo em meus ouvidos e tentava desesperadamente seguir as margens do riacho que acreditava que me levaria até o rio. Havia partido de um pequeno povoado no rio Peace com uma boa provisão, mas por vários dias a intensa nevasca me mantivera preso lá embaixo, com toda a fúria. A provisão estava quase no fim, e eu tinha que seguir em frente ou então morreria ali de frio e fome.

Eu realmente achava que não iria conseguir e comecei a imaginar se alguém viria a sentir minha falta, quando, de repente, ouvi uma voz dizendo: “Vire à esquerda!” Olhei à minha volta, mas não vi ninguém. Continuei seguindo para o norte, mas novamente a voz me falou, em tom quase suplicante: “Vire à esquerda!”

Eu não tinha razão alguma para virar à esquerda e me afastar das margens do riacho. O caminho à esquerda levava às colinas e, pior ainda, direto a um vento gelado e cortante. Reiniciei a marcha rumo ao norte, mas um sentimento estranho de que estava fugindo de Deus tomou conta de mim. Algum poder invisível parecia estar se opondo à minha razão e ao meu raciocínio. Assim, finalmente dei uma olhada na bússola e virei em direção às colinas.

Subi alguns quilômetros, já com a vista embaçada por causa da nevasca. O percurso era difícil e acidentado. Estava ficando escuro no crepúsculo do Ártico, e, ao atravessar a fronteira, deparei-me com uma descida para o leito de outro riacho. Estava para virar à direita e seguir o riacho até o rio, mas novamente ouvi a voz insistindo para que eu virasse à esquerda.

A uma pequena distância acima do riacho, encontrei uma cabana meio soterrada na neve. Havia ali abrigo para uma noite, e possivelmente algum alimento. Utilizando as minhas botas de neve como pá, cavei um trilho até a porta da cabana e

entrei. Era muito escura e, daquela escuridão, veio um gemido. Rapidamente, acendi um fósforo.

Um senhor idoso estava deitado no pequeno beliche, em um saco de dormir. Sua barba estava coberta pelo gelo de sua respiração, os olhos estavam fundos e febris. Não havia madeira na choupana, assim, corri para juntar o que podia nas moitas à beira do riacho, e pouco depois já tínhamos fogo.

Procurei por alguma coisa para comer ali, mas não havia nada. Assim que o ambiente ficou aquecido, o velho homem foi capaz de falar alguma coisa. Ele disse que o seu nome era Henry Bruce e que estava a caminho do posto comercial quando caiu e quebrou a perna. Havia se arrastado até a cabana abandonada na esperança de que alguém o encontrasse. Com o passar dos dias e perdendo as esperanças, ele se voltou para o mesmo Deus que havia conhecido quando menino e fez uma prece sincera pedindo socorro.

Diante daquele quadro, toda a minha autoconfiança de jovem ficou extremamente abalada ao compreender que Alguém estendeu a mão lá do Céu em resposta à oração de um velho homem quase a desfalecer. No exato momento em que comecei a imaginar se alguém sentiria a minha falta, Deus enviou um anjo para me guiar até aquela cabana solitária.

Vi que precisava conseguir comida e ajuda médica o mais rápido possível. Alimentei a lareira para manter a cabana aquecida por algumas horas e derreti neve para que aquele senhor tivesse um pouco de água para beber.

– Onde posso obter alguns suprimentos? – perguntei.

– A cerca de 30 quilômetros a oeste – disse ele.

Um estranho sentimento de temor e respeito se apossou de mim. Eu estava indo na direção errada, arrastando-me penosamente por uma área deserta. Eu era muito orgulhoso para pedir ajuda, muito autossuficiente para orar. Entretanto, a oração de um homem idoso e doente, que pediu ajuda ao Céu, concedera a Deus um motivo para que Ele me fizesse tomar a direção certa.

Aquele senhor me deu algumas indicações sobre onde encontrar o pequeno centro comercial e pediu a Deus que me abençoasse. O vento havia amenizado, e as estrelas brilhavam quando deixei a cabana. Os termômetros devem ter baixado aos 40 graus negativos no meio da noite. Meu estômago e meus ossos doíam, devido à fome e ao cansaço extremos, mas esqueci as minhas necessidades ao buscar ajuda para outra pessoa.

Continuei quase que correndo por vários quilômetros, num esforço desesperado

para obter ajuda antes que o fogo se apagasse, e o frio cruel se abatesse sobre aquela cabana solitária, paralisando a vida de alguém cujas orações haviam chegado aos ouvidos de Deus. E mesmo com as minhas forças se esvaindo rapidamente pelos dias e noites sem comer e dormir, tinha a sensação de que estava andando como em um sonho, tendo alguém caminhando ao meu lado. Sentia que um poder invisível literalmente me dava força para continuar andando. Cheguei ao pequeno comércio assim que as estrelas desapareceram no céu. Dois homens fortes num trenó, com uma matilha de cães, foram enviados para levar alimento ao homem ferido e, então, trazê-lo para receber os cuidados médicos necessários.

Prepararam-me um bom desjejum e deram-me um lugar para dormir, mas um pensamento não saía da minha mente: Deus chamou Abraão, Isaque e Jacó há milhares de anos no passado, mas também me fez um chamado ontem. O mesmo Deus que enviou Jonas para salvar os ninivitas enviou-me para salvar Henry Bruce. Esse amorável Salvador que caminhou com os três hebreus na fornalha ardente andou comigo durante toda aquela nevasca, num frio cortante. A fé e a oração de um velho homem moveram a mão de Deus para me alcançar e me fazer parar no meio da neve, mudando todo o curso da minha vida.

O velho caçador se recuperou e voltou para Edmonton, onde tinha parentes. Algum tempo depois, ele me enviou uma carta me agradecendo por ter salvado a sua vida. Porém, sempre tenho comigo o sentimento de que foi ele quem me salvou. Ele me ensinou que orar é algo moderno e atual. Ele pediu. Ele creu. Ele recebeu!

Desde aquele dia, a oração se revestiu de um novo significado para mim. Acredito nas orações como sendo um ato de adoração. Utilizo-as também como um meio para pedir perdão pelos meus pecados. Costumava pensar que a oração tivesse algum efeito apenas depois que morresse. Pensava que era minha responsabilidade cuidar de mim mesmo enquanto vivesse e que a parte de Deus começava quando a minha terminava, ou seja, quando a morte chegasse para mim. No entanto, essa experiência me fez ver a oração sob uma nova luz. Vi, ouvi e senti o terno cuidado do Salvador por um homem ferido numa cabana solitária. Aprendi que todo o Céu está interessado no bem-estar de cada ser humano. Desde então, leio com uma compreensão muito mais ampla estas maravilhosas promessas da Palavra de Deus para cada um de nós: “Instruir-te-ei e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; guiar-te-ei com os Meus olhos” (Salmo 32:8, ARC). “Quando te desviares para a direita e quando te desviares para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele” (Isaías 30:21). Essas promessas se tornaram verdadeiramente reais e pessoais para mim.

O CARRO AZUL

ANA TELSA PINEDA

2

No verão de 1947, minha amiga Benilda e eu estávamos colportando em El Espino (Boyacá), uma cidadezinha localizada em meio às montanhas na região central da Colômbia. Todos os dias, saíamos de porta em porta para oferecer a literatura que tinha por objetivo ajudar as pessoas a conhecer a mensagem de esperança e salvação em Jesus.

Naquela época, ainda não tínhamos os livros sobre saúde e temas relacionados à família. Trabalhávamos com os livros *O Desejado de Todas as Nações*, *O Grande Conflito* e outros de conteúdo semelhante. Estávamos ansiosas para partilhar as boas-novas do amor de Jesus e de Seu maravilhoso plano para nossa vida.

Ficamos felizes com o bom êxito obtido ali, pois anotamos vários pedidos de livros. Logo chegou a data em que havíamos prometido fazer a entrega dos materiais. Chegamos àquela região um dia antes e alugamos um quarto em um hotel local. Na manhã seguinte, iniciamos as entregas. Ficamos felizes, porque, com poucas exceções, os clientes se demonstravam satisfeitos em receber as publicações. Entretanto, duas ou três horas depois naquela manhã, começamos a notar uma expressão de ira no rosto das pessoas que encontrávamos pelo caminho e até ouvimos algumas delas dizerem: “Lá estão. São elas!”

Voltamos para o hotel ao meio-dia para o almoço, agradecidas pelas bênçãos de Deus e pensando no pagamento da anuidade escolar que estávamos conseguindo com a venda dessa literatura. O dono do hotel e a esposa pareciam muito nervosos e não deixavam de olhar pela janela enquanto se preparavam para servir a refeição. Havíamos apenas começado a comer quando ouvimos o sino da igreja tocar. Em seguida, a esposa do dono do hotel correu até nós.

– Isto é um sinal – disse ela baixinho e muito nervosa. – Eles estão vindo para pegá-las. Vocês têm que sair daqui rapidamente. Têm que partir, senão vão ser linchadas.

– Vocês querem que a gente saia? – dissemos apavoradas. – E para onde sugerem

que a gente vá?

– Não faço ideia – disse o esposo dela, bastante irado, ao se aproximar de nós. – Eu não quero que eles cheguem aqui e depredem o meu hotel por causa de vocês.

Ele nos levou até a janela dos fundos do hotel e nos mostrou um terreno baldio cercado por muros bem altos.

– Pulem esta janela – disse o homem. – Quem sabe, vocês consigam fugir.

O homem, extremamente agitado, estava praticamente nos empurrando janela afora. Pulamos para o outro lado do muro. Mas, para onde poderíamos ir? Sair para a rua, não havia como. O terreno cercado por aqueles muros altos, poderia facilmente se tornar uma armadilha mortal. Além disso, parecia que não podíamos contar com o dono do hotel para nos manter ali em segredo. Em nosso desespero, vimos um monte de palhas de milho secas num canto e decidimos entrar ali embaixo.

Durante um longo tempo, ouvimos os gritos e o barulho de pessoas correndo pela rua. Finalmente, após passarmos várias horas ali, escutamos um ruído e o barulho de alguma coisa rangendo. Estavam abrindo o portão. Momentos depois, alguém com voz masculina perguntou:

– Onde vocês estão, meninas? Não se preocupem. Viemos aqui para ajudá-las. Onde vocês estão? Podem sair agora!

Espiando por entre as palhas de milho, pudemos ver dois homens. Um deles tinha uma sacola na mão e continuava a nos chamar, enquanto o outro permanecia em silêncio.

Ainda com muito medo, nós nos levantamos e saímos do meio da palha.

– Ah, aí estão vocês – disse aquele senhor abrindo a sacola. – Vejam, eu trouxe algumas roupas de homem para vocês. Vistam estas roupas e nos sigam. Nós vamos colocá-las em segurança para fora da cidade.

Já estava escurecendo quando saímos apressadas pelas ruas seguindo aqueles homens. Parecia que ninguém notava a nossa presença ou prestava atenção em nós. Quando saímos da cidade, caminhamos um pequeno trecho pela estrada antes de deixar a pista para atravessar um milharal. Logo chegamos a uma clareira onde havia uma pequena casa.

O homem que falou conosco pegou um molho de chaves e abriu a porta com uma delas. Entramos, e ele imediatamente se virou e trancou a porta atrás de nós. Já era o fim da tarde e estava muito escuro dentro daquela casa, mas ele acendeu uma vela e

colocou-a sobre a mesa. Minha companheira de colportagem e eu nos assentamos bem juntas ao lado da pequena cama que havia ali. O sentimento de alívio que havíamos tido se desvaneceu, quando vimos a maneira como aqueles homens olhavam para nós, e nosso temor se transformou em terror quando um deles tomou a palavra e começou a falar:

– Vocês agora estão em nossas mãos. Nós salvamos a vida de vocês, e tenho certeza de que desejam mostrar sua gratidão, não é mesmo?

Essas palavras vieram acompanhadas de um sorriso que nos causou calafrios.

Por um longo tempo ainda, o homem continuou falando dessa forma e fazendo insinuações. Parecia se divertir ao ver o terror em nosso rosto, rindo e brincando conosco como um gato faz com um rato antes de matá-lo. Por várias vezes, ele se levantou e ameaçou vir em nossa direção, mas alguma coisa, ou algum poder, parecia detê-lo, e ele voltava e se assentava outra vez.

Finalmente, em completo desespero, orei: “Senhor, faça com que este homem caia no sono para que possamos pegar as chaves dele.”

Quase em seguida, ele pareceu estar com as pálpebras pesadas. Abria os olhos e os fechava como que lutando para ficar acordado. Momentos depois, deitou a cabeça na mesa e caiu no sono.

Nosso medo era tão grande que ainda hesitamos por alguns momentos. Então, o seu companheiro, aquele que quase não falava nada o tempo todo, nos disse:

– Se vocês estão pensando em fugir, é melhor que seja agora, porque este homem jamais vai deixar vocês saírem daqui.

Com as mãos tremendo, peguei as chaves e abri a porta. Assim que saímos, vimos um carro azul do outro lado da estrada, que parecia estar esperando por nós. O motor estava ligado, a porta de trás aberta e um senhor bem vestido fazia sinal para irmos até lá. Depois que entramos no carro, olhamos para trás e vimos à porta da casa o homem que nos havia raptado. Ele nos olhava cheio de espanto, como se não conseguisse acreditar no que estava acontecendo.

Rápida e maravilhosamente, o carro azul nos levou até uma cidade vizinha e nos deixou em um hotel.

Lá, encontramos um vendedor que, admirado, nos perguntou:

– De onde vocês vieram? Como chegaram até aqui?

Nós lhe contamos então sobre o carro azul que havia nos trazido de El Espino.

– Mas isso é impossível – disse ele. – Está acontecendo uma greve geral em meio a

ações revolucionárias em muitas partes do país. O governo declarou lei marcial e toque de recolher. Ninguém pode viajar. Estou tentando sair daqui desde ontem, mas não consigo.

Ele saiu imediatamente e foi falar com o capitão no posto do exército, à entrada da cidade, para apresentar queixa. Os soldados confirmaram que o toque de recolher não havia terminado. O homem lhes contou sobre nós e sobre o carro azul que havia nos levado até a cidade, mas eles lhe disseram furiosos que nenhum carro azul ou de qualquer outra cor havia entrado na cidade.

* * * * *

Maravilhadas e agradecidas, Benilda e eu continuamos a colportar em várias cidades pequenas na região central da Colômbia. Colportamos durante os três meses seguintes. Certo dia, porém, ouvimos gritos a distância. Logo entendemos que todo aquele barulho vinha de um homem que falava a plenos pulmões: “Bruxas! Bruxas!” Não sabíamos nada sobre aquele homem ou sobre seu estranho comportamento, mas ele se aproximava cada vez mais, até que pudemos vê-lo nos chamando e acenando para nós. Foi então que entendemos que ele não estava tentando nos insultar, mas que realmente pensava que éramos bruxas e queria conversar conosco.

– Por que o senhor está falando isso? – perguntamos. – Nós não somos bruxas. Somos estudantes tentando disseminar a Palavra de Deus e as boas-novas de que Jesus nos ama e que em breve vai voltar.

– Vocês não estão me reconhecendo, não é? – disse o homem.

Quando ele disse isso, nós o olhamos mais detidamente e, estremecendo de horror, nós o reconhecemos. Era o mesmo homem que nos havia mantido cativas naquela casa!

– Se vocês não são bruxas, então, quem são vocês? – ele indagou, irado. – Como vocês fizeram aquilo? O que vocês me deram para me fazer dormir?

Ele tinha plena certeza de que o ocorrido não era algo natural. O homem explicou que na época do incidente ele era o sacristão [o principal auxiliar do padre na igreja] em El Espino e tinha ordens explícitas para não nos deixar sair vivas dali.

– Enfrentei sérios problemas com o que aconteceu – o homem nos disse.

Em poucas semanas, ele teve que sair de El Espino porque o padre o estava acusando de ter-nos deixado ir embora, e temia pela própria vida.

Ele tremia ao falar conosco. Perguntou várias vezes o que havíamos feito. Em

resposta, abrimos a Bíblia e lemos o que ela nos diz a respeito dos anjos de Deus e de sua proteção. Ele ficou profundamente impressionado. Embora fosse um religioso, não conhecia praticamente nada a respeito da Palavra de Deus.

Nós lhe perguntamos se gostaria de estudar a Bíblia de maneira sistemática, e ele aceitou. Ao entender mais e mais sobre a Palavra de Deus, aquele homem aceitou com grande alegria.

Alguns anos depois, eu me casei com Sixto González, e juntos dedicamos nossa vida ao ministério pastoral. O ex-sacristão, agora um ancião da Igreja Adventista do Sétimo Dia, é um pregador fervoroso. Ele nos visitou em nosso lar por várias ocasiões e sempre recordávamos com admiração a maneira como o Senhor interveio aquela noite, tornando todos aqueles acontecimentos numa bênção para nós e para muitas outras pessoas.

* * * * *

Esse, porém, ainda não é o fim de tudo. Muitos anos depois, o Senhor, em Sua misericórdia, estava para trazer ao nosso conhecimento algo mais que aconteceu como consequência da história ocorrida com o carro azul.

Fomos designados para pastorear um grande distrito com sede em Pamplona, na região de Santander. Certo dia, um pregador voluntário trouxe notícias de um grupo de pessoas que estava estudando a Bíblia numa pequena vila distante.

Para poder visitar aquele grupo, Sixto teve que caminhar mais de oito horas por uma área montanhosa e deserta e, então, descer até um vale na floresta, onde encontrou aquelas pessoas. Elas ficaram extremamente agradecidas e felizes em receber a visita.

Na manhã seguinte, reuniram-se em grande número para ouvir a Palavra de Deus. Ao abrir a Bíblia e começar a ensiná-las a respeito de Jesus e de Seu amor, meu marido notou que a dona da casa estava chorando baixinho. No decorrer da pregação, ela começou a soluçar e logo saiu da sala. Depois de apresentar a mensagem, Sixto procurou aquela senhora e a encontrou ainda chorando. Perguntou-lhe então se haveria alguma coisa que poderia fazer para ajudá-la.

– Eu não sei como lhe explicar, pastor – ela lhe disse. – A emoção é muito forte. Estou feliz, mas guardo comigo um grande sentimento de remorso.

– Se a senhora desejar, quem sabe poderia me contar a respeito – disse ele.

– Eu cresci ouvindo a mensagem de Jesus e de Sua breve volta – ela lhe disse – mas, quando era ainda bastante jovem, eu me casei com um homem que não

pertencia à mesma fé e abandonei tudo o que meus pais me ensinaram. Depois de alguns anos, nós nos mudamos para El Espino e compramos um hotel. Certo dia, duas jovens chegaram para ficar ali conosco durante alguns dias. Logo que as vi, disse baixinho ao meu marido: “Essas moças são colportoras adventistas; eu sei disso.”

Quando as moças saíram para fazer seu trabalho, fomos verificar sua bagagem e, de fato, encontramos exemplares do livro *O Grande Conflito* ali. Imediatamente, meu marido foi até o padre e o avisou sobre o que estava acontecendo. O padre ficou furioso e jurou que nunca mais ninguém saberia novamente daquelas moças.

Como outros na cidade, essa senhora ouviu falar do miraculoso livramento das moças e estava convencida de que havia cometido um terrível pecado. Carregou esse fardo por todos aqueles longos anos e, então, ao ouvir a mensagem do amor de Deus e de Seu perdão, o coração dela se encheu de alegria. Mas, ao mesmo tempo, ela sentia um grande remorso. Ela estava chorando não somente pelo que tinha feito, mas por todos aqueles anos vazios e desperdiçados.

Antes de Sixto sair daquele lugar, ele batizou 28 pessoas, inclusive essa senhora e seu esposo. Esse foi o início de uma grande obra missionária naquela região, que se tornou um centro dirigido pelo Senhor para espalhar mais e mais Sua Palavra nos anos que se seguiram.

MALISAWA E O EXÉRCITO CELESTIAL

LEONARD C. ROBINSON

3

No período em que trabalhei em Katanga, uma província do Congo, experimentei um dos exemplos mais marcantes do amor de Deus, como jamais havia sido manifestado em minha vida. Malisawa era o líder de um poderoso exército guerrilheiro que devastava a zona rural do país, trazendo desolação e morte a todo o norte de Katanga. Sua estratégia era destruir qualquer coisa ou qualquer um que não apoiasse sua causa. O governo havia oferecido uma recompensa de 5 milhões de francos a quem conseguisse capturá-lo, vivo ou morto.

Estávamos preocupados porque a Igreja Adventista tinha duas missões estabelecidas dentro da área controlada pelo império de terror de Malisawa e havíamos perdido todo contato com nossos escritórios ali.

Moise Tshombé era o presidente de Katanga naquela época e, por meio do ministro do interior, Godefroid Munongo, manteve contato pelo rádio com as tropas que cercavam a área controlada por Malisawa. Eles enviavam mensagens por rádio ao ministro, e ele as transmitia ao presidente. Essas mensagens relatavam que a luta continuava violenta e que necessitavam desesperadamente de suprimentos médicos para os feridos. Entretanto, sob aquelas condições, quem poderia chegar até lá? Ninguém acreditava que seria possível chegar com segurança onde eles estavam.

A sede das Nações Unidas enviou um contingente das tropas irlandesas à zona de combate, acompanhada de um dos famosos Gurkhas do Nepal. Malisawa facilmente se livrou deles por meio de uma armadilha. Em uma das rodovias que passava pela floresta, ele cavou um enorme buraco no qual colocou estacas de ferro extremamente afiadas. O buraco foi escondido por meio de uma camuflagem, de tal forma que ninguém podia detectar a armadilha até que fosse muito tarde. Quando os veículos mergulharam um em cima do outro dentro daquele enorme buraco, as tropas de Malisawa já estavam por ali esperando, escondidas atrás do emaranhado da vegetação, e destruíram todos, menos dois veículos que conseguiram escapar e voltaram para dar as terríveis notícias. Com os equipamentos militares capturados,

Malisawa pôde reabastecer suas tropas para assim continuar com seu reinado de terror.

O presidente Tshombé soube que eu estava familiarizado com aquela região e falava o dialeto local, que aprendi quando jovem. Ele sabia também da preocupação que tínhamos com respeito ao pessoal da nossa missão. Então, ele me perguntou se estaria disposto a levar medicamentos e demais provisões àquele lugar. Pensando no que havia acontecido às tropas das Nações Unidas no mês anterior, buscamos conselho com um pequeno grupo de obreiros da sede da igreja em Elizabethville (hoje Lubumbashi) e oramos a respeito. Tratava-se de uma tarefa difícil; mas, como havíamos orado, vieram à mente as preciosas promessas de Deus com respeito à ajuda dos Seus anjos e sentimos que deveríamos tentar levar socorro para amenizar a desesperadora situação daquele povo.

O presidente Tshombé enviou três ou quatro aeronaves carregadas de roupas, alimentos, remédios e outros suprimentos para a pequena cidade de Albertville (Kalemie), no lado oeste do lago Tanganica, o ponto mais próximo da área controlada por Malisawa.

– Tenha muito cuidado, meu amigo – disse o presidente Tshombé, quando partimos de Elizabethville, em viagem por terra para Albertville. – Não corra riscos desnecessários, e que Deus esteja com você.

Ele me pediu para manter contato com o coronel Kinyanga, que era o comandante do setor norte. Quando falei com o coronel, ele parecia muito sério.

– As provisões chegaram e as armazenamos com segurança – disse ele, acrescentando que ir adiante naquele momento seria muito perigoso. – Espere alguns dias. Temos tropas na fronteira dessa região, e o comandante envia relatórios da situação todos os dias ao meio-dia. Eles vão nos manter informados sobre as manobras de Malisawa e avisarão quando você poderá ir – orientou o coronel.

O primeiro dia do relatório foi desencorajador, e os dias que se seguiram não foram diferentes. Somente no quinto dia o coronel Kinyanga recebeu uma mensagem comunicando que Malisawa e suas tropas estavam indo para o sul.

O coronel então se virou para mim e disse:

– Amigo, você está mesmo disposto a fazer uma tentativa amanhã de manhã?

– Sim! Vamos amanhã de manhã – eu disse a ele.

Quase 100 toneladas de provisões foram carregadas em um comboio de dezessete caminhões, com dois ou três Land Rovers, e um grupo de soldados para escoltarem esses suprimentos até aquela região. Dessa forma, esperávamos levar alguma

assistência não só aos soldados feridos como também a toda população. Como meu assistente, escolhi um motorista do governo que havia me prestado valiosos serviços anteriormente. Era um jovem por nome Sampson. Eu o conhecia como um fervoroso cristão e motorista bastante cuidadoso.

O coronel Kinyanga advertiu-nos de que os primeiros 50 quilômetros seriam os mais perigosos. Tínhamos que atravessar um vale que havia sido o cenário de violentos confrontos. Ao acompanharmos o comboio, não conseguia parar de pensar nas palavras de Davi no Salmo 23. Aquele era verdadeiramente o “vale da sombra da morte”. Em todo o percurso, víamos os corpos das tropas e de muitos civis, entre eles, mulheres e crianças que foram mortos por Malisawa – cenas horripilantes que jamais pensei que iria ver.

Ao avançarmos dentro do território de Malisawa, as estradas se tornavam mais e mais salpicadas de cadáveres. No início, parávamos e os arrastávamos para as margens da estrada, mas logo compreendemos que, se continuássemos fazendo isso, estaríamos colocando em perigo a própria vida, pois não conseguiríamos alcançar um local seguro antes do anoitecer. Assim, fomos obrigados a passar por cima deles.

O coronel Kinyanga instruiu-nos a tomar a estrada que subia a encosta da montanha, através da mata, onde estaríamos mais ou menos seguros e fora da zona de perigo. Com uma oração de gratidão no coração, finalmente cruzamos o “vale da morte” e chegamos às montanhas. Ao iniciarmos a subida pela região da mata, Sampson e eu estávamos profundamente agradecidos ao Senhor por Sua proteção.

Ao chegarmos ao topo, estávamos a uma boa distância à frente dos pesados caminhões totalmente carregados, mas podíamos ouvi-los rangendo vagarosamente durante a subida. Calculamos que iriam demorar pelo menos meia hora para alcançar o topo da colina que é bastante íngreme. Assim, decidimos ir em frente e esperar por eles na próxima aldeia, a uns 15 quilômetros dali. Continuamos nosso caminho mais animados que na parte da manhã e desenvolvendo maior velocidade. A estrada nos levou até o planalto, através de um túnel de densa vegetação.

Foi nesse ponto que o inesperado aconteceu. Sampson, de repente, jogou as rodas do veículo tão violentamente para a esquerda que acabamos caindo numa vala. O jipe Land Rover virou de lado; ele e eu ficamos praticamente um em cima do outro. Eu pude apenas gaguejar:

- O que... foi... que... aconteceu? Onde... foi que... batemos?
- Oh, vamos morrer! Vamos morrer! Pastor Robinson, eles estão vindo nos matar!
- murmurou Sampson, completamente apavorado.

Eu perguntei a ele por que, e ele respondeu:

– Eu vi um sinal, é o sinal de uma emboscada feita por Malisawa. Eu vi a marca dele.

Apenas os membros da tribo de Malisawa conheciam o sinal representado por três tiras brancas, finas e compridas balançando à beira da estrada, em um local totalmente insuspeito. Esse era um aviso de que mais à frente havia uma emboscada, geralmente outro daqueles enormes buracos camuflados.

Com nosso veículo tombado de lado e as rodas ainda em movimento, Sampson continuava agarrado às minhas roupas enquanto repetia baixinho: “Ó, pastor, ore, ore; eles estão vindo nos matar. Eles estão vindo nos matar. Nós vamos morrer!”

Dois, três, cinco minutos se passaram, e nada aconteceu. Tentando permanecer calmo, eu disse:

– Bem, parece que está tudo bem, e não foi nada mais que uma armadilha abandonada. Lembre-se de que o coronel Kinyanga afirmou que Malisawa estava indo para o Sul.

– Não, pastor. O sinal é muito claro. É uma armadilha mortal – ele insistiu.

Vários minutos mais se passaram, e tudo permaneceu completamente calmo. Finalmente, abri a porta do jipe e me arrastei para fora. Saltei até o chão e fiquei à beira da estrada. Olhei para baixo, ao longo da pista, e não havia nada que se pudesse detectar, exceto o túnel de vegetação. No entanto, tinha a estranha sensação de que alguém estava nos observando, mas não sabia como reagir. Nunca havia enfrentado uma situação semelhante.

A essa altura, fui impressionado pelo Espírito de Deus a falar alguma coisa. Coloquei o megafone na boca e falei na língua da tribo cujo território estávamos atravessando. Virando-me para a mata fechada, eu disse:

– Viemos como amigos. Sou um pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e estamos aqui para ajudar vocês. Se alguém aqui neste lugar está passando por alguma necessidade, vamos dar toda a assistência que pudermos. Não somos inimigos, somos amigos.

Nada aconteceu. Tudo permanecia calmo. Até os macacos que estavam constantemente guinchando e assobiando, e que havíamos visto pouco tempo antes, estavam todos em silêncio. Nada, absolutamente nada se movia. Então, em meio a toda essa calmaria, ouvi o estalo de galhos secos. Era um sinal que necessitava de uma resposta. Alguém, no meio da mata, sem ser visto, estava me pedindo que respondesse de uma forma específica para certificar-se de que

háviamos vindo realmente em paz. Se eu conseguisse falar as palavras do jeito certo, tudo estaria resolvido e seríamos considerados amigos – como se fôssemos um membro da sua tribo. As palavras eram uma espécie de senha ou sinal, como nas histórias bíblicas. Infelizmente, eu havia me esquecido da maneira de responder. Fazia uns doze ou treze anos que eu havia usado essa frase pela última vez.

Enviei uma mensagem urgente ao Céu em oração, e a resposta veio tal qual um relâmpago na ponta da minha língua: “Ta tomu te tobu ke!”, eu disse. Essa era a frase de que eu precisava, o sinal de amizade com a tribo. Alguém na mata fechada estava perguntando qual era a frase, e o Senhor me deu as palavras exatas. Ergui o megafone novamente e disse:

– Amigo, quem quer que você seja, venha até aqui e vamos conversar. Venha e aperte a minha mão como sinal de respeito mútuo.

Disse essas palavras em termos diferenciados, utilizados somente para falar com um importante chefe. Nada aconteceu ainda. Tudo continuou em silêncio por cerca de dois minutos ou mais. E então, logo à minha direita, pude ouvir um ruído por entre a vegetação. O mato se moveu e, em seguida, ali na beira da estrada, apareceu um homem alto com aparência de guerreiro, com uma arma automática apontada para mim.

– Amigo, baixe o rifle, por favor. Eu não estou armado. Vim em paz – disse a seguir.

Ele se aproximou dois ou três passos mais com o rifle ainda apontado na minha direção. Fiz um sinal de respeitosa saudação, pois logo percebi que a pele de leopardo sobre seus ombros e um galão ao longo do peito indicavam que ele era um dos principais líderes.

– Vamos nos cumprimentar como amigos – eu lhe disse.

Ele baixou o rifle e o colocou junto ao tronco de uma árvore. Aproximando-se de mim, não andou pela estrada (onde podia deixar pegadas), mas sobre a grama da beirada. Cuidadosamente e muito desconfiado, ele se aproximou, estendeu a mão e me cumprimentou. Então, de repente, a expressão do rosto mudou. Ele segurou a minha mão firmemente, olhou em meus olhos e disse:

– Pastor Robinson! O que o senhor está fazendo aqui?

A testa e os olhos daquele homem estavam pintados com os símbolos de guerra. Os lados da face estavam em tons vermelho e ocre. Não pude reconhecê-lo. Consegui apenas dizer timidamente:

– Você me conhece?

– É claro que eu o conheço. O senhor não me reconhece, pastor Robinson? Não está me reconhecendo?

– Quem é você? – perguntei.

– Pastor Robinson, eu sou Malisawa!

Fiquei estupefato. Tinha em minhas mãos 5 milhões de francos e, além de tudo, esse terrível e tão temido guerrilheiro me conhecia!

– O Senhor não se lembra de mim, pastor Robinson? – ele me perguntou quase que em tom de súplica. – Eu sou Malisawa, morava em Lengue. Frequentava a Escola Sabatina filial que o senhor dirigia lá, debaixo das árvores. O senhor não se lembra de mim?

É claro que eu me lembrava daquele Malisawa, mas jamais poderia pensar que era ele que havia se transformado no temível guerreiro. Enquanto continuava segurando sua mão, ele começou a tremer como folha ao vento. O corpo todo estava tremendo.

– Agora eu entendo – disse ele extremamente emocionado – porque, pela primeira vez em minha vida, minha voz falhou. Eu tentei dar ordens para matar quando seu veículo se aproximou, mas não consegui falar. Eu perdi a voz. Então, quando vi o jipe virado de lado, com as rodas ainda girando, notei que o veículo estava rodeado de soldados fortemente armados. Aqueles soldados estavam ao longo de toda a estrada. Não os reconheci, mas não se pareciam com as tropas enviadas pelas Nações Unidas. Com certeza, não podiam ser aquelas tropas porque nós as eliminamos um mês atrás. Contudo, agora eu entendo. Isso não tem outra explicação, a não ser como o que ocorria naquelas histórias que o senhor costumava contar quando nos mostrava os rolos de gravuras na Escola Sabatina. Agora eu sei por que eu perdi a voz e por que não consegui dar ordem para matá-los. Também sei o motivo pelo qual os soldados pareciam brilhar como a Lua e as estrelas. Eles eram verdadeiramente anjos de Deus, enviados para proteger vocês.

Visivelmente abalado e ainda tremendo, ele acrescentou:

– Mas, pastor Robinson, por que o senhor veio aqui?

Eu também estava profundamente comovido. Ao dizer-lhe a razão de ter ido até aquele lugar, senti a presença do Espírito de Deus e de Seus poderosos anjos ao nosso lado, enquanto esse terrível assassino, esse agente de destruição e morte, continuava a tremer como vara verde. Ele segurou minha mão por dois ou três minutos enquanto conversávamos, até que começamos a ouvir a distância o ronco do motor dos caminhões que estavam se aproximando.

– Pastor Robinson, há tropas do governo nesses caminhões que vocês estão trazendo? – perguntou ele.

– Sim, Malisawa, mas eles estão todos sob as minhas ordens.

– Então eles vão me matar!

Ele sabia, é claro, que havia um preço enorme a ser pago por sua cabeça.

– Deus e Seus anjos estão aqui, eu lhe asseguro. Ninguém vai morrer hoje.

Os caminhões estavam ainda a uns 3 quilômetros de distância; assim, eu continuei conversando com ele.

– Meu amigo, você viu a maravilhosa demonstração do amor de Deus em seu favor. Ele enviou Seu exército celestial, que você mesmo viu. Nem eu nunca tive esse privilégio. Apenas um daqueles anjos poderia ter liquidado todos aqui, mas Deus ama você. O mesmo Jesus do qual você ouviu falar há quinze anos debaixo das mangueiras, em Lengue, está falando a você hoje.

Era evidente que se travava um terrível conflito no coração de Malisawa. Olhando firmemente para ele, eu disse:

– Prometa-me, meu amigo, que você irá abandonar esta vida de crimes.

Ao ouvir essas palavras, Malisawa baixou a cabeça.

– Não! – disse ele com a voz embargada pela emoção. – É impossível. Para mim, já é muito tarde.

– Se fosse tarde, o Senhor não lhe teria dado essa evidência de Seu amor.

Uma vez mais, ele baixou a cabeça. Finalmente, depois de longo tempo e em profunda angústia, quase sussurrando, ele disse:

– Certo, pastor. Eu vou lhe dar a minha palavra. Oh, por favor, ore por mim. Eu não sei o que irá acontecer.

E Malisawa cumpriu a palavra. Daquele dia em diante, todo o derramamento de sangue e destruição perpetrados por esse terrível guerreiro e suas tropas se acabaram. Com grande tristeza, soubemos que pouco depois Malisawa foi morto por um de seus camaradas. No entanto, mesmo sua morte não conseguiu pôr fim à paz que ele havia restabelecido na região de Katanga.

Não faz muito tempo, tive a oportunidade de visitar aquele lugar outra vez e pude observar como a mensagem da salvação em Jesus está alcançando muitas pessoas ali. E, de fato, pude recordar vividamente aquele momento em que Deus não somente nos salvou da morte certa, como também realizou um milagre que, em

certo sentido, foi muito maior: Ele estendeu a mão e, com a mensagem do Seu terno e maravilhoso amor, tocou o coração de um homem que parecia totalmente inalcançável.

O CAVALEIRO VESTIDO DE BRANCO

MINON HAM



A tarde estava extremamente quente e sufocante. O trote dos cavalos levantava nuvens de poeira que se espalhavam por toda parte, cobrindo o rosto dos cavaleiros exaustos. A trilha levava montanha acima, ao longo do Quindio, a grande faixa central dos Andes colombianos.

Os pés empoeirados de Harold Brown batiam em sua bolsa contendo doze dos quinze livros colocados nela, quando ele e Túlio partiram da capital havia mais de uma semana. As vendas não tinham sido nada animadoras.

Harold ficava se perguntando se, afinal, teria sido uma decisão acertada dedicar algum tempo depois do período de aulas na faculdade, naquele ano de 1917, viajando pela América do Sul vendendo literatura cristã. Ele precisava de dinheiro para manter-se durante o quinto ano do curso teológico, mas, certamente, algo mais forte que dinheiro o havia levado à Colômbia. Ser o primeiro a pisar ali fazia tudo valer a pena. Sim, ele seria o primeiro adventista do sétimo dia a percorrer aquelas trilhas da Colômbia com a mensagem do advento. “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz”, ele havia lido em Isaías 52:7. E agora o sonho se tornava realidade, ele estava ali!

Naquele momento, só percebia as patas dos cavalos que se erguiam penosamente remexendo a poeira. Ele nunca havia imaginado que viajar a cavalo seria tão cansativo.

Túlio, um moço colombiano que ele havia contratado para acompanhá-lo, também já estava bastante desanimado. E o que Harold poderia fazer para animá-lo? Algumas das casas por onde passaram nunca tiveram um livro de qualquer espécie. A maioria das pessoas era muito pobre. Harold percebia agora que os homens dessa região da montanha tinham bem poucas perspectivas. Eles estavam mais interessados em cerveja e em jogar o tejo.

Ao ver como era a triste a situação na taberna de onde haviam acabado de sair, Harold ficou pensando nos oito ou dez homens descalços, com sombreros pretos de

feltro, ponchos de lã cinza sobre os ombros, com os olhos avermelhados por causa da cerveja e da aguardente – uma bebida acertadamente chamada de “água de fogo”. Eles falavam e gritavam durante o jogo de tejo, quando os dois colportores chegaram. Era mais ou menos parecido com o jogo de ferraduras americano, e Harold decidiu ficar olhando os homens lançarem as ferraduras. Nesse jogo, porém, as estacas utilizadas como alvo eram cobertas com pó de pólvora, e cada lance vencedor provocava o som de uma explosão. As explosões e os gritos inflamados dos jogadores faziam o local parecer um campo de batalha.

Harold e Túlio aguardaram até que o jogo acabasse, e os homens voltassem para o galpão aberto da taberna, coberto de sapé, para mais uma rodada de drinques. Então os moços amarraram os cavalos e entraram também. Os homens ficaram espantados quando os dois explicaram que não bebiam aguardente nem mesmo cerveja. O proprietário então, gentilmente, ofereceu-lhes água, indicando um barril que tinha para armazenar água da chuva atrás da casa. Os mosquitos fervilhavam à volta do barril, e quando a filha do dono do bar trouxe a água em um totumo, uma cuia feita de uma espécie de fruto da região, a água tinha um gosto ligeiramente amargo. Harold esperava que não tivesse muitos parasitas. Ele havia aprendido sobre as amebas nas aulas de Biologia – que quando passavam para dentro do corpo de uma pessoa, poderiam provocar todo tipo de sintomas desagradáveis.

Com a sede parcialmente saciada, Harold tirou os livros e começou a mostrá-los àqueles homens no melhor espanhol que conseguia falar (que era na verdade ainda bastante entravado e hesitante). Falou sobre os benefícios daquela literatura. Todos se reuniram em torno dele, divertindo-se com o sotaque e com sua engraçada maneira de falar. No entanto, quando o colportor perguntou quem gostaria de adquirir um exemplar do livro, o clima mudou.

– A safra de café foi muito pequena, e eu acabei de pagar a conta da minha cerveja ontem – disse um deles sorrindo maliciosamente para o dono do boteco. – Estou liso! – deixando reluzir um grande dente de ouro, com uma falha de cada lado.

Harold voltou-se para um jovem que tinha uma aparência sincera e parecia ter boas intenções:

– Se eu pelo menos soubesse ler – disse o moço encolhendo os ombros.

Um homem alto, com um grande bigode preto cuspiu no chão imundo.

– Este livro me parece com alguma coisa feita por um *diablo de protestante* [um diabo protestante] – disse ele zombando. – O que eu deveria fazer com isto, *señores*? Levar para casa e colocá-lo na mesa ao lado da vela e da imagem da Virgem,

eu acho. Assim, quando o padre vier batizar meu filho mais novo e levar a coleta das duas galinhas que lhe prometi, não ficará surpreso ao ver a minha nova “biblioteca”.
– E todos riram ruidosamente.

– Acho que vocês dois são os primeiros protestantes que tivemos a honra de ver por estes lados – acrescentou ele, deleitando-se na aprovação de todos – e sabemos muito bem o que fazer com vocês. Ele fechou um pouco os olhos. Suas mãos, como que distraidamente, começaram a deslizar pelo cabo do facão que tinha pendurado do lado esquerdo. De repente, sua mão direita moveu-se como um relâmpago, e os afiados gumes de uma faca de mais de 30 centímetros brilharam à luz do sol. Deu alguns golpes contra a estaca que servia de alvo para o jogo e colocou novamente a faca na bainha. Harold observou-o passando a língua nos lábios todo satisfeito, como se tivesse acabado de marcar um ponto muito importante.

“E eu entendi claramente o que ele quis dizer”, pensou Harold, colocando novamente os livros no alforje. Ele e Túlio montaram nos cavalos e puseram-se a caminho outra vez. Durante o trajeto, ele se perguntava sobre o que era pior: o calor sufocante da tarde anterior ou o frio que penetrava até os ossos àquela altitude nas montanhas, quando o sol se punha atrás dos Andes. Ficava imaginando também onde ele e seu companheiro iriam pendurar as redes naquela noite. Talvez pudesse ser em La Granada, uma aldeia da qual haviam ouvido falar, do outro lado da encosta que estavam subindo. Mas qual seria o propósito de tudo aquilo?

Eles cavalgaram em silêncio por longo tempo. Harold esperava não encontrar mais os homens das montanhas por enquanto; estava muito desanimado para fazer o mesmo discurso outra vez. Entretanto, agora havia um homem lá em cima na trilha. Parecia ter parado para deixar o cavalo descansar e estava esperando que os moços o alcançassem.

– *Buenas tardes, señores!* – No mesmo instante, Harold notou que aquele estranho era diferente dos outros homens que eles haviam encontrado. Para começar, ele estava vestido de um branco impecável em meio àquela deserto que era só poeira. Seu sorriso aberto e o rosto amigável refletiam confiança e integridade.

– *Para donde van, jóvenes?* [Para onde vocês estão indo, jovens?] – Sua voz era muito agradável e polida.

– Estamos tentando chegar à aldeia pela montanha antes de o sol se pôr. O senhor acha que vamos conseguir? – Harold, Túlio e os cavalos estavam muito cansados.

– É um pouco distante, mas vocês chegarão a tempo. – O estranho falava com voz grave e com segurança. Então olhou para o alforje de Harold. – O que traz vocês até

esta região tão distante? – perguntou educadamente.

– Estamos vendendo livros que contam a história da vida de nosso Salvador e de Sua breve volta. Mas – Harold ouviu a si mesmo dando continuidade a uma conversa da maneira mais imprópria possível para um colportor – quase ninguém parece estar interessado em nossos livros. Acabei de decidir que vamos desistir desse trabalho.

Por que ele disse aquilo? Ele nem havia admitido isso para Túlio, talvez nem a si mesmo. E agora estava dizendo isso a um estranho?!

O homem sorriu para os moços e disse:

– Amigos, nem pensem em fazer isso. Existem mais famílias do que vocês imaginam esperando por essas boas-novas. Deus vai guiá-los e lhes dará todo êxito.

Ele tirou o chapéu e acenou aos moços para irem em frente. Harold refletiu profundamente enquanto continuava a marcha. Como as palavras daquele homem estranho podiam tê-lo afetado tão poderosamente? De alguma forma, ele sentiu a esperança do êxito renascer mais uma vez no coração.

No caminho, tiveram que contornar algumas pedras grandes que surgiram no solo e então começaram a descer por uma trilha íngreme ao longo de uma queda d'água, em pé no cavalo e com os pés no estribo mais fundo que podiam. Mais embaixo, o córrego formado pela queda d'água bloqueava o caminho e eles tinham que atravessá-lo, como já haviam passado por tantos outros naquele dia. De repente, a égua de Túlio, que estava mais à frente, tropeçou na beira do barranco. Antes mesmo que o rapaz conseguisse pular, cavalo e cavaleiro foram arremessados de cabeça para dentro da água e não conseguiram se levantar.

Harold saltou do cavalo e correu para ajudar o companheiro. A égua de Túlio ficou exatamente como havia caído, com o pescoço dobrado embaixo dela, a cabeça submersa e com água até os joelhos. Ela devia estar morta, imaginou Harold. E Túlio? – Quem saberia? Túlio estava preso debaixo do cavalo morto. Ele teria que ser resgatado rapidamente ou iria se afogar, se também não tivesse quebrado o pescoço na queda.

Harold agarrou-se à cauda da égua e tentou balançá-la para desprender o amigo preso debaixo do animal. O pesado animal não saiu do lugar. Ele lutou o quanto pôde, mas não conseguiu mover todo aquele peso um centímetro sequer.

Na agonia do medo, tentando puxar e empurrar o animal, ele não percebeu a chegada do estranho vestido de branco até que ouviu uma voz vinda da beira do barranco atrás dele:

– *Yo te ayudo, amigo* [Eu te ajudo, amigo!]

Sem nem mesmo parar para arregaçar as calças impecáveis, ele entrou no córrego. Agarrou a cauda do cavalo com uma das mãos. O animal parecia flutuar, saindo para fora do lugar onde estava o moço. Em seguida, ele puxou Túlio pelos pés.

O jovem estava consciente, mas parecia estar com muita dor.

– Oh, minha perna! – disse ele quase sem fôlego. – Não consigo ficar em pé! – e caiu cambaleando na direção do homem que o havia salvado.

Calmamente, o estranho passou a mão ao longo da perna machucada, e então se afastou sorrindo.

– O que aconteceu? A dor passou! Estou bem!

Túlio estava tão bem quanto antes da queda e ficou olhando incredulamente para Haroldo e para o estranho.

– Sim, você está bem. Entretanto, precisa de seu cavalo de volta.

O homem aproximou-se do animal que ainda permanecia quieto com a cabeça dobrada contra o peito e embaixo d'água. Ele tocou um dos flancos do animal suavemente. Houve como que um estremecimento por todo o corpo. Então, a égua se ergueu, deu umas bufadas e se levantou. Depois, ficou parada calmamente diante de Túlio, abanando a cauda.

Os moços tentavam encontrar palavras para dizer ao estranho; mas, com um gesto de autoridade, ele fez sinal para seguirem caminho.

– Vocês precisam ir longe ainda e têm muito a fazer. Já é tarde. *Vayan com Dios* [Vão com Deus]. Ele abençoará o trabalho de vocês.

Meneando a cabeça, os jovens arrumaram a bagagem e montaram nos cavalos. Atravessaram o córrego em silenciosa admiração. Ao subirem na outra margem, eles se viraram para acenar ao estranho que havia ficado ali do outro lado do córrego para lavar seu cavalo.

Não havia cavalo algum nem homem algum que pudessem ser vistos em qualquer lugar.

Daquele momento em diante, Harold Brown nunca mais duvidou de que Deus tinha um tesouro na Colômbia – um povo a ser buscado e preparado para a segunda vinda de Jesus. Nem podia duvidar de que dezenas e dezenas de outros pés seguiriam suas pegadas para a proclamação do evangelho da paz através das montanhas e vales daquele país.

Hoje, há mais mensageiros pregando a tríplice mensagem angélica nas montanhas,

planícies e cidades da Colômbia como nunca antes. Caminham pelas trilhas, no lombo de animais, dirigindo caminhões ou em ônibus lotados. Vão por canoas feitas de troncos, pilotam barcos velozes, voam em pequenos aviões ou grandes jatos. E, com tal começo, poderia algum deles duvidar de que “vão com Deus”?

SUA MÃO
CURADORA
VIRGIL ROBINSON



Em 1894, a Igreja Adventista recebeu do governo da Rodésia (atual Zimbábue) 12 mil acres (4.850 hectares) de terra próximo a Bulawayo, com o compromisso de estabelecer ali um instituto cujo objetivo era ensinar agricultura e comércio aos membros da tribo Makalanga que vivia naquela região.

A incumbência foi aceita com entusiasmo, mas o início desse novo trabalho não foi fácil. Em três anos, seis dos primeiros missionários foram para o túmulo vítimas de malária.

Um dos poucos sobreviventes dessa era de calamidade foi um jovem por nome Harry Anderson, que dedicou 50 anos de serviços ininterruptos ao povo da África.

Em 1926, Harry Anderson e a esposa, Mary, gozaram alguns meses de descanso visitando amigos e familiares nos Estados Unidos. Em setembro, Harry retornou a Angola, onde moravam naquela época. A esposa, que também contraíra a doença, não conseguiu recuperar a saúde suficiente para ir com ele.

Alguns meses se passaram; mas, em vez de se recuperar, Mary começou a sentir dores em um local específico da região baixa do abdômen, que parecia estar ficando cada vez pior. Ela primeiro teve uma consulta com o Dr. Christman, o médico da família, que pediu uma série de exames a serem feitos por um radiologista. Depois de estudar o caso, o radiologista expressou sua opinião dizendo que a Sra. Anderson estava com um tumor nos gânglios linfáticos. O médico da família de Mary, entretanto, estava mais otimista. Ele achava que os raios X não eram conclusivos e que logo ela iria melhorar. Finalmente, o radiologista, mesmo que relutante, consentiu que a Sra. Anderson viajasse outra vez para a África, sob a condição de se colocar imediatamente sob os cuidados do Dr. A. N. Tonge, diretor da Missão Adventista do Bongo, em Angola.

Na África, para sua maior angústia, a dor se tornou mais intensa. Um cuidadoso exame feito pelo Dr. Tonge indicou que o diagnóstico dado pelo radiologista tinha sido, de fato, correto. Ele descobriu um tumor em rápido crescimento nos gânglios

linfáticos maiores.

O Dr. Tonge escreveu ao radiologista que havia examinado Mary nos Estados Unidos mostrando-lhe que seus receios haviam sido justificados. O especialista respondeu: “Espero que o senhor não tenha esperado até agora para operá-la, pois, se não o fez, tenho certeza de que já é tarde demais.”

O pastor W. H. Branson, presidente da Divisão Africana, estava em visita a Angola nessa época, e o Dr. Tonge lhe falou sobre a gravidade do estado da Sra. Anderson.

O pastor Branson ficou preocupado.

– Quais são as perspectivas, doutor? – ele perguntou.

– Humanamente falando, ela tem pouco tempo de vida. Contudo, o senhor e eu sabemos que há um Deus no Céu. Ele pode curar, e algumas vezes o faz, quando é para glorificar o Seu nome.

A seguir, o pastor Branson reuniu os pastores locais. Eles oraram e ungiram Mary Anderson. No entanto, parecia não haver qualquer mudança – nenhuma melhora em seu estado físico. Para Mary Anderson, parecia que a resposta era não. E ela se resignou a morrer.

O Dr. Tonge continuou a visitá-la regularmente.

– Quanto tempo o senhor acha que eu tenho? – Mary perguntou-lhe certo dia.

– Se a doença seguir o curso normal, posso lhe dizer que talvez uns três ou quatro meses.

Chegou a ocasião em que o pastor Harry Anderson deveria participar das comissões de fim de ano na Cidade do Cabo. Imaginando que Mary provavelmente não estivesse viva quando ele retornasse, decidiu levá-la com ele. A Sra. Anderson realizou uma longa despedida para os amigos em Angola, e então eles embarcaram juntos em um navio.

Pouco antes de partirem de Angola, Mary escreveu a seus velhos amigos, pastor Ernest Farnsworth e esposa. Eles souberam como demonstrar a ela toda a simpatia durante a difícil provação pela qual passava. Pediu-lhes que orassem por ela – não para que fosse curada, pois sentia que Deus já lhe havia dito que não, mas que ela pudesse estar pronta para morrer. O casal Farnsworth recebeu a carta justamente quando os líderes adventistas da União do Pacífico estavam em reunião. Eles enviaram imediatamente um telegrama ao presidente da Divisão solicitando orações especiais em favor de Mary Anderson. Ao mesmo tempo, ligaram para a sede mundial da igreja, que era em Washington, DC, pedindo aos líderes que

orassem por ela.

Na Cidade do Cabo, o casal Anderson conseguiu ficar em uma casa bem próxima ao hospital, pois o pastor Harry imaginava que a esposa logo iria precisar de muitos cuidados médicos.

Alguns dias depois, o pastor Branson mostrou ao pastor Anderson uma carta que havia acabado de receber dos obreiros de Bechuanaland (hoje Botswana). Estavam encontrando forte oposição na série de reuniões que realizavam e pediram que enviassem alguém para ajudá-los.

Então o pastor Branson continuou:

– Irmão Anderson, o irmão conhece muito bem o campo de Bechuanaland. O irmão sente em seu coração que poderia ajudá-los? Eu sei que isso é pedir demais a um homem cuja esposa está numa situação tão crítica, e se o irmão sentir que não deve ir, certamente entenderei.

– Deixe-me falar com Mary. Eu lhe darei a resposta o mais breve possível.

Harry falou com a esposa a respeito do pedido. – Mas é claro que eu não poderia nem pensar em deixá-la, justo agora – ele concluiu.

– Por que não? – ela perguntou. – Eu estarei bem cuidada. Se o médico estiver certo, ainda tenho umas quatro ou seis semanas de vida, e você deverá voltar dentro de duas semanas. Vá, Harry. Quando você voltar, as comissões serão realizadas e você poderá me dizer o que eles esperam fazer em favor de Angola no próximo ano.

Harry Anderson tomou o trem que partiu ao entardecer para Mafeking.

Os dias e as noites de Mary eram acompanhados de muita dor. Ela estava tão fraca que quase não podia andar pelo quarto. Até o peso de um simples cobertor provocava muitas dores no corpo. Felizmente, o verão estava se aproximando e não seriam necessárias essas roupas de cama mais pesadas.

Em uma tarde que jamais seria esquecida, depois de olhar o calendário, ela se arrastou até a cama, dizendo a si mesma: “Depois de amanhã, Harry estará de volta. Então poderemos passar mais algum tempo juntos antes que eu o deixe. Ele retornará a Angola sozinho para levar avante a obra que começamos juntos e que tanto amamos.”

Mary chorou, chorou muito. O relógio no corredor bateu oito horas.

De repente, ela começou a sentir uma sensação de formigamento pelo corpo. Iniciou pelos gânglios linfáticos no baixo abdômen, caminhava para cima e para fora. Ela sentia como se tivesse agarrando um eletrodo em cada mão, do qual uma

corrente elétrica corria pelo corpo. Vagarosamente, a sensação de formigamento continuou caminhando para cima até alcançar as axilas, e aí parou. Um terrível pavor se abateu sobre ela. Seria o fim? Estava morrendo? A morte era isso? Ela nunca mais veria Harry outra vez?

Não! Nos momentos seguintes, ela pôde perceber uma nova sensação de vida e bem-estar. A dor havia passado! Ela colocou a mão na região onde era mais sensível e sentiu que estava perfeitamente normal!

Mary se levantou, andou pelo quarto, afastou as cortinas e ficou admirando as luzes da Cidade do Cabo. Deus havia ouvido o clamor de seus amigos, afinal. Ela estava curada! Ela estava bem! Não haveria nenhum funeral para ela, pelo menos num futuro próximo. Como almejava contar essas boas-novas ao marido! A essa hora, ele já estava no trem, viajando pelas suaves planícies africanas em direção à Cidade do Cabo. Ela então se ajoelhou e orou fazendo transbordar toda a sua gratidão a Deus.

Logo depois, deitou-se novamente, mas o sono se recusava a vir. Podia agora fazer planos para o futuro. Os pensamentos se revolviam em sua mente até que já perto do amanhecer ela conseguiu relaxar e dormiu. Quando acordou, o sol já estava brilhando. Ela saiu e foi até o jardim. Jamais o mundo lhe parecera tão belo. Da frente da casa, podia contemplar o azul cintilante das águas da baía, a Table Bay, com a montanha elevando-se majestosa do outro lado, a Table Mountain. Mary olhou para os imponentes penhascos e se lembrou das palavras do salmista: “A Tua benignidade, Senhor, chega até aos Céus, até às nuvens, a Tua fidelidade. A Tua justiça é como as montanhas de Deus; os Teus juízos, como um abismo profundo” (Salmo 36:5, 6).

Depois do desjejum, ela assentou-se à porta de entrada para esperar o carteiro. Ele passou pelo portão, subiu os degraus e lhe entregou várias cartas. Entre elas, estava uma de Harry. Quão atencioso foi ele ao lhe escrever, mesmo sabendo que ia chegar na manhã seguinte.

Entre a correspondência, havia um grande envelope com as seguintes palavras: “A serviço de Sua Majestade”, indicando que estava vindo direto do correio. Abriu o envelope e tirou de dentro um cabograma de B. E. Beddoe, um dos secretários da sede mundial da igreja e devotado amigo pessoal. Então ela leu as emocionantes palavras: “a comissão da Associação Geral está orando por você. São 11 horas da manhã.”

Momentos antes, ela havia se lembrado da diferença de fuso horário entre os dois países. Onze horas em Washington já estava anoitecendo na Cidade do Cabo. Quão

rapidamente o Deus do Céu respondeu àquelas fervorosas orações!

Mary pôde entender então por que o Senhor agiu exatamente naquele momento para curá-la. Em vez de apenas uns poucos ficarem sabendo, a notícia desse milagre iria se espalhar, e ele se tornaria conhecido de milhares.

A manhã seguinte encontrou-a novamente sentada à porta, na varanda, esperando impacientemente por Harry. Dizer a ele o que havia acontecido iria ser a maior emoção da sua vida. Logo ela viu o táxi parando em frente à casa. Ela ficou olhando até que Harry saísse e pagasse o táxi. Quando o pastor Harry a viu descendo os degraus para cumprimentá-lo, mal podia acreditar no que contemplava. Ele correu e abriu os braços para abraçá-la, incapaz de compreender o milagre que via. Ele a tinha deixado quase morrendo, e agora ela estava bem e forte.

Os dois se assentaram juntos na varanda enquanto ela lhe contava como havia sido curada. A seguir, entregou-lhe a mensagem do pastor Beddoe.

Em vez de sepultar a esposa na Cidade do Cabo, Harry Anderson levou-a de volta para Angola, onde puderam continuar juntos o trabalho para Deus por mais cinco maravilhosos anos. Na verdade, Mary Anderson viveu mais de 40 anos depois daquele dia.

DEUS NÃO SE ESQUECE

MIRIAM SAVAGE



“**N**ós não podemos dar uma semana de salário como oferta para a Semana do Sacrifício neste ano”, insisti. “Nosso bebê nascerá em três semanas e ainda preciso comprar muitas coisas para ele. Além disso, nossa despensa está quase vazia.” O salário de meu marido como pastor iniciante na Suécia era bastante modesto e parecia-nos ser quase impossível sobreviver entre um pagamento e outro.

Assentada na igreja, naquela manhã em que seria retirada a oferta, comecei a argumentar com o Senhor. Ouvia uma voz me dizendo: “Coloque o Senhor à prova.” Mas não era isso que eu queria ouvir. Em minha mente, já estava decidida – a oferta podia esperar. Novamente ouvi a voz: “Prove o Senhor”, e novamente respondi: “Não desta vez.” Entretanto, eu me sentia desconfortável e culpada. Meu esposo, que conhecia a batalha que se travava em meu coração, não disse uma palavra. Queria que eu decidisse por mim mesma. Enquanto estava argumentando com o Senhor, os diáconos começaram a passar as salvas. Quando um deles se aproximou de nós, pude ouvir novamente a voz: “Prove-Me.” Aborrecida e de má vontade, tirei 70 *kronors* (coroas, a moeda sueca) da minha carteira e coloquei na salva.

A semana passou e veio a sexta-feira à noite. Naquele momento, não tínhamos comida nem dinheiro, e ainda faltavam três semanas para o próximo pagamento. O bebê deveria nascer antes do fim do mês. Meu esposo e eu concordamos em não dizer nada a ninguém sobre isso, mas esperar para ver o que o Senhor faria.

Às 6h30 da tarde, ele saiu para pregar em uma ilha próxima. Às 7h30, eu estava pronta para me recolher. Antes de ir para a cama, comi o último pedaço de pão duro que havia sobrado, que umedeci com as minhas lágrimas.

Às 8h, a campainha tocou. “Quem poderia ser?”, perguntei-me. Abri a porta com muito cuidado. Ali estava uma mulher desconhecida para mim, carregando uma cesta nos braços. Perguntou-me se podia entrar. Parecia bastante amigável e me lembrava Ellen White, cuja foto eu havia visto.

Depois de se apresentar, ela me perguntou se podíamos ir até a cozinha. Ali ela abriu uma toalha que estava na cesta e começou a tirar os alimentos: arroz, pão, tomates, manteiga e frutas. Não conseguia entender como aquela senhora tinha sido capaz de tirar tanta comida da pequena cesta. Isso me fez lembrar dos cinco pães e dois peixes que foram multiplicados para alimentar os 5 mil.

Cheia de espanto e quase emudecida, comecei a chorar de alegria. Ao nos ajoelharmos, e ainda soluçando, agradei ao Senhor. Estava envergonhada pela minha descrença.

Eu quis saber então o que a levou à nossa casa.

– Vim de outra cidade para ver meu irmão – disse ela – e lhe trouxe estes alimentos. Mas ele não aceitou, insistindo que tinha o suficiente para nós dois. Orei silenciosamente – continuou ela – para saber o que deveria fazer com os que havia trazido. Então uma voz me disse para procurar por uma família de pastor que estivesse passando necessidade. Fui até a casa do pastor Swenson, mas ele negou estar precisando de qualquer coisa. Quando insisti que deveria haver outra família que estava precisando desesperadamente de alimento, ele sugeriu que eu viesse aqui à sua casa.

Depois que a mulher foi embora, abri o livro de visitas para ver o nome dela e encontrei uma nota de vinte *kronors*. Esse dinheiro nos ajudou muito.

Eu estava feliz, mas envergonhada quando meu marido voltou para casa naquela noite. Vi que realmente podia colocar o Senhor à prova, e que se o fizesse, Ele seria fiel às Suas promessas.

Quando Slaviza tinha 13 anos de idade, ela e seus quatro irmãos mais novos ficaram órfãos. Ela começou a lutar bravamente e fazer o seu melhor para sustentar os irmãozinhos. Isso significa que tinha que levantar cedo todas as manhãs e trabalhar duro até tarde da noite. Depois de haver levado essa pesada carga por oito anos, contraiu tuberculose. Por algum tempo ainda, ela tentou fazer o que podia nas tarefas domésticas, muitas vezes da sua cama mesmo, mas logo sua saúde piorou e ficou claro que ela deveria ir para o hospital.

Diante da preocupação que tinha em deixar os irmãos sozinhos, certo dia, ela teve um sonho que a deixou muito impressionada. No sonho, viu Jesus carregando um livro debaixo do braço. Ele olhou para ela e perguntou:

– Slaviza, você está bem?

– Não, Senhor – ela respondeu –, estou muito doente.

Ele então segurou o livro aberto diante dela dizendo:

– Leia este livro e você vai ser curada.

Quando Slaviza contou seu sonho ao padre da paróquia, que veio visitá-la, ele lhe disse que seria melhor se esquecer do sonho, e deixou com ela um pequeno livro contendo as histórias dos santos. Slaviza percebeu que esse não era o livro que havia visto no sonho.

A atendente que cuidava de Slaviza no hospital era muçulmana. Certo dia, um homem que veio visitar essa moça perguntou-lhe sobre uma revista que vira sobre a mesa. Ela lhe disse que era uma revista para mulheres e que não tinha nada de interessante para ele.

Depois que o homem saiu, Slaviza perguntou se poderia dar uma olhada na revista. Ela logo percebeu que era uma revista religiosa e ficou bastante interessada nela. O que Slaviza não sabia é que era uma revista da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e que a mulher muçulmana estava interessada na mensagem adventista.

SLAVIZA RECEBE UMA BÍBLIA

Alguns dias depois, um pastor adventista visitou Slaviza, levando-lhe revistas e livros, entre os quais havia uma Bíblia. Ela reconheceu que aquele era o livro que Jesus estava carregando em seu sonho.

Os membros da igreja adventista local começaram a ministrar um curso bíblico para ela. Ao prosseguir nos estudos, Slaviza descobriu a harmonia e a beleza que há na mensagem adventista. Ela aceitou a mensagem e foi batizada.

Com o passar do tempo, sua saúde piorou muito, e o pneumologista declarou que não havia mais esperança para ela. Segundo o médico, ela viveria apenas alguns meses mais. Para dar-lhe um pouco mais de tranquilidade e conforto, ele achou por bem transferi-la para um hospital maior e com mais condições.

Depois que ouviu o prognóstico desanimador sobre seu estado, Slaviza puxou o lençol sobre o rosto e chorou o restante daquele dia. O relato a seguir foi dado pela própria Slaviza, ao lembrar o que aconteceu depois.

“Então eu me lembrei do sonho, do precioso livro que tinha visto e da certeza que o Salvador havia me dado de que eu iria sarar se lesse o livro. Com novo ânimo, peguei a Bíblia e comecei a lê-la. Nela, eu li que Cristo havia ressuscitado Lázaro da morte e o tirado do túmulo, então pude compreender que nada é impossível para Deus. Pedi aos membros da igreja que orassem por mim e acreditei que Deus, em Sua misericórdia, poderia atender às orações que eles faziam em meu favor. Fui transferida para o outro hospital, e foi um grande conforto receber todo o carinho e cuidado que eles demonstraram por mim lá. Entretanto, assim como o pneumologista havia diagnosticado, minha saúde continuava a se deteriorar. Fiz alguns exames mais, e uma equipe de dez médicos se reuniu para estudar o meu caso. Disseram, então, que eu devia me preparar para morrer.

“Quando ouviram isso, os outros pacientes do hospital passaram a me tratar com grande simpatia. Alguns deles, porém, chegavam perto da minha cama, davam um tapinha no meu rosto e diziam: ‘Esta é a pobre moça que está para morrer.’ Sentindo que a situação estava se tornando insuportável, perguntei ao meu médico se ele daria permissão para eu ir para casa.

“Ao voltar para casa, confiei meus trabalhos e responsabilidades ao meu irmão mais velho e aos membros da igreja. No sábado seguinte, a igreja decidiu realizar um dia especial de jejum e oração por mim. Logo depois, comecei a me sentir melhor e a ganhar peso. A cada dia parecia ter mais força e me sentir mais forte.

“Depois de três meses, voltei ao pneumologista que havia me enviado ao outro hospital. Ele olhou para mim como que não podendo acreditar no que via. ‘O que aconteceu com você?’, ele perguntou. A surpresa em sua voz era evidente. Ele pediu outros exames de sangue e raios X. Depois que saíram os resultados, ele me disse: ‘Sua saúde está excelente. Até as manchas que havia em seus pulmões desapareceram. Isto é incrível!’

“Ele me deu um atestado de saúde e disse que eu poderia voltar a trabalhar. Tenho certeza de que eu era a jovem mais feliz do mundo ao retornar ao trabalho, podendo cuidar de meus irmãos novamente.

“Depois de um ano, como estava forte e saudável, decidi voltar ao hospital onde havia sido dada a minha ‘sentença de morte’. Fui até lá porque desejava dar a eles o meu testemunho de glória a Deus.

“Pedi para ver o médico-chefe e cumprimentá-lo. Assim que o encontrei, eu lhe disse: ‘Sou a moça a quem o senhor sentenciou à morte há um ano.’ ‘Isto não é verdade. Não pode ser você!’, exclamou ele.

“Havia levado comigo os resultados dos últimos exames de sangue e as radiografias, e os entreguei a ele. E então ele me perguntou: ‘O que você fez, que se recuperou?’ Eu respondi que foi por ler a Bíblia de acordo com o que sonhara. Mencionei também como os membros da igreja haviam jejuado e orado por mim. ‘O senhor disse que eu iria morrer, mas Deus me curou.’

“Compreendi então que minha experiência era muito preciosa para ser mantida em segredo. Dessa forma, comecei a testemunhar e a partilhar com outros o que Deus fizera por mim. Muitos que poderiam não ter interesse em ouvir o evangelho por outros meios estão desejosos de ouvir meu testemunho e são inspirados a crer. Deus seja louvado!”

O BARCO VIROU

INGVAR SALVESEN



CONFORME RELATADO A ADRIAN KROGSTAD

Quando o sol começou a brilhar no céu todo azul, a brisa suave provocava ondas quase imperceptíveis nas águas da baía. Num dia perfeito assim, ficava ansioso para me aventurar no mar com meu veleiro de mais de quatro metros.

Havia saído na noite anterior para pescar, e fui bastante afortunado, pois peguei uma grande quantidade de peixes. Pretendia, então, atravessar aquele golfo estreito e profundo no qual estava pescando para trocar alguns peixes por leite e tomates.

A Segunda Guerra Mundial estava se estendendo; por isso, quase todos na região onde morávamos sofriam muito com a escassez de alimento e leite fresco. As pessoas eram forçadas a dividir o pouco que tinham com os soldados nazistas que ocupavam o país.

Por muitos anos, eu havia sido o encarregado de um importante farol à entrada de um golfo na Noruega. O tráfego de navios e de outras embarcações era bastante pesado; por isso, era muito importante manter o farol sempre aceso. O abastecimento de alimentos naquele posto isolado era bem mais precário que no restante do continente.

A brisa suave tornou a minha viagem bastante agradável. De qualquer forma, sabendo como os ventos podem ser traiçoeiros, fiquei atento. Uma rajada de vento inesperada poderia facilmente virar a pequena embarcação. Apesar de estar sempre alerta, o que eu temia aconteceu. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, uma súbita rajada de vento virou o bote, e eu me vi sentado no fundo do barco virado para cima, com a água gelada até a cintura. Um remo que consegui arrancar da embarcação serviu-me de apoio e me ajudou a manter o equilíbrio. No entanto, pelo fato de a água no Ártico ser extremamente gelada na época em que ocorreu esse acidente, compreendi que estava em grande perigo de perder a vida.

Como o local onde eu estava era bem distante da praia, olhei à minha volta desesperadamente para ver se havia qualquer embarcação se aproximando. Não havia nada – ninguém podia ouvir meus gritos pedindo ajuda. Implorei então a Deus que me livrasse da morte, se isso estivesse de acordo com a Sua vontade.

Meus pensamentos se voltaram para minha família e para a minha esposa. Eu a imaginei como viúva, tendo que cuidar de seus filhos órfãos de pai. Quão difícil iria ser isso para ela em um tempo impiedoso de guerra.

Ela estava realizando seus afazeres no lar, sem ter noção alguma da perigosa situação que eu enfrentava. Mais tarde, eu soube que aproximadamente àquela hora ela teve uma profunda impressão de que algo terrível estava acontecendo comigo. Deixando de lado a costura, ela foi até o quarto e orou em meu favor.

VOCÊ TEM QUE IR!

Em um porto que ficava a pouco mais de quatro milhas marítimas de onde eu estava flutuando, três homens aguardavam a bordo de um barco pesqueiro. Eles estavam lá para comprar tomates e leite dos camponeses da redondeza. O dono do barco havia concordado em esperar até a hora de o agricultor ordenhar as vacas para também levar leite fresco para casa.

Mal terminaram de carregar as caixas de tomate e o capitão ouviu distintamente as palavras:

– Pedro, você tem que ir!

Assustado, ele questionou: – Eu tenho que ir?

– Sim, você tem que ir – foi a resposta.

Ao encontrar o camponês e os demais companheiros, disse a eles que teriam que partir imediatamente. Eles ficaram surpresos, pois parecia que ele havia perdido o interesse de esperar pelo leite.

O camponês insistiu:

– Ainda é muito cedo para ordenhar as vacas, mas se o senhor esperar por mais ou menos meia hora, poderá levar os galões cheios de leite fresquinho. Não vai fazer diferença alguma se chegar meia hora mais tarde em casa.

Isso parecia razoável. Pedro pensou por um momento, mas ainda sentia a forte sensação de que deveria partir imediatamente.

– Vamos! – disse ele aos companheiros.

Eles correram até o cais, ligaram o motor e rumaram para casa.

Enquanto isso, eu sentia minhas forças se esvaindo rapidamente. Estava congelando. Parecia-me que seria melhor desistir e dormir tranquilamente na água, onde poderia descansar em Jesus. No entanto, ao vislumbrar o clarão do barco de Pedro a distância, meu coração se encheu de nova esperança.

A bordo, Pedro percebia que o barco tinha uma certa tendência de seguir o próprio curso. Se os pescadores tivessem a possibilidade de determinar a direção do barco, eles passariam por mim a uma distância em que seria impossível me verem.

“VOCÊ TERIA MORRIDO!”

Quando me avistaram, a primeira impressão que tiveram foi de que era uma boia flutuando, mas quando levantei debilmente o remo para acenar para eles, perceberam que havia um homem em perigo na água.

Com cuidado, eles me puxaram a bordo, levaram-me para a cabine e me deram roupas secas. Depois, colocaram-me em um beliche e massagearam meus braços e pernas congelados para restaurar a circulação.

– Alguns minutos mais, e você teria morrido – Pedro observou. – Suas pálpebras estavam tão congeladas que você não estava nem piscando.

Então ele me contou sobre aquele sentimento que fez com que deixasse de levar o leite.

– Agora sei por que eu insistia tanto em partir e o motivo pelo qual parecia que mãos invisíveis dirigiram o barco até o lugar onde você estava flutuando.

Estou convencido de que o Senhor interveio nesse dia fatídico, salvou minha vida e me devolveu à minha família que precisava de mim.

Nos anos que se seguiram, toda vez que Pedro e eu conversávamos sobre essa experiência marcante em nossa vida, quase não podíamos conter as lágrimas. Pedro sempre foi cristão. Ele já faleceu há vários anos. Minha esposa e eu somos adventistas do sétimo dia. Embora não possamos entender por que Deus intervém para ajudar Seus filhos em certas ocasiões e em outras não, estou agradecido por Seu amoroso cuidado e proteção em meu favor.

A CASA QUE TREMEU

JOSÉ MARTÍNEZ



No mês de outubro de 1922, o autor destas linhas era um jovem de 18 anos de idade, que morava em Barranquilla, na Colômbia. Ele havia obtido um exemplar da Bíblia Sagrada e começou a descobrir a mensagem de paz e de salvação encontrada em suas páginas.

Estava tão fascinado pelo livro sagrado que o lia dia e noite. Enquanto lia, descobriu, para sua grande surpresa, o mandamento bíblico que ordena a observância do sábado como dia de descanso. Avidamente pesquisou toda a Bíblia procurando encontrar alguma prova de que o mandamento para a observância do sétimo dia havia sido mudado, mas o que descobriu foi exatamente o contrário. Bastante perplexo, ficou convencido de que essa prova não existe.

Foi quando ele estava assim aborrecido e cheio de ansiedade que a Providência divina o colocou em contato com a única pessoa na Colômbia que poderia ajudá-lo. Antonio Redondo também havia descoberto recentemente a verdade bíblica a respeito do sábado, mas não era um novato nos ensinamentos da Bíblia. Ele era pastor de uma congregação evangélica e tinha excelente formação teológica.

Quando Martínez ouviu uma explanação de Redondo sobre as preciosas verdades a respeito da breve volta de Jesus e do dia de descanso bíblico, abraçou essas verdades de todo o coração e foi batizado pelo pastor Max Trummer, assim como Redondo e 15 outros novos crentes. Esses foram os primeiros adventistas na Colômbia.

José Martínez estava convencido de que, para ele, a coisa mais importante da vida era partilhar as maravilhosas verdades que havia encontrado. Realizou um longo e frutífero ministério como colportor-evangelista, e mais tarde como pastor, depois que foi ordenado em 1943. Ele faleceu em 1983, em Medellín.

A história a seguir apresenta uma das muitas experiências extraordinárias que marcaram o trajeto de sua vida. O relato foi gravado em 1980, pelo próprio pastor Martínez.

Pouco depois da minha ordenação, saí para visitar as igrejas e grupos que estavam

sob meus cuidados. Em Sincelejo, fui convidado por dois pregadores voluntários para acompanhá-los em uma visita a um grupo que haviam estabelecido recentemente na parte sudeste da pequena cidade de El Roble. Encontrei lá um grande número de pessoas interessadas na mensagem do evangelho. Assim, na sexta-feira à noite e no sábado de manhã, realizamos as reuniões com os fiéis que viviam ali, e naquela tarde dirigimos uma conferência pública na praça da cidade, com a permissão das autoridades.

Estávamos na metade da reunião quando fomos atacados por uma multidão liderada por um homem que era conhecido como um religioso fanático. Eles começaram a nos atirar pedras e procuravam abafar o som da nossa voz com o barulho que faziam. Temendo que alguém pudesse ser ferido, suspendemos a reunião e fomos todos para casa.

Naquela mesma noite, já eram mais de 11 horas quando soou um alarme e ouvi, por acaso, alguém dizendo na rua que a casa estava tremendo. Na manhã seguinte, toda a cidade estava em tumulto, e as pessoas vinham de longe e de perto para ver essa casa que estava tremendo violentamente. Era uma cantina que pertencia àquele homem que havia nos atacado com pedras na reunião de sábado, na praça da cidade.

No domingo à noite, dirigi outra conferência pública com uma audiência muito maior que na anterior e, tomando o exemplo da casa que sofreu o tremor, preguei sobre os terremotos e sinais do fim do mundo. Nessa ocasião, não havia desordem alguma nem zombarias.

Na tarde de segunda-feira, um jovem veio falar comigo. Percebi que ele estava nervoso e preocupado com alguma coisa. Quando lhe perguntei qual era o problema, ele disse:

– Eu sou o dono da casa que tremeu e perdi tudo; minha cantina está destruída, e todas as garrafas se quebraram. Ontem eu fui até Corozal para falar com o padre e ele me disse que há um vulcão debaixo da minha casa. Pedi a ele que viesse e benzesse a casa para que parasse de tremer, mas ele se recusou. Disse-me que benzer a casa não ia impedir minha casa de cair, que o melhor que eu tinha a fazer era pegar as minhas coisas e ficar o mais longe possível, pois poderia haver uma explosão. Eu não me contentei com a explicação do padre; assim, à tarde, procurei uma mulher que mora a mais ou menos 15 quilômetros daqui, e que é uma feiticeira famosa. Ela falou que não há vulcão algum debaixo da minha casa. “O que está acontecendo é que há um homem bastante sábio que você está tentando prejudicar, e é esse homem que fez sua casa tremer, assim, você precisa tomar cuidado com

ele.”

– Ela lhe disse o nome desse homem? – perguntei.

– Não, ela não me disse o nome, mas me mostrou o rosto dele num prato de água mágica, e eu acho que é o senhor.

Contei a ele o que aconteceu com Saulo de Tarso, que perseguia os cristãos e que se encontrou na estrada com Jesus de Nazaré, mas ele não demonstrou interesse em me ouvir. Saiu e foi ver sua casa, que ainda continuava tremendo. Por ordem do juiz, não pude realizar a conferência pública naquela noite, pois esse homem estava ameaçando me matar.

Na manhã seguinte, bem cedo, parti de Sincelejo prometendo aos fiéis dali que voltaria no fim do trimestre para fazer o batismo de todos aqueles que estivessem preparados. Os instrutores bíblicos continuaram a visitar aquele lugar todas as semanas, e na data marcada voltei.

Na sexta-feira, dirigi a classe batismal e, para minha surpresa, 18 novos fiéis estavam preparados. No sábado pela manhã, após o sermão, fiz o exame dos candidatos. E então, logo mais à tarde, fomos a um local cerca de 6 quilômetros da cidade, onde havia um riacho, para realizar o batismo.

Quando chegamos lá, encontramos praticamente toda a cidade à nossa frente. Ficamos com medo de que houvesse algum tipo de desordem, mas não houve nada, tudo transcorreu calmamente.

Depois do batismo, voltamos à cidade, e logo na primeira esquina vi um homem que estava olhando para mim com expressão de ódio. Eu o cumprimentei dizendo “*Buenas tardes*”, mas ele respondeu xingando e falando palavras obscenas. Perguntei aos membros da igreja quem era aquele homem, e eles disseram:

– O senhor não o reconheceu? Ele é o dono da casa que caiu por causa do tremor de terra.

– Então, qual foi a causa do tremor? – perguntei. – Quanto tempo durou?

Eles responderam:

– A casa continuou a tremer até bem pouco tempo atrás, por mais de quatro meses, e certamente foi Deus quem fez isso. O homem está furioso com os adventistas novamente, e o senhor pode ver isso pela atitude que ele teve agora. Está irado principalmente contra o senhor, pois a feiticeira disse a ele que foi o senhor quem fez a casa tremer.

Dali, fomos para o local das reuniões. Os recém-batizados e outros que tinham

vindo de Sincelejo reuniram-se para juntos celebrarmos a cerimônia da humildade e a Ceia do Senhor, e logo depois o culto de pôr do sol. Após as reuniões, todos voltaram para casa para comer, planejando retornar por volta das 8 horas da noite para mais uma conferência pública.

Bem antes da hora marcada, a rua em frente à casa que estávamos reunidos estava cheia de pessoas atraídas pelo som de uma banda de músicos que tocavam música popular com o som no máximo volume.

Quando tudo estava pronto e era a hora de começar a conferência, abri a porta e pedi aos músicos que fizessem um pouco de silêncio para que pudéssemos começar nossa reunião. Quando fiz isso, o dono da casa que foi danificada pelo tremor agarrou-me à força, violentamente, e tentou me arrastar até a rua. Eu me agarrei à porta, e uma senhora da igreja, Vicenta Porrota, segurou meu outro braço. Usando toda a força que podia, ela me puxou para dentro da casa e fechou a porta.

Dessa maneira, fui salvo daquele homem que queria se vingar de mim pelo que havia acontecido com sua casa. Assim mesmo, a música continuou, seguida de uma chuva de pedras que caíam sobre o telhado de zinco e sobre as paredes do local. O barulho era ensurdecedor. Parecia que a casa ia cair sob aquela chuva de pedras. Todos nós, homens e mulheres que estávamos dentro daquela casa, nos ajoelhamos para pedir a Deus que nos livrasse daquela turba furiosa.

Naquele momento, exatamente quando estávamos todos ajoelhados, um homem entrou pela parte dos fundos da casa e se ajoelhou ao meu lado. Ele era o esposo de uma das mulheres que haviam sido batizadas naquele dia, com seus dois filhos. Esse homem ficou contra a esposa e o restante da família quando aceitaram as novas doutrinas. Naquele dia, ele estava do lado de fora do local das reuniões, e quando viu a multidão enfurecida, incitada pelo homem cuja casa foi afetada pelo tremor, deu a volta por um terreno baldio que havia nos fundos e conseguiu entrar ali. Estava desesperado para saber o que havia acontecido com a esposa e os filhos. Quando ele entrou e nos viu todos ajoelhados, ele também se ajoelhou e abriu o coração a Deus, prometendo tornar-se um adventista do sétimo dia e ser batizado na próxima vez que o pastor voltasse à cidade.

Antes mesmo de acabarmos de orar, a música e toda aquela gritaria cessou e a rua em frente à casa ficou deserta. Na manhã seguinte, saí bem cedo.

Um dos meninos que estavam conosco naquela noite, chorando e se agarrando à blusa da mãe em El Roble, é o estimado professor Benedicto Romero, que lecionou por vários anos no Icolven (hoje a Universidade Adventista da Colômbia).

Dizem que o proprietário da casa que tremeu está bastante idoso, arruinado pelos maus caminhos que tomou na vida e que ainda não se arrependeu.

SALVO DE UM TORPEDO

DR. LAWRENCE JOERS

10

Nosso Pai celestial responde até mesmo às orações mais simples de Seus filhos. Muitas vezes, quando me encontrava em dificuldades e não enxergava nenhuma saída, por exemplo, quando estava em cirurgia, elevava uma oração silenciosa ao Céu e via as dificuldades se dissiparem.

Sei que é assim por causa de algo inesquecível que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, ocasião em que atuei como oficial médico de um navio no sul do Pacífico.

O navio no qual estava servindo fazia parte de uma grande força-tarefa envolvida numa terrível batalha contra navios e aviões inimigos. Em meio ao furor do combate, tive que ir até a enfermaria do navio para socorrer um marinheiro ferido. Enquanto me preparava para cuidar do ferimento, de repente, veio-me a impressão de que estávamos em grande perigo e que deveria orar. Enquanto atendia aquele paciente, orava silenciosamente pedindo a proteção de Deus para o navio e para mim mesmo.

No momento seguinte, ouvi em forte estrondo vindo do lado direito da embarcação. Mesmo com todo aquele barulho, achei que não fosse nada pior. Entretanto, mais tarde, um oficial muito agitado e nervoso contou-me que três torpedos foram vistos indo diretamente para o nosso navio, mas nenhum deles causou dano algum.

O fato me surpreendeu. Minha surpresa, porém, transformou-se em espanto pouco depois, quando fui até a ponte para informar o capitão. Suas primeiras palavras foram:

– O Deus Todo-Poderoso guardou este navio hoje.

Com certeza, concordei com ele.

Então, ele se apressou em me explicar que tinha visto não três, mas quatro torpedos, um em seguida do outro, indo na direção do navio.

– O que aconteceu foi algo impossível – disse ele, meneando a cabeça, quase que

sem acreditar no que tinha visto. – O primeiro não conseguiu alcançar a proa do navio. O segundo veio direto em nossa direção, quando, de repente, deu um mergulho profundo e passou por baixo. O terceiro passou por trás de nós. – Ele fez uma pausa e continuou em silêncio, ainda balançando a cabeça e cheio de admiração – O outro bateu no lado direito do navio – ele parou de falar novamente, e depois acrescentou –, mas não explodiu!

Foi esse último torpedo que provocou o som da grande pancada que eu ouvi, exatamente enquanto trabalhava bem próximo à colisão. Caso o torpedo tivesse explodido, teria destruído completamente a enfermaria. Diante de tudo o que ocorrera, a destruição parecia inevitável, mas conseguimos navegar fora das garras da morte.

Levando em conta os relatos dos oficiais que viram os torpedos caírem, estou convencido de que aquele sentimento de que estávamos em perigo enquanto me encontrava na enfermaria não foi consequência do medo ou de uma mente exausta pelo cansaço da batalha. Assim que foi possível, ajoelhei-me e orei com o coração transbordante de louvor e gratidão a Deus. Ele havia ouvido a minha oração e cumprido Sua promessa: “Invoca-Me no dia da angústia; Eu te livrarei, e tu Me glorificarás” (Salmo 50:15).

Hoje, a oração não é simplesmente um experimento para mim – é uma necessidade. Já não vou mais me perguntar se Deus vai me ouvir. Eu sei que Ele ouve. Quando peço alguma coisa de acordo com Sua vontade, estou certo de que a resposta vem imediatamente e que no fim será o melhor para mim.

Uma simples oração respondida pode ser uma coincidência. Mesmo duas poderiam ser consideradas fruto do acaso. Entretanto, durante toda a minha vida pude constatar, com alegria, que nosso Pai celestial está disposto – na verdade, Ele está ansioso – por ouvir e responder às nossas orações.

“EU VIM PARA CURAR VOCÊ”

ROSE SLAYBAUGH



Meu marido, Roy, e eu éramos já de meia-idade quando começamos a estudar a Palavra de Deus. Recebemos as verdades bíblicas com grande entusiasmo e passamos a desfrutar de uma maravilhosa experiência ao lidar com as coisas de Deus. Não demorou muito e decidimos nos dedicar em tempo integral a partilhar a bela experiência de paz e felicidade que encontramos em Jesus. Assim, arrendamos as nossas terras, colocamos nossos móveis em um depósito e nos despedimos de nossos amigos.

Partimos de Spokane no fim de fevereiro e fomos para o Sul, dirigindo ao longo da costa do Pacífico e orando em cada parada para pedir que o Senhor nos dirigisse.

Finalmente, chegamos a Gold Beach, no Oregon, na desembocadura do rio Rogue, e achamos que aquele seria um bom lugar para ficarmos por algum tempo. Alugamos uma pequena casa e procuramos nos familiarizar com a região ao nosso redor.

Certo dia, depois de estarmos lá por várias semanas, eu disse a Roy:

- Sabe, viemos até aqui para falar das boas-novas, e não fizemos nada até agora.
- Tenho pensado nisso – respondeu ele. – Talvez devêssemos começar logo, mas como vamos iniciar um trabalho aqui se não conhecemos ninguém?
- Posso chamar a nossa vizinha que mora do outro lado – eu lhe disse.
- O que você vai dizer a ela? – Roy me perguntou um tanto indeciso.
- Ah, não se preocupe com isso. Eu vou pensar em algo para dizer a ela.

Oramos sobre o caso, e então Roy me disse:

- Vá, e enquanto estiver lá, estarei orando por você.

Bati à porta e me apresentei à vizinha. Ela então se desculpou por nunca ter falado comigo.

- Tudo bem, só estava me sentindo um pouco sozinha aqui – eu lhe disse. – Gostaria apenas de saber se você tem alguns livros ou revistas de trabalhos manuais

ou amostras de crochê que pudesse me emprestar.

– Não – disse ela –, não faço nada dessas coisas, mas entre e sente-se um pouco.

Isso era tudo o que eu queria. Olhei em volta da sala para ver qualquer sinal de interesse em coisas religiosas. Numa mesinha ao lado, bem ao meu alcance, havia uma linda Bíblia nova. Tive que me conter para não pegá-la. Conversamos sobre várias coisas, e então finalmente cheguei aonde queria e disse:

– Que bela Bíblia você tem!

– É mesmo – disse ela. – Não é linda? Charley acabou de comprá-la para mim de presente no Natal. Eu tinha uma Bíblia adventista já antiga, mas depois que Charley me comprou essa, dei a minha para um senhor idoso que sempre desejou ter uma Bíblia. Não achei que faria mal a ele. Ela nunca nos prejudica, de modo algum.

– Aquela Bíblia tinha alguma diferença desta? – perguntei.

– Não! – disse ela – Não era nada diferente, nenhuma palavra diferente. Eu pude compará-las.

Então ela me disse que a chamava de Bíblia “adventista” porque a havia adquirido de um senhor que era adventista do sétimo dia.

– Bem – eu lhe disse –, não acho que sejam diferentes. Na verdade, eu sei que não são diferentes. Vocês são membros de alguma igreja?

– Eu não me uni a nenhuma igreja ainda. Por enquanto, não decidi a qual devo pertencer. Charley é que se uniu há pouco a uma igreja aqui na cidade. Ele foi batizado não faz muito tempo.

– E isso não é bom? – perguntei. – Nós também somos cristãos há bem pouco tempo e estamos estudando a Bíblia. Não seria muito bom se pudéssemos estudá-la juntos?

– Sim, seria muito bom!

– Que tal começarmos imediatamente? – perguntei a ela. – Vocês poderiam juntar-se a nós hoje à noite?

– Adorariamos!

Então eu lhe disse:

– Apareçam lá em casa hoje à noite e faremos um estudo sobre o batismo.

Roy e eu oramos muito naquela tarde, pois estávamos começando um trabalho sozinhos. Pedi a Deus que enviasse Seu Santo Espírito para nos guiar em cada passo.

Logo mais à noite, estávamos prontos. Depois de termos realizado o estudo

diretamente na Bíblia, apagamos as luzes e fizemos uma apresentação de *slides* para recapitular e esclarecer melhor o tema.

Quando Roy acendeu as luzes, nosso vizinho olhou para a esposa e disse:

– Sabe, Ester, o pastor daquela igreja não me disse a verdade a respeito do batismo! Eu nem mesmo fui batizado, de fato! A Bíblia diz claramente que devemos ser totalmente submersos na água.

Continuamos com os estudos bíblicos, e eu saía de casa em casa convidando as pessoas para estudar conosco. Encontrei muitas pessoas interessadas nos ensinamentos da Palavra de Deus, mas que não tinham ninguém para ajudá-las. Elas vinham noite após noite, todas as noites da semana, até que não cabia ninguém mais na casa. Então pedi ao pastor C. A. Scriven, líder da Igreja Adventista no Oregon nessa ocasião, que nos enviasse alguma forma de ajuda. Ele fez arranjos para que dois pastores, cada qual com sua esposa, viessem para dar continuidade às reuniões.

Conseguimos um amplo salão que havia em cima de uma loja. Era um bom lugar, e o dono permitiu-nos usá-lo sem cobrar nenhum aluguel. O Senhor nos abençoou ricamente durante aquelas reuniões, e não demorou muito até que pudéssemos organizar um pequeno grupo com 18 membros. Era esse tipo de trabalho que estávamos fazendo quando a tragédia se abateu sobre nós sem nenhum aviso.

Foi na manhã do dia 19 de agosto de 1945, por volta das 9 horas, que tudo aconteceu. Dois adolescentes, de 15 e 19 anos de idade, saíram de onde moravam, perto de Chicago, e iniciaram uma vida de crimes que só acabou quando foram levados para a Penitenciária Estadual do Oregon. Eles chegaram a Gold Beach e deram uma vasculhada pela pequena cidade. Então esperaram até as primeiras horas da manhã, escolheram o local que iriam roubar – uma loja de roupas –, quebraram o vidro da porta e conseguiram entrar. Carregaram o carro com tudo o que puderam e estavam prontos para ir para o sul quando aconteceu algo que frustrou seus planos.

Na padaria ao lado da loja de roupas, o padeiro sempre chegava mais cedo para ligar os fornos. Ele ouviu um barulho ao lado através da parede divisória entre os dois estabelecimentos, percebeu o que estava acontecendo e deu o alarme. Os jovens foram detidos e colocados na cadeia.

Um deles, porém, tinha uma pequena pistola escondida na manga da camisa, e o policial não percebeu. Na manhã seguinte, quando o chefe de polícia foi até a cela para interrogá-los, eles o renderam, pegaram as chaves do carro e a arma que ele tinha. Eles o amarraram e o trancaram na mesma cela em que haviam passado a

noite. Depois entraram no carro do chefe de polícia e seguiram para o sul.

O xerife calculou que eles não poderiam ir muito longe, pois havia apenas uma rodovia ao longo da costa, com o oceano de um lado e as montanhas do outro. A estrada pela qual seguiram não era longa. Assim, decidiram voltar e ir em direção ao norte, novamente. Logo se aproximaram de um caminhão dirigido por um senhor idoso. Os moços estavam dirigindo como se fossem autoridades, pois no carro havia uma sirene de polícia. Aproximaram-se do caminhão, ligaram a sirene e saltaram do carro ordenando às pessoas que saíssem do veículo. Entraram nele e partiram deixando o carro do chefe de polícia para trás. Como estavam disfarçados nesse segundo carro, começaram a viajar rumo a Gold Beach novamente.

A essa altura, o policial já havia pedido ajuda e saído da cela. Ele deu o alarme e montou bloqueios em todas as estradas. A pista costeira é cheia de curvas nessa parte do país, e o limite de velocidade não passa de 50 quilômetros por hora. No entanto, bem em frente à nossa propriedade, a estrada fica reta por mais ou menos 2 quilômetros, e quando o motorista está indo para o Norte ela entra em declive. No fim da pista reta, há uma curva bem fechada à direita, ao lado de uma ribanceira.

O xerife e outro policial já haviam chegado à propriedade do Sr. Wimer e estavam perguntando se haviam visto os adolescentes. (O Sr. Wimer e a família são nossos amigos e haviam se mudado havia pouco tempo para Gold Beach.) Justo naquele momento, os garotos passaram dirigindo a toda velocidade. (Os policiais nos disseram depois que eles estavam entre 140 e 150 km por hora.)

Fred Wimer, um dos filhos de nossos vizinhos, gritou: “Xerife, eu não sei a quem está procurando; mas, se fosse o senhor, seguiria aquele carro.”

– Não – disse o xerife –, nós não estamos procurando ninguém em um caminhão. Estamos procurando dois garotos que pegaram o meu carro.

Enquanto isso estava acontecendo, o Sr. Wimer, o pai, tinha vindo até onde morávamos e perguntou a Roy se ele podia ajudá-lo a consertar a serra elétrica. Roy sempre ficava feliz em poder ajudar os amigos; assim, aprontou-se para ir, imaginando que eu iria com ele. Mas eu lhe disse:

– Preciso ficar aqui hoje de manhã e fazer algumas coisas. Vou tirar as ervas daninhas do jardim e talvez fazer algumas conservas.

– Bem, eu vou indo então. Estarei em casa por volta de uma hora, para o almoço. Planeje seu trabalho para que possa ir comigo na parte da tarde, e então vamos trabalhar, ficar um pouco com eles e passar alguns bons momentos juntos – disse Roy.

– Está bem, isso vai ser muito bom – respondi.

Desde que nos tornamos adventistas, nunca iniciamos o trabalho do dia ou uma viagem sem primeiro nos ajoelharmos para pedir a Deus Suas bênçãos e proteção. Já havíamos feito o nosso culto antes de Roy se aprontar para sair.

Então ele saiu, desceu dois ou três degraus e voltou. Pensando que ele havia esquecido as chaves do carro, eu lhe disse:

– Não, elas estão com você!

– Ah, sim, eu peguei as chaves – ele disse.

Mas entrou em casa assim mesmo e perguntou:

– Rose, nós fizemos o nosso culto hoje de manhã?

– Sim! Por quê? Você não se lembra? – respondi.

– Bem, mas vamos nos ajoelhar novamente e pedir a Deus que cuide de nós – ele me disse.

Assim, ali em nossa pequenina cozinha, nós nos ajoelhamos mais uma vez e pedimos que Deus nos protegesse. Depois disso, ele saiu novamente. Desceu pelo pequeno trilho e foi até onde costumávamos estacionar o carro. Fiquei olhando para ele enquanto estava ali parado com a mão na maçaneta da porta. Então, vagarosamente, ele voltou.

– O que é agora, querido? – perguntei-lhe.

Ele subiu todo o trilho até a casa e disse:

– Rose, o que era mesmo que você disse que ia fazer?

E eu lhe disse de novo.

– Gostaria que você não fizesse nada esta manhã. Vá para a sala, sente-se no sofá e fique vendo os barcos passando lá no rio.

Nossa casa tinha uma janela bem grande com vista para a foz do rio.

– Roy, você está preocupado com alguma coisa esta manhã? – perguntei.

– Não – disse ele –, não estou preocupado comigo, mas eu não gosto de sair e deixar você sozinha.

Ele guardava consigo o sentimento de que alguma coisa estava para acontecer, mas pensava que seria comigo.

– Acho que é melhor você ir agora, Roy – eu lhe disse –, senão nenhum dos dois vai fazer coisa alguma.

Assim ele se foi. Isso era por volta das 9 horas da manhã. Enquanto ele dirigia vagarosamente por aquela curva perigosa, aqueles moços apareceram de repente, dirigindo em altíssima velocidade. Eles bateram contra a frente esquerda do nosso carro, e os dois veículos simplesmente se amontoaram um sobre o outro. Em nossa viagem pelos Estados Unidos, vimos muitos acidentes automobilísticos; porém, nunca vimos um carro que tenha ficado tão danificado como aquele que os garotos estavam dirigindo naquela manhã. Parecia nada mais do que uma porção de ferro retorcido e vidro quebrado e, mesmo assim, os dois adolescentes conseguiram se arrastar para fora do caminhão. Nosso carro também ficou todo destruído, mas com Roy o caso foi bem diferente. Ele foi levado para o hospital gravemente ferido.

Enquanto isso, a manhã toda eu me mantive ocupada. Por volta de uma hora da tarde, o almoço estava pronto e fiquei esperando Roy, quando percebi alguém passar em frente à casa. Abri a janela e vi que era Vicky Wimer e seu sogro, o Sr. Wimer. Convidei-os para entrar.

- Vocês vieram com o Roy? – perguntei.
- Não – eles responderam.
- Bem – eu disse –, ele deve estar chegando dentro de alguns minutos, e então poderemos almoçar juntos.

Foi quando Vicky disse:

- Não, Rose, Roy não está vindo para casa.
- Oh, sim, ele está vindo – respondi.
- Não, Rose – disse ela. Roy se machucou.
- Por acaso ele estava mexendo com a serra?
- Não, foram dois adolescentes que bateram contra o carro dele.
- Vicky, onde está Roy? – perguntei, extremamente assustada.
- Ele está no hospital.
- Está muito machucado?
- Acho que não. Apenas uma pequena batida na cabeça – disse ela.

Eu sabia muito bem que ninguém vai para o hospital por causa de “uma pequena batida na cabeça”.

- Espere um minuto enquanto troco de roupa e vou com você – eu lhe disse.
- Não, não posso esperar, Rose – ela falou –, o ônibus já vai passar, e Clyde está vindo. Eu tenho que estar lá quando o ônibus chegar à rodoviária, ou nos

desencontraremos. Clyde, esposo de Vicky, era um jovem pastor que estava vindo de Spokane para passar alguns dias de férias na praia.

Até me esqueci do Sr. Wimer que estava andando lá fora em volta da casa. Troquei de roupa apressadamente. Não podia esperar que ninguém voltasse para me pegar. Eu tinha que ir ver Roy.

Saí de casa e desci o pequeno trilho. Olhei para trás e vi o Sr. Wimer. Chamei-o e lhe disse:

– Vamos, vamos caminhando. Não posso esperar por ninguém.

Ele sempre falava bastante, mas agora não conseguia dizer nada. Parecia pálido e abalado, e caminhava rapidamente. Era uma boa distância para chegarmos do outro lado da ponte, quase um quilômetro. Estávamos praticamente chegando do outro lado quando um ônibus passou por nós. Poucos minutos depois, o casal Wimer chegou para nos levar.

Em poucos minutos paramos em frente ao pequeno hospital de Gold Beach. Quando estava saindo do carro, alguém me disse:

– Você tem que entrar agora! O médico chegou.

Por que não me chamaram antes? O acidente havia acontecido às 9 horas da manhã e já era mais de uma hora da tarde. (A Segunda Guerra Mundial se estendia, e os médicos e enfermeiras eram escassos.) Havia apenas um médico para atender aquela região costeira por vários quilômetros. Ele era um senhor idoso e ficava ocupado quase que dia e noite. No domingo, ele dirigiu por vários quilômetros subindo a encosta para chegar ao seu rancho nas montanhas, onde poderia descansar um pouco, longe do seu consultório, que estava sempre lotado. Não havia nem mesmo telefone, e ele estava lá quando o acidente aconteceu. A enfermeira do seu consultório teve que enviar um mensageiro para avisá-lo, e já era mais de uma hora da tarde quando ele chegou à cidade. As enfermeiras não queriam que eu chegasse ao hospital antes dele.

Entrei e fui até o pequeno saguão. A primeira porta à direita estava aberta. Olhei e vi três ou quatro leitos todos arrumados, mas apenas um paciente em um deles. Ele estava deitado no leito mais próximo da porta. Olhei para ele e reconheci que era Roy. Tinha a cabeça toda envolvida em bandagens. As grades da cama estavam erguidas e suas mãos amarradas a elas. Nos pés da cama estavam suas roupas e sapatos cheios de sangue. Havia um homem em pé ao lado dele e, quando eu entrei, ele se afastou.

– O senhor é o médico? – perguntei.

Ele era um homem muito calmo e bastante cauteloso em tudo o que dizia. Acenou com a cabeça e disse:

– Sim, sou eu.

Eu me aproximei, tomei as suas duas mãos nas minhas e perguntei:

– Qual é a extensão dos ferimentos do meu marido, doutor?

– Ele está muito mal – respondeu.

– Posso perceber isso. No entanto, o que quero saber é quais são as chances que ele tem de sobreviver.

– Sra. Slaybaugh – respondeu ele –, a senhora está fazendo uma pergunta muito direta.

– Doutor, eu preciso de uma resposta direta. Estamos só nós dois aqui e somos sozinhos neste lugar. Há certas coisas que têm que ser pensadas e planejadas.

– É claro que a senhora deve saber – ele concordou. – Não posso lhe dar muita esperança de que ele vai se recuperar. Talvez uma chance em um milhão.

Eu me perguntava como ele poderia ter tanta certeza. Não sabia que eles já tinham tirado as radiografias da cabeça. O médico devia estar lendo meus pensamentos, porque disse:

– Sra. Slaybaugh, acabei de examinar os ferimentos do seu marido. Ele tem uma fratura exposta no crânio, e o fluido cerebral está saindo pelo olho e pelo ouvido esquerdo. Não existe nenhuma maneira possível de deter isso.

– Então eu tenho que correr e avisar os parentes dele! – exclamei.

– Sim – disse ele. – Não perca tempo se vocês querem que eles cheguem a tempo aqui. A propósito, onde eles moram?

– Alguns moram próximo a Spokane, outros estão em Portland, e outros ainda nos arredores de Seattle – respondi.

– Então não diga nada a eles.

– Doutor, eles amam Roy – protestei. – Eles gostariam de estar aqui.

– Sra. Slaybaugh, a senhora não entendeu o que eu lhe disse. A senhora gostaria que fizessem uma viagem tão longa como essa e chegassem aqui tarde demais?

– Oh! – exclamei. – Será assim tão rápido?

– Bem, por que a senhora não telefona para um de seus parentes e pede que ele conte aos outros? E nós vamos esperar um pouco para ver o que acontece – disse ele.

Foi o que fiz.

O médico saiu, e um minuto depois entrou a enfermeira.

– Enfermeira – supliquei –, tenho apenas um pedido a fazer. Não me peça para sair do lado dele até que tudo se acabe.

Então ela me disse bondosamente:

– Está bem, Sra. Slaybaugh. Pode ficar o quanto quiser.

A equipe do hospital foi maravilhosa ao cuidar dele, e as enfermeiras eram sempre muito bondosas comigo. À noite, enviaram uma enfermeira para ficar especialmente de plantão. Ela passou a noite inteira de um lado da cama e eu do outro, até que finalmente o dia amanheceu. Era uma segunda-feira de manhã. O médico chegou por volta das 9 ou 10 horas e me disse:

– Vejo que ainda temos o nosso paciente conosco. Agora precisamos decidir algumas coisas. A senhora gostaria de chamar seu médico?

– Não – respondi –, Roy é seu paciente. Faça tudo o que for possível para salvar a vida dele. Então por que não o tirou deste hospital tão pequeno e o levou para um bem maior onde o senhor teria melhores condições de trabalho?

Ele então me respondeu:

– Não ousaríamos transferi-lo nestas condições. No entanto, gostaria de ter um outro médico trabalhando comigo.

Várias horas depois, a porta se abriu, e entraram quatro profissionais, todos de branco – dois médicos e duas enfermeiras. Fiquei olhado enquanto tiravam as bandagens da cabeça de Roy, e quando vi o enorme ferimento na sua testa, e a orelha que havia saído enrolada na bandagem, achei que não podia suportar. Tive que sair para tomar um pouco de ar.

Parecia que havia demorado horas até que tivessem terminado tudo. Tiraram radiografias, e elas mostravam os ossos fraturados do crânio e dos maxilares. O médico pareceu evitar-me ao voltar para o carro, mas eu o segui e disse:

– Por favor, doutor, diga-me, o que o senhor achou?

– Com certeza, a senhora deve saber, Sra. Slaybaugh. Como eu lhe disse ontem, ele tem uma fratura no crânio e o fluido cerebral ainda continua escorrendo do olho e ouvido esquerdos. Não há o que fazer para deter isso. Procurei fechar o ferimento que há na testa o melhor que pude e costurei a orelha de volta, mas nem se preocupe com isso. Se ele viver e for necessário, podemos conseguir uma orelha artificial para ele. Ela é feita de plástico, de aparência tão natural que dificilmente

alguém notaria a diferença entre ela e uma verdadeira. Os dois maxilares estão quebrados, mas consegui colocá-los no lugar. Posso prendê-los com um fio um ao outro e vão voltar praticamente ao normal. Ele, porém, hesitou ao me falar sobre o olho.

– Sra. Slaybaugh, a visão do olho esquerdo está totalmente perdida.

– O senhor está dizendo que ele vai ficar cego?

– Não. Eu examinei o olho direito e ele está normal – o médico respondeu. – Não se preocupe com isso. Se ele viver, podemos colocar um olho artificial adaptado especialmente para ele.

Depois eu lhe disse:

– Doutor, nós vamos saber lidar com tudo isso; mas, e a mente dele?

Ele não me respondeu.

Naquela noite, mandaram outra enfermeira especialmente para o plantão noturno. O nome dela era Jennie Schneidau. Passamos juntas a noite toda com o nosso paciente – ela de um lado da cama e eu do outro. Ao amanhecer, ela me perguntou:

– Sra. Slaybaugh, vocês não têm ninguém da família aqui? Vocês não têm nenhum parente?

– Oh, sim, especialmente o Roy. Ele tem muitos.

– Por que não há ninguém deles aqui? Por que a senhora está sempre sozinha?

Respondi que o médico havia me pedido para não chamar ninguém, por enquanto.

– Eu não levaria em conta o que o médico lhe disse. A senhora não pode enfrentar tudo isso sozinha. Precisa ter alguém aqui ao seu lado. Dê uma saída e vá até a central telefônica, a três quadras daqui, e telefone para alguém agora, antes que termine o meu plantão.

Coloquei o meu casaco e saí. Alguém estava abrindo a porta externa. Esperei por um momento, pensando que outro paciente poderia estar chegando, mas não entrou ninguém. Abri a porta novamente e pude ver quem estava ali. Era o irmão de Roy, Joe Slaybaugh, e ele não estava sozinho. Estava acompanhado de seus dois irmãos e um cunhado. Meu irmão mais novo também chegou quase ao mesmo tempo. Assim, finalmente, eu não estava mais sozinha.

Na terça-feira à tarde, Roy estava já quase morrendo. As membranas da garganta entraram em colapso. O queixo caiu, a boca ficou aberta e tinha a respiração

ofegante. Então perguntei:

- Enfermeira, o que está acontecendo com a boca e a língua dele?
- O médico não lhe disse nada sobre isso? – disse ela.
- Não, ele não me disse nada a respeito da boca dele – respondi.

Parecia que estava cheia de sangue coagulado. A língua estava muito inchada. Foi gravemente machucada quando ele foi atirado sobre o volante.

Um pouco mais à tarde, naquela terça-feira, as unhas começaram a escurecer e o rosto ficava cada vez mais inchado. Eu estava orando. Quase que em cada respiração eu suplicava a Deus que, por favor, não tirasse Roy de mim. Minhas orações, porém, pareciam não passar do teto. Como poderia eu pedir a Deus para fazer o que era aparentemente impossível?

Pude ouvir um dos nossos parentes cochichando para alguém no pequeno saguão:

- Assim que tudo se acabar, eu o levo de carro para sua casa, você pega sua família e o seu carro e volta conosco a Spokane para o funeral.

Ouvi também um dos filhos do Sr. Wimer dizer:

- Assim que tudo terminar, vamos levar Rose para casa conosco em nosso carro.

A enfermeira veio conversar comigo naquela tarde e perguntou:

- Sra. Slaybaugh, a senhora já pensou no funeral?
- Oh, não. Vocês têm alguma casa funerária aqui?
- Temos um serviço de ambulância. Eles podem levá-lo no máximo até Coquille, no Oregon, onde há uma estação de estrada de ferro. No caso de a senhora não conseguir ir com ele, já falou com alguém sobre seus planos?
- Não, não falei. Verifique se ele pode ser levado de volta a Spokane e colocado ao lado de Jack no Riverside Park Cemetery.

Disse a ela onde poderiam pegar seu terno preto e uma camisa branca, nova, no baú, em nossa casa. Com tudo isso indo e voltando à minha mente, como poderia eu pedir a Deus para fazer o que parecia impossível?

Um pouco mais tarde, o pastor Wimer perguntou se eu havia pensado em chamar um dos pastores para orar pelo Roy e ungi-lo. Não consegui entender do que ele estava falando. Eu havia lido sobre como Jesus curava os doentes, dava vista aos cegos e ressuscitava os mortos. No entanto, isso era quando o Salvador estava na Terra. Assim, não entendi o que ele estava dizendo, e ele não falou nada mais sobre isso.

Voltei para ficar ao lado de Roy e passei novamente com ele a noite inteira. Às quatro horas da manhã de quarta-feira, eu estava em pé, de costas para a cama e olhando para a escuridão através da janela, pensando por que tudo isso havia acontecido conosco. Não haveria qualquer tipo de ajuda para mim? Eu me sentia abandonada e completamente só. Lembrei-me das inúmeras promessas da Bíblia, especialmente daquela de Hebreus 13:5: “Nunca o deixarei, nunca o abandonarei” (NVI). De alguma forma, porém, a esperança parecia estar distante demais.

Naquele momento, uma enfermeira entrou com um copo com água e dois pequenos comprimidos brancos e me disse:

– Sra. Slaybaugh, poderia, por favor, tomar isso agora? Isso vai acalmá-la e deixá-la mais leve e animada. O fim se aproxima.

Fim! Uma palavra tão pequena, de apenas três letras. Podemos fazer uma viagem e chegarmos ao fim do trajeto, mas podemos repetir o percurso se quisermos. Naquele momento, porém, aquela expressão assumiu um significado totalmente diferente – o fim da vida do meu amado. Nós havíamos vivido uma vida maravilhosa juntos. Isso queria dizer que era o fim de tudo aquilo que já teve verdadeiro significado para mim aqui na Terra.

Agradei à enfermeira e disse a ela que preferia passar sem tomar nada. Ela saiu do quarto, e eu fiquei sozinha com ele por alguns momentos. Alguma coisa estava trabalhando no fundo da minha mente. O que era? O que o pastor Wimer havia dito? Por que não dei mais atenção? Era algo sobre fazer alguma coisa, chamar alguém. Eu me virei, e ali, na escuridão daquele quarto, a resposta me veio em letras luminosas: “Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado” (Tiago 5:14, 15, NVI). Ficava tudo escuro e depois as letras reapareciam, cada vez mais brilhantes, e voltaram com uma linha a mais: “A oração de um justo é poderosa e eficaz” (verso 16, NVI). Era isso! Havia uma solução para tudo aquilo. Tudo o que eu tinha que fazer era estender a mão e me agarrar à promessa, assim como Deus a havia mostrado em *flashes* para mim.

Mal pude esperar até o dia amanhecer. Chamei o pastor Wimer. Ele veio, e eu lhe perguntei:

– O que o senhor disse mesmo na noite passada?

Ele repetiu o que havia dito.

– Depressa, depressa, corra e faça isso! Roy está morrendo! Não temos muito

tempo mais – supliquei.

– Gostaria de ter outro pastor comigo. Eu poderia chamar o pastor Nightingale? – disse ele.

– Oh, não, ele está em Portland. Demorará pelo menos dez horas para chegar aqui – respondi.

– Mas eu gostaria de ter um outro pastor comigo – repetiu ele.

– Eu sei onde o senhor vai conseguir um. Telefone para o pastor T. L. Thuemler, em Crescent City. Eu sei que ele virá – eu lhe disse.

– O pastor Wimer foi até o telefone e o chamou. Voltou logo depois, dizendo que o pastor Thuemler iria chegar por volta do meio-dia.

Meio-dia!? Duraria aquela centelha de vida até meio-dia? Então eu mesma fiz alguns telefonemas. Liguei para o pastor Nightingale. Ele já havia me telefonado logo que ficou sabendo do acidente para ver se deveria vir ou se poderia fazer alguma coisa. Quando consegui falar com ele, eu lhe disse:

– Pastor Nightingale, o senhor poderia, por favor, fazer uma oração especial em favor de Roy do meio-dia em diante?

Ele disse que estaria orando durante esse período. Telefonei para amigos de Spokane e pedi que fizessem o mesmo. Telefonei então para um pequeno grupo de adventistas em El Rock, na Califórnia, onde havíamos passado vários meses.

Depois de fazer esses telefonemas, voltei ao quarto de Roy e orei desesperadamente para que Deus poupasse sua vida por mais alguns minutos. Ele estava quase parando de respirar, então pressionei o peito dele e a respiração voltou. Às 11h50, o médico decidiu ir para casa almoçar. Ele tomou as mãos de Roy, olhou as unhas já escurecidas e as colocou sobre o peito dele novamente. Então estendeu a mão até o outro lado da cama, deu um tapinha no meu ombro, e sem dizer uma palavra, ele se virou e saiu.

Nesse momento, um carro parou em frente ao hospital. Era o pastor Thuemler. Ele havia chegado a tempo!

Os pastores entraram e fecharam a porta. Estavam ali o pastor Thuemler, que ia fazer a unção, o pastor Wimer e a esposa, meu irmão, o irmão de Roy, Joe, seus dois filhos, a esposa de um deles, Roy e eu. Eles se aproximaram e ficaram em volta da cama.

O pastor Thuemler falou por alguns minutos sobre o que nós íamos fazer e disse a seguir:

– Vamos todos nos ajoelhar.

Todos se ajoelharam, menos eu, que tinha alguma coisa mais a fazer. Tomei em minhas mãos as duas mãos de Roy, já desfalecidas, e segurei-as como que dirigidas para Deus. Naquela hora, não havia nenhum teto fazendo separação entre Deus e nós. Nada entre nós. Se fosse essa a vontade de Deus, Ele iria estender a mão e tomar nas Suas aquelas mãos que eu estava segurando.

O pastor Wimer fez uma linda e sincera oração de fé. Ao terminar, o pastor Thuemler começou:

– Nosso Pai que está no Céu...

Ele continuou suplicando a Deus. Pediu que Deus poupasse essa vida que havia sido consagrada e dedicada ao serviço dEle. Quando o pastor Thuemler pronunciou as palavras:

– E agora nós o ungimos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo – Ele derramou o óleo em suas mãos e tocou a única parte da cabeça de Roy que não estava envolvida na bandagem, no mesmo instante em que o pastor Thuemler tocou a fronte de Roy. Então, algo maravilhoso, tremendamente maravilhoso, aconteceu.

Aquelas mãos que eu estava segurando começaram a tremer fortemente, e esse tremor passou para todo o corpo. Logo depois, tudo se acalmou. E o pastor Thuemler continuou orando. Pensei comigo: “Eu preciso olhar para ver o que o Senhor fez.” Abri os olhos e olhei para as mãos que estava segurando. Aquela cor escura da ponta dos dedos e das unhas havia desaparecido. Estavam rosadas e tinham aparência natural. Roy havia fechado a boca, que ficava aberta por causa da língua inchada, e respirava pelo nariz naturalmente. O inchaço começou a ceder. Primeiro o nariz voltou à forma normal, depois a boca, então o queixo, depois a garganta... Assim, o inchaço acabou.

Todos se levantaram da oração chorando. O pastor Thuemler disse:

– Vamos todos sair calmamente. O irmão Slaybaugh vai ficar bom.

Ele não disse: “Acho que ele vai ficar bom”, mas “o irmão Slaybaugh vai ficar bom”.

Em seguida, ele se inclinou e pegou uma das mãos de Roy, e meu marido apertou-a firmemente. O pastor Thuemler nos visitou várias vezes depois disso e disse a Roy:

– Irmão Slaybaugh, enquanto eu viver, jamais vou me esquecer desse aperto de mão.

Ele deu a volta para abrir a porta e eu lhe disse:

– Por favor, ainda não! – E na presença de todas aquelas testemunhas, levantei minhas mãos ao Céu e fiz esta promessa:

– Se poupare a vida de Roy, devolvendo-lhe a visão e permitires que ele fique com a mente perfeita, dedicarei o restante da minha vida ao Teu serviço. Farei qualquer coisa e irei a qualquer lugar que me enviases.

Todos saíram da sala. A enfermeira, Sra. Humpage, estava esperando do lado de fora. Ela entrou, fechou a porta e ficou olhando para Roy por alguns momentos. E o que ele estava fazendo? Ele estava abrindo a boca mais e mais até sair um grande e saudável bocejo. Parecia até que estava muito cansado.

– Eu nunca vi algo assim em toda a minha vida – disse ela.

Ela deu a volta, foi até os pés da cama, e ele bocejou novamente.

Pouco tempo depois, o médico entrou, ao passar a caminho do seu consultório. Parecia surpreso e um tanto chocado ao olhar para seu paciente. Ele não sabia quem havia entrado naquele quarto desde que esteve ali pela última vez. Não sabia que eu havia chamado os pastores. Olhou para Roy por um momento, pegou as mãos dele e olhou para suas unhas, que estavam na cor natural agora. Começou então a tirar a bandagem do olho. Vi muitas vezes o buraco que havia ali a cada troca de curativos. Para mim, parecia que não havia olho algum. Entretanto, agora o olho estava ali! O médico passou a mão rapidamente sobre o olho dele, de um lado para o outro, e exclamou:

– Ele tem visão, sim!

Em seguida, fechou a atadura, dirigiu-se à porta e saiu.

A enfermeira que trabalhava com o médico nos disse depois como ele estava admirado quando chegou de volta ao consultório naquela quarta-feira à tarde. Ela já trabalhava com ele havia muitos anos e nos disse que jamais o havia visto ficar tão espantado e emocionado com qualquer outra coisa antes. Dessa vez, porém, ele chegou ao consultório exclamando:

– O homem vai viver! O homem vai viver! E mais que isso, ele recuperou o olho e a visão!

Eu sabia que Roy estava consciente agora. Até aquele momento ele havia ficado inconsciente. Ele abriu o olho, aquele que não estava coberto com a bandagem, e eu disse:

– Olá, querido!

Ele respondeu:

– Olá!

E depois falou:

– Eu estou com muita fome.

E devia estar mesmo. Não tinha comido nada desde a manhã de domingo, e já era quarta-feira à tarde.

Perguntei a uma das enfermeiras se ela poderia ir até o outro lado da rua e trazer-nos um sorvete.

– Traga para duas pessoas, e bem grandes. Vamos fazer uma festa – eu também estava com fome.

Enquanto dava o sorvete para Roy, ele olhou para o teto e perguntou:

– Rose, onde eu estou?

– Você está em um hospital – respondi.

– Oh! Aconteceu alguma coisa?

– Sim, aconteceu um terrível acidente – eu lhe disse.

– Alguém ficou machucado?

– Apenas um se machucou. Sim, você quebrou várias partes do corpo – respondi.

– Oh! Eu não senti nada. Eu não senti coisa alguma – disse ele.

Roy jamais sofreu um momento de dor por causa daqueles ferimentos. O Senhor removeu-lhe toda a dor. Se não fosse pelas cicatrizes na testa e na orelha, e, é claro, por nosso carro todo amassado, Roy nunca ficaria sabendo que tinha sofrido um acidente.

Logo nos primeiros dias que passamos no hospital, perguntei ao médico:

– No caso de Roy se recuperar, quanto tempo o senhor vai nos manter aqui?

– Bem, esses casos variam. Eu diria que de três a cinco meses – disse ele.

Depois que Roy acabou de tomar o sorvete, ele me disse:

– Agora, Rose, acho que podemos ir para casa.

– Oh, Roy, nós não vamos poder ir para casa por um longo tempo. Vamos ficar aqui pelo menos uns três meses – eu lhe disse.

– Bem, se você quer ficar aqui, fique. Eu vou para casa; tenho muito trabalho a fazer – retrucou.

Um pouco mais tarde, ele começou a reclamar da orelha, então perguntei à enfermeira se ela poderia ver como estava.

– Penso que a bandagem não pode ser retirada, pois foi o médico que a colocou.

Ela telefonou para o médico e ele lhe deu instruções sobre como tirá-la. Ela trouxe uma bandeja com álcool, tesoura, pinças e algodão, e cuidadosamente removeu a bandagem. E lá estava a bela orelha de volta. Roy exclamou:

– Não chame a orelha de “bela orelha”. As pessoas não têm orelhas bonitas.

Para mim, porém, aquela era a orelha mais bonita da Terra porque Deus a havia colocado de volta no lugar. Muitos médicos nos disseram depois que, se apenas a orelha de Roy tivesse sido recuperada, isso, por si só, já seria um milagre.

Quando a Sra. Schneidau, a enfermeira de plantão, chegou naquela noite, ela olhou para Roy, mas não disse quase nada. Era já por volta de 9 horas quando nossos amigos e parentes saíram, pois tivemos um verdadeiro jubileu para comemorar naquela noite. Quando eles se foram, e Roy dormia tranquilamente, ela me perguntou:

– Sra. Slaybaugh, o que aconteceu aqui hoje?

– O que você está querendo dizer? – disse eu.

– Alguma coisa aconteceu, porque nesta manhã, quando eu saí daqui, seu marido estava morrendo. Ele esteve à beira da morte durante toda a noite, e agora, ao voltar, eu o encontro perfeitamente normal. Alguma coisa aconteceu.

– Não sei se você sabe, mas somos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

– Sim – disse ela –, eu ouvi a respeito, mas o que uma coisa tem que ver com outra?

– Nós acreditamos na Bíblia.

– Eu também creio na Bíblia. Entretanto, não entendo – acrescentou ela.

– Bem, nós simplesmente seguimos as instruções dadas em Tiago 5:14 e 15.

A seguir, li o texto bíblico para ela.

Depois, ela ficou olhando para Roy por longo tempo e então me disse:

– Sra. Slaybaugh, gostaria de conhecer um pouco mais a respeito das doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A senhora tem alguma literatura que eu possa ler?

– Oh, temos muita literatura em casa. Vou ver se consigo alguma para você ler assim que chegarmos lá.

– Não teria uma revista ou outra literatura aí com a senhora, teria? – ela perguntou – Deixei minha revista em casa.

- Não – respondi –, não tenho mais tempo algum para ler o que quer que seja.
- Gostaria de ler alguma coisa ainda esta noite.
- Vou dar uma olhada na minha bolsa – disse a ela.

E ali, cuidadosamente dobrado, encontrei o folheto *A Verdade Presente*.

- Olhe, tenho aqui uma de nossas pequenas publicações.
- Muito obrigada! Eu vou lê-lo – ela disse a seguir.

Fiquei olhando para ela naquela noite, enquanto lia o folheto, e o leu do começo ao fim. Na manhã seguinte, ao se aprontar para sair, ela me disse:

– Sra. Slaybaugh, posso levar este folheto para casa comigo? Gostaria de estudá-lo um pouco mais. A senhora sabe onde eu poderia conseguir mais alguns como este?

– Não sei onde, exatamente – disse-lhe. No entanto, eu sabia como. Poderia pedir aos nossos amigos que conseguissem alguns exemplares para mim. – Quantos você gostaria de ter?

– Ah, creio que uns dez ou doze, talvez – ela respondeu. – Minha mãe e os demais membros da minha família são todos bons cristãos, mas não sabem da importância de tudo isso – acrescentou.

– Qual foi o que eu lhe dei? – perguntei-lhe, querendo saber qual era o título.

Ela me devolveu e vi que o título era: “O Selo de Deus e a Marca da Besta”.

Em uma carta recente que recebi de Jennie Schneidau, ela escreveu:

Como fiquei feliz em vê-la hoje e poder ouvir sobre a resposta que está tendo ao dar seu testemunho sobre o poder curador de nosso Pai celeste. Sua visita foi tão curta, mas não posso deixar de dizer-lhe quão agradecida sempre lhe serei por ter sido escalada para aquele plantão à noite, quando Roy estava tão gravemente ferido, e ter o privilégio de ver os resultados diretos da unção e da oração. Os folhetos e os outros materiais que você me deu ajudaram-me a entender as verdades bíblicas. Foi difícil ir contra a vontade de minha família quando fui batizada; mas agora, quão feliz e agradecida estou, pois a minha filha Jeannie foi batizada no mês de junho passado, e Don, seu esposo, prometeu assistir às conferências evangelísticas com ela, no próximo domingo à noite. Minha mãe e uma irmã foram batizadas, e tenho mais três irmãs que também estão fazendo os estudos.

Não é maravilhoso sentir o grande amor de nosso Pai celestial e de Jesus quando vemos o círculo cada vez maior de pessoas conduzidas à igreja por meio daquilo que achávamos que era uma grande tragédia na ocasião? Que Deus os abençoe e permita que possam levar muitos outros aos pés de Cristo antes de Sua volta.

De todo o coração,

Jeannie Schneidau

A seguir, eis o relato de Roy sobre a experiência pela qual ele passou durante a cura:

“Desejo agora acrescentar meu testemunho e contar o que aconteceu naquele momento em que fui curado. Vou tentar fazer uma descrição exata do que ocorreu naquela hora. Aos pés da minha cama, apareceu um ser celestial maravilhoso, muito mais belo do que se possa descrever, e bem mais alto que um homem comum hoje. Eu disse ‘homem’ porque sua aparência era a de um ser masculino. O cabelo era dourado e encaracolado. Estava belamente vestido de vestes brancas com pregas que desciam dos ombros e iam até os pés, presas na cintura por uma faixa dourada que terminava em franjas do lado direito. Ele olhou para mim com um olhar cheio de confiança, mas eu mal ousava contemplá-lo. Ele me disse: ‘Eu vim para curar você.’ E ao dizer isso, estendeu a mão e me tocou. Isso deve ter acontecido exatamente no momento em que o pastor me ungiu, pois um grande temor e tremor tomou conta de mim, e fiquei totalmente consciente. Ele tinha a mesma aparência de como eu o vi em meu estado de semiconsciência, mas era tão glorioso que tive que desviar o olhar. Olhei em volta do quarto e me perguntei onde é que eu estava e por que aquelas pessoas, nossos parentes e amigos estavam ali e estavam todos chorando; porém, eu tinha a minha mente fixa naquele belo ser aos pés da cama. Estava com um pouco de medo de olhar para trás e, quando eu olhei, ele havia desaparecido. Certamente ele sabia que eu não poderia olhar para ele novamente e viver. Esse momento foi para mim uma amostra de como será o Céu e o que acontecerá quando formos revestidos da imortalidade e transformados ‘num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta’ (1 Coríntios 15:52, NVI). Louvo a Deus pelo sacrifício de Jesus que nos trouxe essa maravilhosa esperança. Sejam todos fiéis, até o fim!”

SEKUBA 12

RALPH S. WATTS

Sekuba, um membro da tribo San, morava com a família no deserto do Kalahari, em Bechuanaland (hoje Botswana). Certa noite, ele teve um sonho impressionante no qual viu um ser glorioso descendo do céu.

Esse ser celestial lhe mostrou um exemplar da Bíblia e também de um livro de capa marrom, o qual, segundo o anjo, pertencia ao verdadeiro povo de Deus. Além disso, o mensageiro explicou o evangelho para Sekuba, conforme ensinado na Bíblia. Em seguida, o anjo o instruiu a partir, sem demora, para encontrar a igreja verdadeira. Nesse mesmo sonho, Sekuba, que não conhecia outro povo além do seu e que não falava outra língua que não fosse a sua, passou a entender o Tswana, idioma falado por outros povos africanos que viviam naquela região de Bechuanaland.

Na manhã seguinte, Sekuba reuniu a família e contou o sonho extraordinário que teve na noite anterior. Disse à esposa e aos filhos que tinha que partir, conforme o anjo o havia instruído, a fim de encontrar o verdadeiro povo de Deus.

Imediatamente, ele deu início a uma viagem que o deixaria a mais de 250 quilômetros de distância de sua família e de seu clã. Após vários dias viajando, Sekuba chegou a uma grande aldeia africana; e, pela primeira vez em sua vida, entrou em contato com um cristão. Enquanto estava ali na aldeia, foi conduzido à casa de um pastor africano de determinada igreja cristã, e lá ele relatou o sonho. O pastor garantiu-lhe que ele havia encontrado o que estava procurando.

Enquanto Sekuba dormia naquela noite, sonhou novamente e viu o mesmo homem de aspecto glorioso que havia aparecido no primeiro sonho. Ele foi informado de que a igreja naquela aldeia não era a verdadeira igreja de Deus, mas que ele deveria continuar até que achasse a igreja que guarda o sábado, onde ele iria encontrar um pastor africano chamado Moyo.

Na manhã seguinte, Sekuba relatou o segundo sonho ao pastor africano. Depois de ouvi-lo, o pastor ficou indignado e ameaçou agredi-lo por desafiar a igreja do

chefe. Mais tarde, naquele mesmo dia, ele foi preso e levado ao tribunal do grande chefe para ser julgado.

Durante o julgamento, Sekuba respondeu a todas as perguntas de maneira firme, mas cortês. Ele foi absolvido e posto em liberdade.

Sekuba partiu à procura do pastor Moyo; porém, por qual caminho deveria seguir? Onde poderia encontrar esse pastor? Mais uma vez, ele orou fervorosamente para que Deus lhe desse algum sinal de que o estava guiando até o pastor Moyo e à igreja que guarda o sábado.

Em resposta à sua oração, na manhã seguinte, apareceu uma pequena névoa junto ao solo. Ele foi impressionado a seguir essa pequena nuvem, e continuou seguindo-a por vários dias. A nuvem finalmente o guiou até a aldeia de Tsessebe, e parou ali sobre a aldeia. Ele perguntou pelo pastor Moyo e foi levado até a casa dele. Logo que encontrou o pastor Moyo, Sekuba relatou a série de acontecimentos ocorridos desde que teve o primeiro sonho e contou sobre o livro preto – a Bíblia – e também falou do livro de capa marrom, que tinha visto no sonho. O pastor adventista mostrou a Bíblia a Sekuba e em seguida tirou da pequena estante um volume dos Testemunhos. Sekuba reconheceu imediatamente que esses eram os livros que ele tinha visto. Seu coração se encheu de alegria e entusiasmo. Sabia que finalmente tinha encontrado o povo de Deus.

Sekuba permaneceu na aldeia de Tsessebe ainda por várias semanas, estudando a Bíblia diligentemente com o pastor Moyo. Antes de partir, apelou ao ministro que retornasse com ele para uma visita à sua família. O pastor Moyo atendeu alegremente ao pedido e utilizou Sekuba como seu intérprete.

Sekuba, o irmão mais velho, a irmã e a esposa aceitaram a mensagem. A seguir, ele mesmo passou a ser um instrumento na conversão de dez outros membros da tribo San em Bechuanaland. Pouco tempo depois, foi organizado um grupo com dezoito adventistas naquele lugar.

DESVIO INESPERADO

LEO B. HALLIWELL

13

***P**or 38 anos, Leo e Jessie Halliwell estiveram a serviço dos habitantes da Bacia Amazônica, no Brasil. Viajaram dirigindo a lancha Luzeiro por mais de 250 mil quilômetros, atendendo às necessidades médicas e espirituais das pessoas que moravam ao longo daquela grande bacia fluvial. No relato a seguir, Leo Halliwell nos conta um dos muitos incidentes que marcaram o caminho da vida do casal.*

Estávamos em Manaus e precisávamos viajar em nossa lancha missionária para Maués, onde iríamos realizar uma daquelas antigas reuniões campais que duravam cinco dias, na qual estariam presentes cerca de 400 a 500 membros da igreja.

No caminho, paramos em um seringal próximo ao ponto em que o rio Madeira deságua no Amazonas. Ali encontramos inúmeras pessoas doentes – principalmente seringueiros; e, famílias inteiras. Embora estivéssemos pressionados pelo tempo, decidimos não partir até termos tratado todos eles. Eram quase 16h quando retomamos nosso caminho.

Naquele ponto, havia duas rotas que poderíamos tomar para chegar a Maués. Uma delas era subir o rio Madeira, e então descer por um canal até nosso destino. A outra era descer o Amazonas e depois voltar por um estreito canal até chegar à cidade. Essa segunda rota demorava cinco ou seis horas a menos. E com o relógio contra nós, a rota mais curta pareceu-nos a escolha lógica. Assim que partimos, Jessie me perguntou qual rota eu havia proposto tomar, e eu lhe disse qual era.

– Não acho que essa seja uma boa ideia – disse ela. – Olhe para aquelas nuvens escuras à nossa frente. Estamos indo direto contra a tempestade.

– É verdade – respondi –, mas temos todo aquele povo esperando por nós. Não há alternativa, temos que ir por este caminho mesmo.

Ao começarmos a descer o Amazonas, primeiro tínhamos que atravessar uma grande extensão de água na boca do rio Madeira. Eu estava ao leme e o segurava firmemente para não sermos arrastados pela correnteza. Estávamos chegando ao meio da travessia quando algo completamente inesperado aconteceu: o leme

escorregou da minha mão e girou para a direita. Alguma coisa mais forte do que eu girou o leme e depois o endireitou novamente, como se fôssemos subir o rio Madeira.

Pensei que algum tronco tivesse ficado preso embaixo do leme. Olhei para os lados e não vi nada. Tentei levar a embarcação outra vez para a direção do Amazonas, mas ela não se moveu. Eu estava realmente assustado.

Finalmente, pensei: “Bem, se essa coisa quer subir o Madeira, vamos subir o Madeira.”

Um instante depois, Jessie apareceu.

– O que aconteceu? O que fez você mudar de ideia? – ela perguntou.

Disse-lhe que eu não havia mudado, mas que alguma coisa me impediu de girar o leme.

– Fico contente – disse ela. – Eu estava lá atrás orando para que saíssemos desta rota e fugíssemos da tempestade.

Quando continuamos subindo o Madeira, o barco passou a funcionar normalmente. Por volta das 10h, entramos no estreito canal que desce para Maués, e ali atracamos o barco para passarmos a noite. Assim que lançamos a âncora, os relâmpagos riscaram o céu, e a tempestade desabou. A chuva rugia em cascatas à nossa volta, e os ventos sopravam com a força de um ciclone. No grande Amazonas, quase que certamente teríamos enfrentado uma situação de calamidade, mas ali naquele rio estreito estávamos seguros.

Na manhã seguinte, tudo estava calmo. Começamos cedo e, ao fazermos a curva no rio, vimos um barranco alto, uma casa e um homem acenando um pano branco para que parássemos. Estendemos a prancha para chegarmos até a praia, e o homem nos disse:

– Desculpem-me incomodar vocês, mas minha filha está quase morrendo. Vocês podem vir, por favor, e tentar salvá-la?

Quando entramos na casa, ele puxou a esteira pendurada na porta, e lá encontramos uma jovem de mais ou menos 19 anos, deitada em uma rede e gemendo de dor. O braço estava envolto em um torniquete improvisado com um pedaço de pano, preso firmemente com um pedaço de pau, e tinha o antebraço quase todo preto. A mão da moça estava coberta com um “unguento” feito de esterco de vaca, que o povo usa muito naquela região.

Jessie deu uma olhada no torniquete, tirou seus instrumentos e começou a cortar

o nó. O pai reclamou.

– Não, não faça isso! Eu coloquei essa tala ontem para não deixar que o sangue envenenado da mão dela passe para o corpo.

Jessie não deu atenção a ele, pois estava totalmente concentrada tentando salvar a vida da moça. Aqueceu a água e lavou a mão. Aplicou na jovem uma dose de penicilina e começou a limpar e tirar as camadas daquele “curativo” imundo. Em seguida, fez um tratamento na mão dela com compressas quentes de sais de Epsom, até que, finalmente, pudéssemos abrir o ferimento infectado e drenar o pus.

Passado algum tempo, a moça parou de gemer. Obviamente, ela já estava se sentindo melhor. Então nos disse:

– Gostaria de contar a vocês o que aconteceu.

Ela estava colhendo umas frutas, e o espinho de uma das árvores entrou em sua mão. O ferimento infeccionou; e, pouco a pouco, a infecção foi aumentando cada vez mais. Na tarde anterior, seu braço doía muito, e a dor irradiava para outras partes do corpo. Enquanto ela estava ali em toda aquela agonia, um homem passou pela sua casa.

– Há um pequeno barco em Manaus – disse ele –, uma pequena lancha médica branca que navega ao longo do rio. Tenho certeza de que, se eles passassem por aqui, poderiam ajudar você.

A moça nos disse que, após a saída do homem, ela se levantou da rede, ajoelhou-se e orou para que o pequeno barco branco descesse o rio. Então pediu ao pai que fosse até a margem e acenasse com um pedaço de pano se aquela embarcação aparecesse.

Perguntei a ela a que horas havia orado.

– Oh, foi ontem, um pouco depois das 16h – respondeu a jovem.

O DIA EM QUE O CÉU SE ABRIU PARA MIM

JOEL LEIVA

14

Sempre vou me lembrar do meu batismo como um dos acontecimentos mais extraordinários da minha vida. No entanto, para ser honesto, devo confessar que, de certa forma, essa experiência também me deixou decepcionado.

Isso aconteceu porque eu havia lido nos evangelhos que, depois do batismo, Jesus Se ajoelhou e orou, “e, enquanto Ele estava orando, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como pomba. Então veio dos céus uma voz: “Tu és o Meu Filho amado; em Ti Me agrado” (Lucas 3:21, 22, NVI).

Ao ler esse texto, pensei: “De alguma forma isso vai acontecer comigo.” Depois que saí da água, orei e consagrei minha vida a Deus, e pedi que o Céu se abrisse para mim também, pois meu maior anseio era poder trabalhar para o Senhor. Fiz esse pedido sinceramente, mas parecia não haver resposta alguma. Não senti nenhuma segurança de que minha oração tinha sido ouvida.

Por várias semanas, continuei me lembrando daquela decepção e me perguntava se não estaria enganado quanto à convicção de que Deus estava me chamando para ocupar um lugar em Sua obra.

Nasci em um lar adventista, em Nueva Imperial, uma pequena cidade no sul do Chile. Meus pais eram idosos e tinham que lutar cada dia para sustentar a família. A despeito de seus grandes esforços, a pobreza era uma presença constante em nossa casa.

Desde bem pequeno, já podia entender a situação pela qual passávamos e meu maior desejo era ter condição de ajudá-los. Assim, quando surgiu a oportunidade de trabalhar em uma fazenda que um amigo de meu tio havia adquirido, aceitei imediatamente.

Dois anos depois, com 13 anos de idade, tinha aprendido a fazer uma porção de coisas: já havia trabalhado com aves, como balconista em uma loja, numa oficina de ferreiro, numa padaria, em um moinho de farinha e nos serviços gerais de uma fazenda.

Ao longo do caminho, entretanto, também adquiri alguns maus hábitos. Não muito tempo depois de ter iniciado o trabalho na fazenda, comecei a me associar a alguns amigos que passavam a maior parte do tempo livre jogando cartas. Rapidamente me tornei um perito nesse passatempo. Meu parceiro e eu criamos um sistema de sinais com a mão e com o rosto para saber quais cartas o outro possuía. Com isso, raramente perdíamos. Nossos amigos quase sempre jogavam com uma garrafa de cerveja do lado, e em pouco tempo eu comecei a imitá-los nisso também.

Num sábado à tarde, porém, tudo mudou. Eu estava jogando baralho com vários amigos. A euforia de vencer tornava-se mais intensa, alimentada em parte pelo álcool. O local parecia vibrar com nossos risos e com os palavrões daqueles que estavam perdendo. Depois de ter jogado por várias horas e conseguido um bom dinheiro, levantei-me para tomar um pouco de ar fresco. Ao sair, senti o mundo rodando à minha volta. Percebi que não conseguia ficar em pé e caminhar em linha reta. “Joel,” disse a mim mesmo, “você está realmente bêbado!”

Saí imediatamente daquele lugar e fui até a mata próxima, pois queria ficar sozinho com meus pensamentos. Permaneci ali sentado com a cabeça entre as mãos, enquanto várias cenas da minha vida passavam diante de mim. Lembrei-me dos conselhos dos meus pais e dos ensinamentos da igreja. “Onde eu estou?”, perguntei a mim mesmo. “Como pude cair tanto? Aonde eu fui chegar? Meus pais me ensinaram um caminho totalmente diferente. A Bíblia, o sábado, a vida livre dos vícios, a fé e a religião... Eu deixei tudo isso para trás. Que caminho devo tomar?”

Naquele momento, ajoelhei-me e supliquei a Deus que me perdoasse. Prometi ao Senhor que nunca mais iria jogar cartas ou tomar uma só gota de álcool. Estava determinado a ser um filho de Deus e não um filho das trevas.

Não havia nenhuma igreja adventista naquele lugar onde eu estava trabalhando. Por isso, deixei meu trabalho e fui para um lugar chamado Mulco, onde havia uma igreja adventista.

Nessa pequena cidade, encontrei trabalho, comecei a frequentar a igreja e ajudar em tudo o que era possível. Queria muito ser batizado, mas os dias se seguiram até que dois anos inteiros haviam passado. Durante todo esse tempo, nenhum pastor veio visitar nossa pequena igreja. Finalmente, quando estava com 15 anos, o ancião da igreja nos deu a boa notícia de que o pastor visitaria Bela Vista, a pouco mais de 40 quilômetros dali.

De manhã bem cedinho, no dia marcado, já estava a caminho, correndo para o local onde iria me encontrar com o pastor. Parecia que, em toda a minha vida, nada

havia sido tão importante como o que ia acontecer naquele dia.

Entretanto, quando cheguei a Bela Vista, os membros da igreja me disseram que o pastor havia partido no dia anterior para ir a Rompulle, distante cerca de 25 quilômetros. Com certeza, o ministro não sabia que alguém estava procurando por ele para ser batizado. Sem hesitar, parti mais uma vez em busca do pastor. Cheguei a Rompulle apenas para receber a notícia de que ele realmente havia passado por lá, mas que já estava a caminho de Mulco, onde planejava batizar várias pessoas. Por volta das 21 horas, finalmente consegui encontrá-lo. Com profunda emoção, disse-lhe sobre o meu desejo de ser batizado. Ele me disse:

– Vamos fazer isso agora mesmo.

Além de mim, havia várias pessoas naquele lugar que também desejavam o batismo. Fomos todos para a igreja. Primeiramente, foi realizado um culto com uma longa pregação. Em seguida, o pastor procedeu ao exame dos candidatos.

Naquela época, no Chile, esse teste era realmente algo extraordinário. Podia incluir qualquer coisa, desde uma explicação detalhada da profecia dos 2.300 dias, até uma prova bíblica de qualquer das importantes doutrinas de nossa fé. Havia sete outros candidatos, e esse exame se estendeu bastante. Era meio-dia quando finalmente saímos da igreja para ser batizados nas belas águas do Lago Bundy.

Como disse no início, eu tinha sérias dúvidas quanto ao propósito de Deus para a minha vida. No entanto, desejava ser útil e poder servir onde fosse possível em Sua causa. Pouco tempo depois do meu batismo, voltei para casa para morar com meus pais, e lá decidi dar estudos bíblicos nos sábados à tarde.

Meu companheiro, Ruperto Higuera, e eu conseguimos uma Bíblia grande e escrevemos nela vários textos, como uma forma de nos preparar para essa tarefa. Nenhum dos dois havia dado estudos bíblicos e não tínhamos, na verdade, nenhuma ideia de como fazê-lo. Assim, achamos que seria melhor procurar um local em que as pessoas fossem mais simples, e talvez mais receptivas à nossa mensagem. Oramos fervorosamente pedindo a direção e a ajuda de Deus. Estávamos ansiosos por trabalhar para Ele, a despeito de nosso pouco conhecimento.

Sem dúvida, formávamos uma dupla bastante incomum, pois Ruperto era baixo e gordo e eu era alto e magro. Entretanto, nossa aparência era a última coisa com que nos preocupávamos naquele momento.

Para começar o trabalho, fomos até o limite da cidade e escolhemos a casa mais distante que podíamos ver. Nós nos aproximamos dela com bastante receio e, de

fato, poderíamos ter voltado, mas... muito tarde! Vimos que o dono havia saído e estava olhando diretamente para nós. Ao nos aproximarmos, ele disse:

– Eu estava esperando por vocês, garotos. Por favor, entrem e se assentem.

Com um sentimento de grande admiração e espanto, entramos na casa. Assim que nos sentamos, o homem nos disse:

– Há poucos minutos estava tirando um cochilo e sonhei com dois jovens vindo em direção à minha casa. Um deles era alto e magro, o outro era baixo e forte, exatamente como vocês dois. Além disso, vi em meu sonho que eles tinham nas mãos um grande livro preto, como esse que vocês estão carregando. Quando vi vocês vindo em minha direção, no sonho, um ser celestial se aproximou e disse: “Aqueles dois moços são mensageiros de Deus. Eles estão vindo para lhe mostrar o caminho para o Céu. O livro que eles carregam é o Livro de Deus; portanto, faça tudo o que eles lhe disserem.”

Quando ouvi essas palavras, fiquei tomado de emoção. “Obrigado, Senhor!”, eu disse silenciosamente, com os olhos cheios de lágrimas. “Agora eu sei que o Céu se abriu para mim também. Tenho certeza de que me aceitaste e que tens um lugar escolhido em que eu possa trabalhar para Ti.”

Nota: Naquela mesma tarde, após receber o estudo bíblico aquele homem foi com Joel e Ruperto ao culto jovem na igreja adventista. Não muito tempo depois, ele e toda a família foram batizados e, quando esse relato foi escrito, ele já era o primeiro-ancião da igreja adventista de Nueva Imperial.

Joel Leiva respondeu ao chamado que o Senhor confirmou a ele naquela ocasião. Ele voltou a estudar a fim de se preparar para o ministério. Ele tem trabalhado como pastor, professor e administrador da igreja no Chile e em outros lugares.

“ELE DIZ QUE EU VOU FICAR BEM”

DAPHNE COX

15

Entre os milhões de homens que retornaram à vida civil no fim da Segunda Guerra Mundial, estava um jovem inglês por nome John Cox. Embora não professasse nenhuma fé religiosa, Cox estava convencido de que somente a mão de Deus poderia tê-lo conduzido durante as terríveis batalhas que enfrentou no norte da África.

Pouco depois do seu retorno, Cox se mudou para a República da África do Sul com sua jovem esposa Daphne e três filhos. Naquele lugar, Daphne sentiu uma necessidade especial de buscar a Deus; por isso, começou a se dedicar ao estudo da Bíblia e a pesquisar as verdades que ela contém. Depois desse processo, por algum tempo, passou a visitar diferentes igrejas na esperança de encontrar uma cujos ensinoss estivessem de acordo com o que estava descobrindo. Em sua busca, a Sra. Cox manteve longas conversas com representantes de várias denominações, sempre comparando seus ensinoss com as palavras das Escrituras.

Daqui em diante, o relato continua nas palavras de Daphne Cox:

Na Cidade do Cabo, África do Sul, adquirimos uma casa ao lado da editora Sentinel Publishing Company. Logo percebemos que pertencia a uma igreja a cujos membros um de meus parentes chamava de “aqueles fanáticos adventistas do sétimo dia”.

Naturalmente, por algum tempo ainda, nós víamos os novos vizinhos com uma certa suspeita, mas depois percebi que não havia nada de estranho com sua conduta. Assim, certo dia, decidi fazer-lhes uma visita. O diretor recebeu-me com toda a cordialidade e emprestou-me um exemplar do livro *Great Prophecies For Our Time* [Grandes Profecias Para o Nosso Tempo], de A. S. Maxwell. Ao terminar de ler esse livro, soube que havia encontrado a resposta. Era isso que estivera procurando por todos aqueles anos: uma igreja que seguisse exatamente o que a Bíblia diz. Algum tempo depois, um eminente líder da igreja da qual John e eu havíamos sido membros nos disse que “o único povo que segue a Bíblia são os adventistas do sétimo dia”. Isso confirmou minha crença e deixou John se perguntando como esse homem podia ser tão incoerente ao dizer tal coisa e ainda assim não se tornar um

adventista!

Não demorou muito e comecei a ir à igreja aos sábados. Por mais estranho que pareça, John, que nunca havia interferido em minhas investigações religiosas, de repente, começou a se mostrar hostil.

– Olhe aqui, Daph – disse ele –, não posso impedir você de ir à igreja no sábado; essa é uma decisão sua. No entanto, você não deve levar as crianças. Não quero ver você ensinando a elas essas ideias estranhas.

– Está certo – eu lhe disse –, mas vou conversar com seu pastor.

Despreocupadamente, saí para fazer uma visita ao ministro, muito confiante de que assim que ele ouvisse como o sábado foi mudado, também se tornaria imediatamente um adventista. Em vez disso, o pastor me disse que o diabo é que estava colocando essas coisas na minha cabeça.

Bastante perplexa, respondi:

– Tenho certeza de que o senhor conhece muito bem as Escrituras; então, mostre-me uma passagem que comprove a mudança do dia de descanso.

Parecia que eu estava sendo um duro teste de paciência para aquele homem, mas ele tentava manter-se calmo.

– A senhora deve tirar essas ideias da cabeça, ou vai perder o juízo completamente – disse ele.

– Não vejo como posso perder o juízo quando tudo o que eu quero é saber a verdade.

Finalmente, pedi que respondesse com um claro “sim” ou “não” à minha pergunta sobre a necessidade de guardar os Dez Mandamentos. Nesse momento, ele ficou enraivecido, esmurrou fortemente a mesa e gritou comigo. Muito abalada, saí do escritório dele e fui para casa.

Quando John soube do que havia acontecido, ficou furioso e disse:

– Certo, Daph, de agora em diante, você pode levar as crianças à igreja no sábado. Se esse homem acha que pode falar com você desse jeito, não permitirei que meus filhos frequentem a igreja dele nunca mais.

Depois disso, as crianças passaram a ir à igreja comigo.

Entretanto, é claro, eu queria conquistar meu marido também. Assim, comecei a fazer meus planos e orar. Quando ele entrou em férias, eu o convidei para nos acompanhar à igreja e, para minha surpresa, ele aceitou imediatamente.

John ficou muito contente pela maneira como as pessoas totalmente estranhas o receberam. Era algo que ele nunca havia percebido nas poucas visitas que fez à outra igreja que frequentávamos. Além disso, de maneira quase inesperada, ele percebeu que estava apreciando muito a Escola Sabatina. O professor permitia que cada um expusesse seu ponto de vista, e John ficava fascinado com tudo o que estava ouvindo. Isso fazia sentido!

E enquanto ele mantinha esse estado de espírito, sugeri que poderíamos convidar M. E. Dawson, um ancião da igreja, para jantar conosco. John concordou, e não tentou argumentar quando o Sr. Dawson propôs dar-nos estudos bíblicos.

Depois que o Sr. Dawson saiu, eu disse ao meu marido que poderíamos estudar a Bíblia juntos e então convidar a instrutora bíblica adventista para nos fazer uma visita. Se a instrutora ensinasse de acordo com o que havíamos encontrado com a ajuda da concordância bíblica, eu disse, então concordaríamos com ela.

Isso lhe pareceu algo até divertido. Pelo menos dessa vez, ele conheceria mais sobre religião e poderia mostrar o erro de outras pessoas, se cometessem algum deslize. Para sua surpresa, a Srta. Davis apresentou os mesmos textos que havíamos encontrado. Quase que antes de imaginar o que estava acontecendo, o próprio John passou a concordar com tudo o que os adventistas ensinam. Não conseguiu encontrar sequer uma falha, em nada. Ele também entendeu que havíamos encontrado a verdade e, finalmente, fomos batizados juntos.

Fiquei também surpresa quando John, que havia sido sempre uma pessoa tímida, decidiu tornar-se um colportor-evangelista. O líder do Departamento de Publicações ficou doente e não pôde acompanhá-lo ao iniciar o trabalho, mas o impressionante é que ele vendeu oito livros grandes logo no primeiro dia em que saiu. John “desatou a língua”, como dizem. Agora ele até fala demais. É um novo John, que eu tenho que conhecer novamente.

Ele trabalhou como colportor por três anos e atuou também em outras áreas. Participou como diretor da Escola Sabatina e do trabalho com os desbravadores, foi o organizador de um novo grupo que nós dois lideramos juntos. Ajudou também nos acampamentos de jovens, como líder na organização das barracas. Eu tinha uma vida bastante atarefada, mas muito feliz.

Três anos depois, nós nos mudamos para a Austrália e fomos morar em Redhead, um subúrbio de Newcastle à beira-mar. Lá, meu marido continuou a trabalhar como colportor, mas uma nova responsabilidade recaiu em seus ombros. Havíamos adquirido uma pequena casa, a única que cabia em nosso orçamento. Ela necessitava de uma boa reforma. Assim, John gastava muito do seu tempo livre

trabalhando na casa. Dava estudos aos interessados e fazia seu trabalho. Os horários dos ônibus eram incertos e frequentemente ele tinha que caminhar quase 10 quilômetros para chegar à nossa casa, depois de trabalhar o dia inteiro. Após um ano nesse ritmo extenuante, algo ruim aconteceu.

Em um domingo, John passou todo o dia enchendo as lajes de concreto para a nossa nova varanda. No dia seguinte, uma segunda-feira, dia 24 de setembro de 1956, ele acordou, como de costume, às 5h45. Levantou-se, espirrou duas vezes, e caiu no chão. De início, pensei que ele estivesse brincando. No entanto, fui até onde ele estava e o encontrei inconsciente. Imaginei que poderia ter batido a cabeça na parede e desmaiado. Assim, aguardei alguns momentos esperando que ele voltasse a si, mas notei que estava respirando de maneira estranha e me assustei. Acordei meu filho, Brian, e pedi que chamasse o médico. A essa hora, as meninas já estavam acordadas, e juntas conseguimos colocar John na cama.

Dez minutos depois, o médico já o estava examinando. Eu não estava preparada para aquele diagnóstico: John estava em coma devido a uma hemorragia cerebral e não iria se recuperar! O médico deu a ele menos de quatro horas de vida e disse que estaria de volta às 10h para “acertar as coisas”.

Atordoada e estupefata com esse veredicto, eu me perguntava como iria dizer isso às crianças. O que se poderia dizer a um garoto de 15 anos e às meninas, uma com 10 e outra com 12?

Ainda sem saber o que fazer, abri a porta do quarto. Três rostos apavorados olharam direto para mim.

– O médico disse que o papai não vai viver – murmurei vagarosamente.

O rosto deles se empalideceu por um momento, e então caíram em lágrimas.

Ali mesmo, comecei a me revoltar e a pensar: “John está morrendo? O meu John, que aos 42 anos nunca havia ficado doente? O que faríamos sem ele? Não podia ser. Isso devia ser apenas uma opinião humana. Eu iria aceitar o veredicto quando soubesse o que Deus tinha a dizer sobre o caso.”

– Rápido, Brian! – eu disse. – Corra até o telefone e chame um dos pastores. Você vai encontrar uma lista abaixo do nome da associação. Diga que o papai está morrendo e que gostaríamos que viesse ungi-lo.

Brian correu até a cabine telefônica, a quase um quilômetro de distância, e voltou logo dizendo que o pastor T. A. Anderson estava a caminho.

Ficamos todos assentados em silêncio, pensativos, antes de nos ajoelharmos em volta da cama para orar. Segurava a mão direita de John, já desfalecida. E então, de

repente, ao orarmos, senti sua mão apertar a minha. Imediatamente comecei a falar com ele. Os olhos de John estavam fechados, mas ele ainda apertava minha mão. Em seguida, ele a soltou e fez alguns sinais estranhos.

Todos olhamos para a mão dele e nos arriscamos a adivinhar o que ele queria dizer:

– Você quer escrever alguma coisa?

Rapidamente encontrei papel e caneta e, segurando o papel para ele, coloquei a caneta entre os dedos dele. O resultado foi apenas alguns rabiscos sem sentido. Então tentei outra ideia.

– Vou soletrar o alfabeto e você aperta a minha mão quando for a letra certa.

Pouco a pouco, com grande esforço, ele conseguiu formar as palavras da mensagem que nos queria passar: “Ele diz que eu vou ficar bem.”

Em seguida, sua mão voltou a ficar inerte na minha novamente; mas, cheios de alegria, contemplávamos aquelas palavras: “Ele diz que eu vou ficar bom.” E continuamos orando até que o pastor Anderson e o pastor H. W. Hollingsworth, presidente da Associação Norte de New South Wales, chegassem.

Ambos ficaram chocados com a notícia. O pastor Anderson falou brevemente conosco; e então, juntos, nós nos ajoelhamos em volta da cama. Cada um de nós orou. Pauline simplesmente disse: “Por favor, Deus, devolva-nos o papai.”

E foi exatamente isso o que Ele fez.

Alguns momentos depois de ser ungido, John apertou minha mão e novamente fez aqueles sinais.

– Ele quer escrever alguma coisa – eu disse aos pastores, e rapidamente dei a John a caneta enquanto segurava o papel. Então, ainda com os olhos fechados, ele escreveu de maneira bem clara: “Posso me movimentar um pouco.” Em dez minutos, ele estava totalmente lúcido e falando coerentemente.

Pouco tempo depois, o médico chegou. Em vez de preencher o atestado de óbito como esperava, encontrou o paciente bem vivo, embora com o lado esquerdo paralisado.

– O que aconteceu aqui? – perguntou ele.

– Nós oramos... – comecei a dizer.

– Bem, será melhor vocês orarem novamente – disse ele. – Seu marido poderá se recuperar em três dias, ou ficará paralítico para o resto da vida.

Francamente, ao ouvir aquilo, esperava que John ficasse completamente curado dentro de três dias, mas pude compreender que os médicos não haviam reconhecido nenhum milagre naquela situação.

Durante três dias, o médico deixou-o sob os meus cuidados. Os membros da igreja foram maravilhosos. Eles se reuniam conosco, traziam alimentos, me ajudavam e faziam até o serviço da casa.

Então o pior aconteceu. No terceiro dia, John teve uma recaída e outra hemorragia grave. Novamente ele ficou inconsciente, e quando o médico chegou, disse que John provavelmente não se recuperasse dessa vez.

– Pode me chamar quando tudo acabar – ele orientou. – Não acho que vai demorar muito.

Novamente nos ajoelhamos ao lado da cama e oramos. Ele respirava com muita dificuldade. Não teria mais do que poucos minutos, e compreendi que essa devia ser a vontade de Deus.

Sim, eu tinha fé para acreditar que John podia ser curado. E eu esperava por isso. No entanto, compreendi que estava tentando impor a Deus a minha vontade, quando minha oração deveria ser: “Seja feita a Tua vontade.”

Ao reconhecer esse fato, sabia que, por mais desolada que estivesse com a sua morte, isso talvez fosse o melhor para ele – e para nós – de acordo com a vontade de Deus. “Todas as coisas contribuem para bem”, repetia para mim mesma, e orava silenciosamente: “A Tua vontade, Senhor; a Tua vontade somente.”

De repente, a respiração dele já não estava mais tão difícil. Os dedos apertaram os meus. Mesmo sem abrir os olhos, ele sussurrou debilmente:

– Foi uma batalha imensa, mas valeu a pena!

A cor começou a voltar à face já acinzentada. Logo depois, o médico o enviou para o hospital, onde médicos especialistas o examinaram. Quando uma das especialistas veio me falar sobre os resultados, eu já imaginava o que ela ia dizer.

– Quanto o seu marido bebe? – ele queria saber.

– Bem, ele bebe uma xícara de cevada quando acorda e outra no jejum. Algumas vezes, ele toma leite batido ou suco de frutas quando está no trabalho.

– Não, Não! – disse ela um tanto impaciente. Eu não quero saber sobre cevada ou leite batido. Quero saber o quanto de álcool ele bebe.

Olhei fixamente para a médica um tanto perplexa. – Ele não bebe nada – eu disse. – Ele é abstinente.

Ela balançou a cabeça, surpresa. – Bem, como você explica a pressão alta que ele tem?

– Pressão alta? Nunca soube que ele tivesse pressão alta.

– Não podia estar pior – ela me disse. – Achei que soubesse disso.

Não, eu não sabia. Ele nunca teve o menor sintoma, e em um *check-up* feito poucos meses atrás, o médico disse que estava apenas ligeiramente acima do normal. Totalmente confusa, eu olhava fixamente para a médica esperando pelo que vinha a seguir.

– Seu marido teve uma hemorragia subaracnóidea do cérebro. A senhora pode ficar com ele o quanto desejar, Sra. Cox – disse ela gentilmente. – Ele está muito mal, e não temos esperanças de que se recupere.

Passaram-se alguns poucos dias, e John não morreu, como o previsto. Em vez disso, pouco a pouco, começou a melhorar. Mais tarde, soubemos que apenas um em cada mil pacientes com esse tipo de hemorragia consegue se recuperar.

Então, em um dia em que fui visitá-lo no hospital, ele virou o rosto para o lado, como se estivesse incapaz de falar.

– O que há de errado? – perguntei.

Meu marido me entregou um atestado que o médico havia feito para o instituto nacional de saúde, requerendo uma pensão por invalidez para ele. O atestado declarava que John ficaria paraplégico pelo resto da vida.

– Não acredito que seja por toda a vida – eu disse a ele, e o lembrei do que havia escrito: “Ele diz que eu vou ficar bem.”

– Quando escrevi isso? – John perguntou, sem entender nada.

– No dia em que você ficou doente – respondi. – Eu tenho a folha em que você escreveu, vou lhe mostrar.

Ele não conseguia se lembrar. Por mais estranho que pareça, aqueles três dias ficaram completamente esquecidos para ele, mas nós dois nos apegamos àquelas palavras: “Ele diz que eu vou ficar bem.” Essa frase foi a nossa fonte de força daquele momento em diante.

Os dias se passaram vagorosamente. Cada vez que o visitava, ele parecia estar melhor fisicamente e recuperando o ânimo e o bom-humor.

Pouco antes de receber alta, ele pediu um par de muletas. O plano inicial de fisioterapia incluía exercícios de caminhada, com uma pessoa de cada lado para sustentá-lo. Os enfermeiros olharam de modo estranho para ele, mas trouxeram as

muletas.

Ele colocou uma debaixo do braço direito, segurou-a firmemente, testou sua resistência, equilibrou-se nela e moveu o pé direito para frente enquanto todo o peso ficou apoiado na muleta. A perna esquerda se arrastou vacilante logo atrás.

As enfermeiras olhavam assombradas. Nunca tinha acontecido nada igual!

Vagarosamente, já mostrando sua prática diante do olhar atento das enfermeiras, ele controlou a “caminhada”. Após seis semanas no hospital, ele saiu “andando” dessa maneira.

Por algumas semanas, John ficou confinado em casa. Não ousava deixá-lo sair, mesmo que por poucos minutos, temendo que pudesse cair, e depois de um certo tempo, ambos estávamos aborrecidos por ter que ficar constantemente em casa. No momento psicológico difícil em que vivíamos, a igreja de Boolaroo comprou uma cadeira de rodas própria para ambientes externos, e ele a aceitou com muita gratidão.

Depois disso, nossa família passou a ir diariamente à praia, com alguém empurrando a cadeira enquanto John a dirigia com a mão direita, não afetada pelo derrame. Depois de alguns meses, ele conseguiu nadar em uma piscina com água até a cintura, e pôde desfrutar de bons momentos com a família novamente.

Em casa, John começou a se preocupar com a reforma inacabada. Ele olhava para a tinta e os pincéis com saudade. Assim, certo dia, depois de pensar e fazer suas conjecturas, ele moveu a cadeira até a mesa e ficou atrás das muletas como se estivesse avaliando a situação. Apoiando-se em uma das muletas, reuniu todas as forças, deu um grande salto, e caiu na cadeira.

Outro salto poderoso, e ele já estava em cima da mesa!

– Levante o meu pé esquerdo, coloque-o aqui na mesa e me dê a tinta e o pincel – ele ordenou. Era o velho sargento de novo. Foi assim que os tetos foram pintados, com John fazendo mais ginástica que um trapezista, cada vez que a mesa tinha que ser mudada de lugar. Deixei que ele fizesse toda a pintura. Isso ajudava a mantê-lo ocupado, pensava. No entanto, parecia que ele nunca ia acabar.

O trabalho do lado de fora estava além das suas possibilidades, pelo menos era o que eu imaginava. Entretanto, eu estava subestimando sua capacidade. Seu olhar especulativo parou sobre a parede externa da casa. Em seguida, ele estendeu a mão direita, agarrou-se a um degrau da escada e fez uma careta enquanto buscava um ponto de apoio com a perna direita boa. Finalmente ele ficou na altura certa.

– Pendure a lata de tinta no degrau. Você pode fazer isso, por favor? E passe-me o

pincel. Também coloque meu pé esquerdo no lugar certo.

Com gratidão, eu atendia às suas ordens.

Os vizinhos comentavam a maneira como John fazia as coisas e se locomovia. – É uma pena seu marido ter ficado paralisado para o resto da vida – disse uma.

“Ele disse que eu vou ficar bem.” Essas palavras saltavam diante dos meus olhos.

– Olhe – eu disse a ela –, não acredito que meu marido vai ficar assim para sempre. Quando os médicos desistirem dele, dizendo que não tem mais cura, Deus vai curá-lo.

Ela olhou para mim de modo estranho, conversamos mais um pouco, e depois saiu apressada e foi embora.

John resolveu testar a mão fazendo um armário e terminando o banheiro. Com a mão boa, e uma incrível engenhosidade, ele fez um trabalho melhor do que muitos fariam com as duas mãos. Depois de construir a lavanderia e acabar o material, achei que estava na hora de ir ao médico. Talvez John estivesse exagerando.

Ao lhe contar o que meu marido esteve fazendo naquele período, o médico ouviu atentamente, e depois disse:

– Sente-se, Sra. Cox. A senhora está se sentindo bem?

– Claro que estou bem – respondi. – É meu marido que eu vim trazer para o senhor ver. Ele acabou de construir uma lavanderia e... – comecei a falar.

– Ele não poderia – o médico interrompeu. – Nenhum homem nas condições dele poderia fazer isso.

– Vá lá em casa e veja o senhor mesmo – sugeri.

Quando chegou, o médico perguntou a John:

– O que foi isso que eu ouvi sobre você estar pintando a casa?

– Olhe, acabei de pintar tudo por dentro e por fora.

– Venha por aqui, e eu vou lhe mostrar – convidei-o para ver. Ele me seguiu exclamando palavras de espanto enquanto eu mostrava todo o trabalho que John havia feito.

Depois dessa visita, o médico decidiu que meu marido deveria ir para Mount Wilga, um centro de reabilitação perto de Sydney. Lá provavelmente poderiam ensiná-lo uma nova ocupação ou fazer algum novo tratamento que o ajudasse a ter uma vida mais normal.

Assim, ele foi para o centro, a uns 150 quilômetros de casa. Estávamos muito

tristes com a separação, mas sentíamos que era para melhor. Aguardávamos ansiosamente as visitas que podíamos fazer ocasionalmente, quando amigos bondosos que passavam por lá o traziam para passar um fim de semana em casa, ou nos levavam a para visitá-lo e passar o dia todo com ele.

Os especialistas em Mount Wilga disseram que a perna e o braço de John não ficaram hipertrofiados, como é comum acontecer nos casos de hemorragia cerebral. Eles o examinaram e questionaram minuciosamente a respeito da maneira como ele “andava”. Assim como aconteceu com a equipe do hospital em Newcastle, os médicos e enfermeiros em Mount Wilga nunca tinham visto ninguém manusear uma muleta como John fazia.

Ao examiná-lo, o médico disse a meu marido que a maneira de ele se locomover poderia causar sérios danos no quadril direito. Disse que John deveria usar a cadeira de rodas permanentemente. Fora de casa, ele disse que era imperativo o uso de uma cadeira motorizada.

Isso veio como um golpe para John, e para nós também. Como poderia esse homem tão ativo ficar preso a uma cadeira de rodas?

Os médicos trabalharam em um dispositivo para fazer com que John andasse, mas ele o achou incômodo demais e não conseguiu usá-lo. Fizeram nele também um tipo de tratamento de choque para ver se havia alguma resposta do cérebro. Foi passada uma corrente elétrica pelo braço e pela perna do lado esquerdo para ver se havia alguma reação. Isso também foi sem sucesso.

Depois de passar sete meses em Mount Wilga, John recebeu alta. Não encontraram nenhum meio para a cura, mas ele queria tentar uma maneira de voltar à obra da colportagem. Sua ideia era que eu poderia bater à porta dos clientes e pedir às pessoas para ouvirem a apresentação que ele tinha a fazer.

Certo dia, porém, John teve uma repentina e intensa dor de cabeça, como nunca havia sentido antes. Assustada, chamei o médico imediatamente e, quando ele chegou, viu que sua pulsação estava abaixo de 40. Dentro de pouco tempo ele foi levado de volta ao hospital. Ao chegar, viram que a pulsação tinha voltado ao normal e que a dor de cabeça havia desaparecido!

Perplexos, os médicos decidiram mantê-lo internado por mais alguns dias. Depois, ele foi enviado a um hospital de convalescentes, onde outro médico o examinou. Novamente lhe disseram que não havia nada a ser feito para que voltasse a andar. O médico olhou então para a Bíblia que estava no armário e perguntou:

– Por que você não ora a respeito disso?

Pensando que esse poderia ser o momento pelo qual estávamos esperando, John perguntou ao pastor Wooller se ele poderia ser ungido novamente. A unção ficou marcada para a sexta-feira à noite naquela semana; e, nos dois dias seguintes, nós nos preparamos orando e jejuando.

Então, em 21 de março de 1958, exatamente 28 meses depois que ele havia ficado doente, estavam presentes os pastores Wooller, Hollingsworth e Anderson, além de J. B. Cox, primeiro-ancião da Igreja Adventista de Hamilton, e a nossa família, colocamos John em uma pequena sala cedida pelo hospital para ali nos reunirmos.

O pastor Wooller falou brevemente com John em particular, então chamou a todos para dentro da sala. John estava sentado em um canto com os pastores mais próximos a ele. O pastor Hollingsworth estava segurando a mão paralisada de John. Todo o lado esquerdo, do ombro para baixo, era sempre frio ao toque. Mesmo nos dias mais quentes, esse lado do corpo nunca se aquecia.

Todos oraram, cada um por sua vez – os pastores primeiramente, o mais novo por último. Finalmente, chegou o momento pelo qual todos estávamos esperando. O pastor Wooller ungiu John. Mais tarde, meu marido nos disse que, quando o óleo tocou sua pele, ele sentiu como se fosse um ferro em brasa que descia de alto a baixo pelo lado esquerdo do corpo. O pastor Hollingsworth sentiu o mesmo calor na mão esquerda de John.

Ao nos ajoelharmos, embora meus olhos estivessem fechados, percebi que uma luz forte iluminava a sala. Parecia que nós estávamos fora, em plena luz do sol. Sabia que o Senhor estava presente ali conosco.

Comecei a ouvir um barulho estranho. Não conseguindo mais me conter, num salto fiquei em pé e olhei para John. Ele estava mexendo o pé esquerdo! Ao fazer isso, a borracha embaixo do seu sapato rangia.

– Ele está mexendo o pé! – Pauline e eu gritamos juntas.

– Louvado seja Deus! – disse o pastor Wooller fervorosamente. Em seguida, ele nos pediu para deixar a sala.

John estava sentindo-se um pouco fraco devido a essa tremenda prova por que havia passado e pediu um copo d'água. Ao entrar na ponta dos pés naquela sala, com o copo na mão, vi o pastor Wooller tomá-lo pela mão, e em voz de comando dizer:

– Em nome de Jesus de Nazaré, levante-se e ande!

Tremendo, John parou por um momento, e eu prendi o fôlego na agonia da expectativa.

E então ele deu um passo!

– Caminhe até aqui, e você pode pegar esse copo d'água – eu lhe disse ansiosamente, como uma mãe diz para o filho que está aprendendo a andar.

Assim que ele chegou até onde eu estava e pegou o copo da minha mão, simplesmente entendi que tinha que contar aos outros a profunda gratidão que sentia por essa graça recebida. Correndo para fora da sala, exclamei exultante:

– Ele está andando! Ele está andando!

De repente, percebi que eu estava chorando.

O pastor Anderson olhou para mim achando isso um tanto estranho e perguntou:

– Por que essas lágrimas?

– São lágrimas de alegria, de pura alegria – respondi.

A seguir, entramos todos na sala para fazer uma oração de gratidão a Deus. Que momento maravilhoso foi aquele! Rapidamente, Pauline foi ficar ao lado do pai.

– A mão do papai está rosada e quentinha – ela exclamou toda feliz.

E estava mesmo. A mão esquerda estava viva novamente.

John julgou então haver recebido o tratamento suficiente dado nos hospitais.

– Quero ir para casa agora mesmo. Por favor, diga isso à enfermeira e pergunte se está tudo certo – ele me disse.

Eu estava em dúvida. A pessoa normalmente recebe alta de um médico. No entanto, fui procurar a enfermeira.

– Meu marido está andando e quer ir embora para casa – eu lhe disse.

– Andando? – ela me olhou com incredulidade. – Mas não pode ser!

– Está sim – respondi –, ele quer ir para casa.

– Seu esposo certamente não pode ir para casa. Não até que o médico o examine – afirmou ela, com toda ênfase. – E sobre ele estar andando... só vou acreditar quando o vir caminhando.

– Sim, venha e veja você mesma! – exclamei.

Quando John viu que a enfermeira estava chegando, disse:

– Afastem-se todos. Deixem que ela me veja andar.

Diante dos olhos incrédulos da enfermeira, ele deu um passo. Ela não permitiu, porém, que ele fosse adiante. Em vez disso, colocou-o na cadeira de rodas e o levou de volta para a cama.

Decidimos que talvez aquele seria o melhor lugar no momento. Todos nós havíamos passado por tanta emoção que necessitávamos de alguns momentos de tranquilidade.

No dia seguinte, ao visitar John, ele estava sentado em um banco do lado de fora, esperando por nós. Ele caminhava por lá sem ajuda e estava sentindo-se maravilhosamente bem. A cada dia, os músculos ficavam mais fortes, e os dedos da mão esquerda começaram a se endireitar.

No fim da semana, ele teve permissão para ir ao programa Best Saturday Night [A Melhor Noite de Sábado], realizado no Winter Gardens. O pastor Alvin Cook e a esposa, com o pastor Anderson e a esposa, estavam no topo de uma escada de 24 degraus e olhavam fascinados enquanto John subia.

Depois fomos para o auditório. A entrada dava direto para o público e, ao nos aproximarmos, pudemos ouvir o costureiro “zum-zum-zum” das pessoas conversando. Quando meu marido passou pela porta, houve uma audível exclamação vinda da plateia e, a seguir, absoluto silêncio enquanto o sorridente John encaminhava-se para seu assento.

Vamos nos lembrar desse momento por muito tempo. Os membros da igreja ouviram falar que John estava andando, e muitos estavam ali testemunhando pessoalmente isso acontecer. Alguns que ainda não sabiam correram surpresos até a frente para cumprimentá-lo e perguntar o que havia acontecido. E que história nós tínhamos para contar!

Uns dois dias depois da unção, convidei o Sr. Delaney, editor do jornal local, para ir à nossa casa. Ele sabia que John havia estado no hospital e quando se assentou, tentei não parecer muito emocionada.

– Sr. Delaney, John está andando. Ele está curado!

Pude ver em seus olhos aquele mesmo olhar de incredulidade que vi na enfermeira. Na verdade, íamos ver essa expressão de descrença muitas vezes.

Ao lhe contar exatamente o que havia acontecido, ele meneou a cabeça em sinal de descrença. Então, depois de alguns momentos de reflexão, ele me disse:

– Certo. Eu vou falar com o médico que cuidou de John.

– Ótimo! – respondi. – E depois que falar com ele, gostaria que o senhor escrevesse um artigo relatando o que aconteceu.

Assim, o Sr. Delaney foi conversar com o médico. Pouco tempo depois, ele veio feliz à nossa procura.

– É verdade! – disse-me ele, como se eu não soubesse.

A edição seguinte de seu jornal publicou a seguinte manchete na primeira página: **HOMEM PARALÍTICO SE RECUPERA DE MANEIRA SURPREENDENTE.**

Nesse artigo, o Sr. Delaney escreveu: “Os médicos disseram hoje que a recuperação do Sr. Cox foi totalmente inesperada; e, de modo particular, destacaram a rapidez com que está acontecendo.”

Rapidez era a palavra exata. Três semanas depois da unção, John estava pintando o telhado, e no primeiro dia de sol foi ele surfar. Havia uma expressão de genuína alegria em seu rosto enquanto as ondas se quebravam e batiam em volta dele.

Voltei ao consultório do médico para contar-lhe a respeito da recuperação de John. Ele ficou maravilhado.

– É surpreendente – disse ele –, simplesmente surpreendente.

Ele pensou um pouco sobre o caso e então acrescentou:

– Veja bem, eu apenas não consigo entender o porquê daquela grave dor de cabeça que ele teve quando o enviei para o hospital. Não há explicação para aquela dor.

Eu sorri e respondi:

– Nunca deixamos de acreditar que ele seria curado, e penso que essa dor foi apenas um sinal de que Deus estava dizendo “sim”!

Ele respondeu muito pensativo:

– Acho que a senhora deve estar certa. Não há outra explicação.

O pessoal do hospital estava também muito impressionado com a recuperação de John. O médico responsável, muito contente, entregou-nos um atestado com os seguintes dizeres:

Declaro que no dia 26 de setembro de 1956, John Thomas Cox foi internado neste hospital, acometido de hemorragia subaracnóidea que causou hemiplegia do lado esquerdo. Ele deixou o hospital usando muletas, mas com total paralisia paraplégica no braço e na mão, do lado esquerdo. Posteriormente, foi atendido em um centro de reabilitação, onde a lesão foi confirmada, e o prognóstico foi: sem chances de cura.

No dia 8 de março de 1958, ele foi internado novamente neste hospital e, após ser examinado, estava evidente que havia melhorado e que as consequências iniciais do derrame tinham diminuído, mas que a perna e o braço esquerdo ainda estavam paralisados. Parecia que esses membros não faziam mais parte de seu corpo.

O Sr. Cox tinha a certeza de que poderia recuperar o movimento de seus

membros, que ele devia acreditar que isso era possível e que, pela fé, poderia acontecer. Depois de uma reunião de oração, essa recuperação de fato ocorreu, ficando apenas o problema do aumento da força física para que o braço e a perna fossem restaurados como membros úteis e normais do corpo.

M.R.A.C.P.

O MILAGRE DO DINHEIRO PERDIDO

GOLDIE DOWN

16

Uma brisa fresca agitava as folhas das palmeiras e levava o odor salgado do mar até onde estava o garoto moreno que arrastava os pés descalços na areia quente. Fazia horas que Biribo estava ali na praia com os olhos fixos no mar.

Muito além da lagoa, depois do recife que a circundava como um muro de proteção, após a espuma branca das ondas que como uma fonte incessante salpicava o ar em direção ao céu, estava o Oceano Pacífico, azul e profundo. Biribo sabia que em algum lugar, lá do outro lado, seu pai estava remando de volta para casa. Fazia três dias que ele tinha partido em sua pequena canoa para ir até a sede da missão, a fim de receber o salário mensal e, àquela hora, já deveria estar de volta.

Por alguns minutos, a atenção de Biribo vagueou para a ponta da ilha onde alguns dos homens e meninos estavam se preparando para ir até ao recife em busca de polvos. Ao olhar para trás, pôde ver no horizonte azul uma pequena mancha escura. Talvez fosse seu pai chegando!

O coração de Biribo bateu forte de alegria ao ver o ponto negro aumentando mais e mais, e transformar-se aos poucos na figura de uma canoa. Sim, era seu pai: nenhum outro morador da ilha estava longe de casa naquela época.

– Ele está chegando! Ele está chegando! Biribo voou pela trilha de areia até a vila.
– O papai está vindo! – ele gritava enquanto subia o tronco que servia de escada para chegar até à cobertura de sapé sobre sua casa.

A mãe de Biribo estava sentada no chão, com as pernas cruzadas, trançando esteiras de folhas de palmeiras.

– Oh! – ela deu um grito de alegria.

Segurando o bebê, a mulher correu de volta com Biribo para a praia.

Agora a canoa podia ser vista claramente. Juntos, ficaram ali parados, acenando e chamando, embora soubessem que sua voz não podia ser ouvida por causa do incessante barulho das ondas. O pai não acenava de volta. Estava muito ocupado,

remando atento e olhando para o mar enquanto aguardava o momento certo para conduzir o pequeno bote sobre o recife traiçoeiro. Se a onda não fosse alta o suficiente, ambos, ele e a canoa, poderiam ser despedaçados cruelmente sobre aquelas duras e afiadas rochas. Por outro lado, se a onda fosse alta demais, a canoa poderia afundar, e ele teria que nadar para salvar a vida.

A canoa saltava como um animal vivo, enquanto o homem tentava controlá-la até que a onda certa aparecesse. A mãe segurava o fôlego, e Biribo sussurrava uma breve oração pela segurança de seu pai, enquanto assistiam àquela batalha.

Uma grande onda apareceu atrás dele. O pai lutou para manter a popa da canoa na mesma direção; mas a onda se ergueu como um grande muro verde-azulado. Eles o perderam de vista enquanto a água levantou a pequena embarcação e a empurrou para frente. Quando a espuma branca baixou, Biribo pôde ver a canoa deslizando velozmente sobre as águas tranquilas da lagoa. Uma vez mais o recife havia sido vencido e deixado para trás.

Quando o pai se aproximou da praia, Biribo entrou na água para ajudá-lo a puxar a canoa. A mãe correu com o bebê nos braços para saudá-lo. O pai sorriu e pegou o bebê. Quase que imediatamente, porém, Biribo percebeu que alguma coisa estava errada. O sorriso do pai estava apenas nos lábios, pois os olhos transpareciam estar muito preocupados e tristes.

A mãe notou isso também.

– Você teve algum problema – perguntou ela segurando o remo, enquanto subiam de volta o caminho entre as palmeiras.

O pai não respondeu logo. Ele olhava para frente como se estivesse procurando algo a quilômetros de distância. Finalmente, disse em voz baixa:

– Eu perdi o envelope do pagamento.

A mãe deu um suspiro. Ela não disse nada, mas seus pensamentos se anteciparam. O que iriam fazer? Certamente não iriam passar fome. Havia muito peixe no mar e coco nos coqueiros, mas precisavam de dinheiro para comprar sal, sabão, óleo de cozinha e fósforos. Bem no dia anterior, ela tinha visto o novo estoque de tecidos na pequena loja do lugarejo, e havia gostado de uma bela peça de chita com rosas amarelas e verdes. Ela esperava que naquele mês pudessem se dar ao luxo de comprar um pedaço de pano para fazer um vestidinho para a filha.

– Como perdeu o dinheiro, papai? – Biribo tocou para longe dali uma galinha que estava em frente à cabana.

– Não sei – a voz do pai tinha um tom grave. – Coloquei o envelope na cintura

quando entrei na canoa. Deve ter caído enquanto estava remando. Procurei na canoa, mas não estava lá. – Ele olhou para a roupa simples que usava, algo parecido com uma camisa e disse: – Talvez, se eu tivesse uma camisa e uma calça com mais bolsos, teria sido mais seguro.

O silêncio era profundo na pequena casa. Até o bebê parecia saber que alguma coisa estava errada e olhava sério para um e para outro com os belos olhos negros.

– Talvez ele venha boiando para a praia – lembrou Biribo, cheio de esperanças. Algumas vezes, nós encontramos coisas lançadas na praia. Posso ir lá todos os dias e procurar.

– Um pequeno envelope marrom nesse imenso oceano? – O tom de voz do pai deu a entender que a sugestão de Biribo não fazia sentido. – Além disso, dentro dele havia moedas e notas, e o peso deve, por certo, tê-lo levado para o fundo do mar.

Biribo tentou de novo:

– Podemos orar!

O pai olhou para a mãe e disse:

– Sim, nós podemos orar! A Bíblia diz que Deus fez a cabeça de um machado flutuar; então, Ele pode fazer moedas de prata flutuarem, se essa for a Sua vontade.

Um raio de esperança brilhou nos olhos do pai.

– É claro que podemos! Deus sabe onde está nosso dinheiro, e o quanto precisamos dele. Vamos orar agora mesmo.

Até o bebê desceu ao chão e dobrou os joelhos gordinhos com os demais. O pai orou primeiro, e depois a mãe e Biribo. Todos eles pediram que Deus trouxesse o dinheiro de volta para eles, se essa fosse a Sua vontade. Mesmo na ilha distante em que moravam seria difícil ficar sem nenhum dinheiro, ainda mais durante todo o mês.

Na manhã do dia seguinte, Biribo correu até à praia para procurar o dinheiro perdido. Quem sabe a água o tivesse trazido durante a noite.

Com todo cuidado, ele ia e voltava pela praia, levantava cada pedra e cada concha maior e remexia a areia com os pés descalços. No entanto, não havia nem sinal do dinheiro.

Sem desanimar, a pequena família orou novamente. De manhã, ao meio-dia e à noite, eles oravam para que Deus lhes enviasse o dinheiro. Cada vez que oravam, a fé da família se fortalecia. Eles sabiam que Deus podia enviar o dinheiro de alguma forma.

Na manhã seguinte, Biribo começou a procurar com mais cuidado ainda, fazendo sulcos na areia com os pés descalços. Ainda não havia nem sinal do dinheiro.

Naquela tarde, quando saiu para procurar o envelope, Biribo levou a irmãzinha com ele. Assentou-a na areia, e ela ficou ali brincando com um punhado de conchinhas, enquanto ele fazia sua busca, ao longo da margem, em cada buraco e em cada fenda das rochas. Nenhum dinheiro havia aparecido ainda.

Biribo deu um suspiro ao assentar-se na areia ao lado da irmã. Ele esperava que Deus enviasse o dinheiro logo, pois a garrafa de óleo de sua mãe estava vazia e tinha somente dez palitos de fósforos na caixa. Ele os havia contado naquela manhã enquanto ela acendia o fogo. O pai estava tão ocupado com o trabalho missionário que não tinha tempo para pescar e ganhar algum dinheiro.

Biribo ficou ali por algum tempo, enquanto divertia a irmã cobrindo as perninhas dela com a areia e deixando que ela mexesse os dedos dos pés até que eles ficassem livres novamente. Em seguida, ela começou a cobrir as pernas dele, e ele ficou deitado com os cotovelos na areia observando, já sonolento, as ondas suaves que se quebravam na costa da lagoa. Um pouco mais além, próximo aos recifes, as gaivotas mergulhavam e alçavam voo novamente. Era bem provável que houvesse um cardume de peixes por ali. Sim, ele podia ver pequenas manchas escuras na superfície da lagoa. Será que eram peixes? Franziu a testa esforçando-se para ver mais longe.

De repente, ele deu um pulo e saiu correndo, espalhando a areia que estava debaixo de seus pés. A irmãzinha gritou de susto ao vê-lo se levantar tão depressa. Biribo foi direto para a água, batendo as mãos tentando agarrar e segurar os pedaços de papel que vinham boiando em sua direção. Lágrimas se misturavam com as gotas de água salgada no rosto, e, ao mesmo tempo, ele ria – ria e gritava enquanto juntava o dinheiro que Deus havia mandado.

Biribo parou apenas para pegar a irmã no colo. Depois, foi correndo para casa.

– Ele veio! – gritou, enquanto empurrava a irmãzinha nos degraus do tronco. – Mãe, pai, o dinheiro veio! Deus o enviou de volta para nós.

O envelope marrom não estava junto, mas quando o pai contou o dinheiro que veio boiando até à praia, percebeu que só faltavam as moedas de prata e uma meta.

Oh, quantas foram as orações de ação de graças e de louvor que elevaram a Deus com o coração cheio de gratidão! A mãe e o pai voltaram para a praia com Biribo, e ele lhes mostrou exatamente o lugar onde estava sentado na areia e como tinha visto o dinheiro flutuando perto da praia.

– O dinheiro estava vindo bem aqui!

Ele estava com a voz trêmula de emoção ao apontar para o local a poucos metros da praia. Os olhos negros de Biribo se arregalaram e, surpreso, ele apontou com o dedo para o mesmo local, pois um pedaço de madeira vinha boiando mansamente na direção deles. Em cima do pedaço de madeira estava uma nota, e em cima da nota – como se fossem um peso para papel, estava uma pequena pilha de moedas de prata!

Enquanto o pedaço de madeira deslizava para a praia, o pai deu um passo à frente e, com toda a reverência, começou a contar o dinheiro que Deus havia enviado. Era exatamente a quantia do pagamento que faltava.

MEU PRETENSO AGRESSOR

MARY WEISS FUTCHER

17

Eu descia muito feliz pela rua. Parecia pisar as nuvens. Aquele havia sido um dia emocionante para mim. Eu era uma jovem instrutora bíblica da igreja de Manhattan, e vários adolescentes com os quais estava estudando decidiram entregar a vida a Cristo. Tinha mais um chamado a atender, mas não estava cansada. Cheia de entusiasmo, eu me dirigi à próxima casa.

Não imaginava que ia demorar tanto; porém, passava das 10 horas da noite quando saí novamente com as asas da alegria nos pés. Tanto os pais como os adolescentes naquele amável lar judaico haviam prometido ir à igreja no sábado seguinte.

A mente repassava as cenas da última visita enquanto eu caminhava até a estação do metrô mais próxima. Entrei sem me dar conta de que ele iria parar a seis quadras do apartamento onde morava. Se tivesse andado mais um quarteirão, poderia ter tomado o trem que me deixaria na quadra da minha casa, mas não percebi esse equívoco até sair do metrô. Sem problemas. Olhei à minha volta, vi que a noite estava linda e que, afinal, seis quadras de caminhada não iriam me fazer mal algum.

O metrô parou em Harlem, onde as ruas não são bem iluminadas, mas fui para casa com um hino em meu coração, pensando na alegria de ser uma obreira bíblica. Agradei a Deus por ter abençoado meus esforços naquele dia e por ser Ele um Salvador tão maravilhoso. Cantarolava ainda alguns versos bíblicos, mentalmente, quando uma enorme mão me agarrou por trás e me puxou para um beco escuro, uma passagem estreita entre dois prédios altos.

Os pensamentos se reviravam em minha mente e parecia que o tempo tinha parado. Comecei a sentir um calor forte, e depois parecia me congelar. Minhas mãos estavam frias e úmidas, e sentia a boca seca. Eu me perguntava em desespero o que aquele homem pretendia fazer comigo. Iria me roubar? Iria me matar? Às vezes, as pessoas eram mortas por causa de alguns centavos!

Não tinha muito dinheiro comigo. Dentro da minha mochila havia apenas uma

Bíblia, vários folhetos e outros itens costumeiros, inclusive as chaves de casa. Senti o corpo adormecer do alto da cabeça à ponta dos pés e compreendi, com mais terror ainda, que não podia fazer qualquer barulho.

“Ó, Deus, salve-me!”, clamei silenciosamente.

Naquele mesmo instante, o homem me jogou ao chão, como se eu fosse um saco de batatas, e correu para fora gritando – para cair nas mãos de um policial.

Demorou ainda alguns segundos para eu me recompor, mas logo consegui me levantar. Sacudi o pó das mãos e das minhas roupas, peguei minha mochila e saí até a calçada mal iluminada, onde o policial interrogava meu agressor.

– Você está bem? – o policial me perguntou, com um tom de profunda preocupação na voz.

Acenei com a cabeça. – Sim, sim, eu estou bem agora.

– Você quer prestar queixa?

O coração ainda parecia estar saindo pela boca, e eu nem sabia o que responder. O agressor, firmemente preso pelo policial, implorava para ser solto. Ele mal conseguia se explicar e ficava dizendo que o raio que o havia atingido antes de ele me jogar ao chão devia ter vindo do espaço.

Nós três conversamos por alguns minutos e eu expliquei o trabalho que fazia e por que eu estava andando sozinha pelas ruas. Abri a mochila, tirei os folhetos e logo os entreguei ao homem que me agrediu. O policial fez o homem prometer que jamais faria tal coisa novamente, enquanto eu permanecia ali, surpresa com o rumo que a conversa estava tomando.

O guarda parecia concordar em deixar meu agressor ir embora, mas antes pediu para fazermos uma oração. Ao orar, o policial mencionou tanto o meu nome como o sobrenome do assaltante. Entretanto, naquele momento, eu estava tão transtornada que não conseguia refletir.

Então o homem foi embora, e o policial voltou-se para mim.

– Você gostaria que eu a acompanhasse até sua casa? – perguntou ele gentilmente.

– Sim, por favor – eu ainda estava apavorada e nem pensei em lhe perguntar como ele sabia onde eu morava. Ao caminharmos, ele falou comigo sobre os perigos de estar nesses lugares àquela hora da noite.

– Deus lhe deu um cérebro para pensar, e você deve usá-lo sabiamente – disse ele bastante sério. – Você deve refletir – ele continuava falando enquanto

caminhávamos. Falava bondosamente, mas de maneira muito séria. E com essa demonstração de amor, guardei cada palavra e sempre me lembrava de seus conselhos.

Ele inculcou em mim os perigos de agir presunçosamente, de presumir que a oração me deixaria longe dos problemas em que eu poderia me colocar por não usar a cabeça. Finalmente, chegamos a uma área mais iluminada da Broadway.

– O senhor tem que voltar ao trabalho? – perguntei, imaginando que ele poderia ter ido além da área que lhe era designada.

Ele balançou a cabeça. – Quero ver você na porta do seu apartamento.

Caminhamos vagorosamente. Eu lhe contei sobre as pessoas que havia encontrado naquele dia, sobre os adolescentes que haviam entregado a vida a Jesus e sobre as famílias que tinham prometido ir à igreja. Ele ouvia tudo com muita atenção, interessado em meu trabalho e feliz pela maneira como Deus havia me abençoado.

Quando nos aproximávamos do meu apartamento, comecei a andar mais devagar. Vi o porteiro abrindo o portão, acenei para ele, e me volvei para agradecer o policial por me acompanhar até minha casa. Ele não estava mais lá!

Confusa, virei-me para o porteiro.

– O senhor viu para onde foi o policial?

O homem franziu a testa em tom de interrogação. – Policial? Eu não vi policial algum, moça. Você veio sozinha até aqui no portão.

Assim que fechei a porta do meu apartamento, caí de joelhos e agradei a Deus por Seu maravilhoso livramento. Quase não consegui dormir naquela noite, pensando e imaginando. Não parecia possível que eu tivesse realmente caminhado e conversado com um anjo.

Na manhã seguinte, telefonei para o posto policial, no distrito onde morava e na delegacia de Harlem, para perguntar o nome do guarda que estava a serviço naquela rua na noite anterior. Os responsáveis pelos dois postos informaram que somente os carros patrulha fizeram a ronda naquela noite. Mais uma vez, com grande temor e admiração, agradei a Jesus por enviar Seu anjo para me proteger.

UM ANJO NO *TRAILER*

PATTI CLIFFORD

18

CONFORME RELATADO A ELLA RUTH ELKINGS

Meus pais não pertenciam a nenhuma igreja. Consequentemente, minha irmã e eu não frequentamos a escola dominical quando éramos pequenas. Nunca tive a curiosidade de perguntar como seria esse lugar até que, certo dia, ouvi meus pais comentarem que talvez começassem a nos levar à escola dominical e à igreja para que pudéssemos decidir por nós mesmas se deveríamos seguir ou não o cristianismo.

Em um domingo de manhã, fomos a uma igreja próxima de casa. A partir da semana seguinte, passamos a visitar várias igrejas diferentes. Até gostamos um pouco de algumas; de outras, nem tanto.

Algum tempo depois, enquanto minha mãe e eu aguardávamos a nossa vez em um consultório médico, ela pegou uma revista religiosa muito atrativa e leu todo o conteúdo enquanto esperávamos. Durante a consulta, ela mencionou casualmente ao médico que estávamos procurando uma igreja que nos agradasse. O médico sorriu e disse:

– Eu realmente gosto muito da igreja da qual sou membro; acho que a senhora vai gostar também. Meus filhos gostam muito; creio que suas filhas provavelmente vão gostar. Por que a senhora não vai assistir conosco esta semana para ver se gostam?

– Gostaríamos muito de ir – mamãe respondeu muito contente.

– Podemos então pegá-las no sábado de manhã, por volta das 9h?

Mamãe sorriu, parecendo um tanto confusa.

– Sábado?

– Sim – disse o médico, em tom amistoso. Nós somos adventistas do sétimo dia e vamos à igreja aos sábados.

Mamãe sorriu novamente.

– Bem, está certo. Vamos estar prontas!

Estávamos ansiosas para ir a essa nova igreja. Assim que o médico e a família pararam o carro em frente à nossa casa no sábado seguinte pela manhã, entramos cheias de entusiasmo. No fim do culto, ele perguntou se havíamos gostado da reunião. Nós lhe asseguramos que sim e dissemos que gostaríamos de ir novamente na próxima semana.

No decorrer das semanas, descobrimos que havia algumas pessoas um tanto fanáticas nessa igreja. Elas telefonavam para meus pais dando sugestões sobre a educação que deveriam dar a mim e a minhas irmãs. Algumas iam à nossa casa e, depois de observarem com olhar de crítica o que fazíamos ou dizíamos, nos aconselhavam solenemente: “Vocês não devem fazer isso!”, ou: “Este não é um bom programa para se ver na televisão”, ou ainda: “Vocês não deviam usar roupas assim”, e mais: “Oh! Vocês comem isto? Se vocês querem se preparar para se encontrar com o Senhor quando Ele voltar, devem mudar o estilo de vida!” Ao refletir sobre o que diziam, parecia-me que o tom de voz que usavam carregava uma ameaça de condenação se ousássemos questionar tanto o ponto de vista como a autoridade de quem estava falando.

Finalmente, certo dia, depois de uma dessas pessoas bem-intencionadas saírem, minha mãe exclamou:

– Já me cansei disso! De agora em diante, não me importo se eu vou estar preparada para me encontrar com o Senhor quando Ele vier, se isso significa que terei que passar a eternidade com pessoas desse tipo! E mais uma coisa: desde que ficamos sabendo como são os adventistas, não precisamos nunca mais colocar os pés naquela igreja novamente.

Eu sabia, pelo tom de voz de minha mãe, que aquela era a palavra final. E eu devo admitir que me sentia aliviada com aquela decisão.

Na época, meu pai era funcionário da rede ferroviária. Ele trabalhava dois dias seguidos e folgava dois. Certa vez, enquanto ele estava fora, um membro da igreja adventista encarregou-se de visitar minha mãe. O que aconteceu deve tê-la deixado muito contrariada; pois, assim que meu pai chegou em casa, ela lhe contou tudo o que a pessoa havia dito, e terminou dizendo:

– Estou farta disso! Simplesmente não aguento mais essa importunação.

– O que precisamos fazer é apenas nos afastar por algum tempo – disse meu pai. – Por que não pegamos a barraca e saímos para acampar?

Mamãe concordou com a sugestão.

Minha irmã e eu amamos a longa viagem até as montanhas. O acampamento não estava tão lotado. Depois que encontramos o local ideal para acampar, alugamos o Espaço 16 na estação florestal. Havia apenas um pequeno *trailer* acampado próximo de nós.

O guarda florestal nos informou que haveria dança de quadrilha naquela noite. Minha irmã e eu estávamos ansiosas para ir. Mamãe foi conosco. Logo que chegamos, ela apontou para uma senhora que estava perto do portão e disse com voz entrecortada:

– Olhem aquela mulher!

Ao olhar para ela, achei que tinha aparência muito agradável. Notei que falava com todos por ali. Não dançava, mas conversou com vários acampantes. Logo depois ela saiu. Ao olhar para minha mãe, que estava logo atrás, percebi que seu rosto estava pálido, e a testa enrugada.

– Aquela mulher é adventista! Dá para notar. Tenho certeza.

Ao voltarmos para a barraca depois da dança, ficamos surpresos ao perceber que era a mulher adventista que estava acampada no pequeno *trailer* à nossa direita. Vendo que minha mãe estava aborrecida, meu pai perguntou se ela queria ir para outro acampamento.

– Bem, esse foi o melhor lugar em toda a região – disse minha mãe. – Estamos próximos a um riacho, com um belo campo à nossa frente. As meninas estão contentes aqui. Não viajei toda essa distância para que uma adventista me faça sair do meu espaço no acampamento. Vamos simplesmente ignorá-la.

Isso pareceu funcionar por algum tempo. Na noite seguinte, porém, quando minha mãe nos levou para tomar banho, aquela mulher que ela julgava ser adventista entrou ali. Virando-se para nós, minha mãe disse:

– Vamos, meninas, vamos voltar depressa para a barraca.

– Mas nós nem escovamos os dentes ainda – gaguejamos.

– Não tem importância. Vocês podem ir para cama esta noite sem escovar os dentes.

Para nossa mãe falar que podíamos ir para a cama sem escovar os dentes é porque ela achava a situação realmente séria. Depois que voltamos para a barraca, ela nos advertiu:

– Não conversem com essa mulher. Fiquem longe dela!

Achávamos mesmo que a mulher devia ser realmente perigosa; caso contrário, mamãe não teria falado daquele jeito. Assim, minha irmã e eu procuramos manter distância.

Ao fim dos dois dias de folga de meu pai, ele disse:

– Querida, por que você não fica aqui com as meninas? Eu vou trabalhar lá na ferrovia e depois volto para passar os outros dois dias com vocês.

– Tudo bem – mamãe concordou. – Temos comida suficiente e posso cuidar das coisas por aqui.

Ele saiu para o trabalho, mas logo depois que ele se foi, mamãe ficou doente – tão doente que mal conseguia levantar a cabeça do travesseiro. Ela nos chamou para perto dela e disse:

– Meninas, eu estou realmente doente, e não há maneira alguma de entrar em contato com o papai. Peçam ajuda para a mulher do *trailer*.

– Oh, não! – nós duas respondemos ao mesmo tempo.

Como mamãe insistiu, fomos até lá e ficamos olhando para a porta.

– Você bate – eu disse à minha irmã.

– Não, você bate – ela gaguejou.

Enquanto tentávamos decidir quem iria bater, a mulher abriu a porta. Ela tinha um rosto lindo e um sorriso muito simpático. Perdi o medo na mesma hora e disse a ela rapidamente que nossa mãe estava doente.

A mulher abriu bem a porta e disse:

– Oh, entrem.

Ela nos serviu o almoço enquanto preparava uma sopa para a mamãe. Assim que a sopa ficou pronta, ela foi até a nossa barraca. Depois que mamãe tomou o quanto conseguiu do caldo, a mulher deu-lhe um banho para baixar a febre. Em seguida, levou-nos para o seu *trailer* e leu para nós algumas histórias do livro escrito por “Tio Arthur”. Já era hora de ir para a cama quando voltamos para a nossa barraca, e contamos à mamãe tudo o que havia acontecido. Mamãe suspirou e disse:

– Bem, aqui vamos nós, de novo. De qualquer forma, não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Quando o papai chegou, compreendi no mesmo instante que mamãe precisava de maiores cuidados. Ele ficou tão alarmado que nem teve tempo para arrumar e embalar os equipamentos. Colocou nós três no carro e desceu a montanha até o

hospital. No carro, depois de contar ao papai o que havia acontecido, mamãe disse:

– Sabe, talvez estivéssemos errados quanto aos adventistas. Talvez não sejam todos iguais. Essa mulher não disse uma palavra quando viu o tipo de alimento que tínhamos na barraca, ou sobre as roupas que estávamos usando. Ela nem mesmo mencionou que nos viu dançando na quadrilha. Ela apenas veio até a nossa barraca para nos ajudar. Realmente eu a admiro muito. Se há pessoas como essa na igreja adventista, quem sabe poderíamos reconsiderar e voltar.

O papai respondeu:

– Estive pensando a mesma coisa. Vou procurar essa mulher quando voltar para pegar os nossos equipamentos. Ela parece ser o tipo certo de pessoa para conhecermos melhor. Além do mais, quero agradecer-lhe por tudo o que fez por vocês três enquanto eu estava fora.

Depois que a mamãe foi internada no hospital, voltamos ao acampamento para buscar a barraca e os demais equipamentos. Entretanto, quando chegamos, notamos que o *trailer* daquela mulher já não estava mais lá. Ao sairmos, papai perguntou ao guarda florestal se ele podia procurar o endereço dela no livro de registro do acampamento.

– O endereço de que mulher? – o guarda perguntou.

O papai apontou:

– Estávamos lá, no Espaço 16. Ela estava exatamente ao nosso lado, então deve ser o Espaço 17 ou o 15. De qualquer forma, estava bem ao nosso lado.

O guarda parecia confuso.

– O senhor deve ter cometido algum engano. Os espaços 15 e 17 ficaram vazios todo o verão.

Papai balançou a cabeça. – Não, ela estava em um pequeno *trailer*. Estava exatamente ao nosso lado.

O guarda respondeu:

– Bem, tenho que sair para fazer a ronda agora. Eu vou dirigindo atrás do senhor. Pode ser que tenha confundido os espaços.

De volta ao local do acampamento, identificamos o lugar exato onde aquela senhora havia estacionado o *trailer*.

– Montamos nossa barraca exatamente neste lugar, e a mulher estava neste ponto exato ao nosso lado – disse o papai.

– Não pode ser! Este lugar esteve vazio todo o verão – disse o guarda.

Demos mais uma olhada no local. Não havia sinal algum de grama amassada nem marca de pneus. Ficamos sem palavras – e imaginando o que teria acontecido.

Alguns meses depois, aprendi na Escola Sabatina o verso para memorizar, que se encontra em Hebreus 13:2: “Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos” (NVI). Pensei: “Em vez de hospedarmos um anjo, nós é que fomos hospedados por ele.”

APRENDENDO E PRATICANDO

19

AMPARO MORENO DE SAVIÑÓN

Esta é a história de um Deus de amor. Este relato apresenta a maneira como esse amor tocou a vida de minha mãe e, por meio dela, nossa família inteira.

Minha mãe, Alfonsina Padilla Sánchez, nasceu em 1909, em León, Guanajuato, no México. Desde pequena, era uma católica fervorosa. Ela ia à missa de manhã e à tarde, e nunca passou um dia sequer sem rezar o rosário. Meu pai, José Cruz Moreno Martinez, era o tipo de homem extremamente responsável, mas que não acreditava muito no que qualquer uma das religiões pregava. Minhas irmãs mais velhas seguiram o exemplo de nossa mãe. Fizeram a primeira comunhão, e uma delas tornou-se catequista.

O incidente que passo a relatar ocorreu em 1941, ocasião em que eu tinha 5 anos de idade. Morávamos na cidade de Ramos Arizpe, próximo a Saltillo, norte do México. Meu pai trabalhava para uma empresa farmacêutica naquele lugar.

Em uma quarta-feira à noite, minha mãe teve um sonho fora do comum, no qual ela estava numa praça da cidade de Saltillo. De lá, ainda sonhando, ela andou meia quadra na direção sul e parou em frente a um edifício que nunca havia visto antes. Ela notou uma placa de metal ao lado da porta, na qual estava escrito: Iglesia Adventista del Septimo Día [Igreja Adventista do Sétimo Dia]. Logo abaixo, estava o endereço: “Hidalgo Sur, nº 114”. Minha mãe notou que a porta estava entreaberta, e dava para o corredor de um dos lados do prédio. No sonho, ela caminhou por esse corredor e entrou em uma sala de reuniões, justamente no momento em que vários homens subiam a uma plataforma na parte da frente da sala. Ela observou especialmente um deles, que parecia ser o mais velho. Ele tinha uma maneira diferente de mover a língua quando falava.

Minha mãe ficou muito impressionada com o sonho, mas ficou muito mais surpresa quando sonhou novamente a mesma coisa na noite seguinte, do início ao fim. Durante toda a sexta-feira, ela ficou pensando no sonho e se perguntava qual seria o significado, mas não disse nada à família. Ao se repetir o sonho novamente na sexta à noite, ela decidiu que não deveria esperar mais. Levantou bem cedo no

sábado de manhã e disse à minha avó, que morava conosco:

– Estou indo até Saltillo. A senhora quer que eu lhe traga alguma coisa?

– Ah, quero sim! – respondeu ela, e fez uma pequena lista de coisas para minha mãe comprar no mercado.

Quando chegou à cidade, mamãe não foi ao mercado. Foi à famosa catedral de Saltillo. Lá, com um sentimento de ansiedade e temor, começou a rezar como havia feito tantas vezes antes.

Ela estava rezando, mas a intranquilidade, e quase angústia, no coração parecia aumentar cada vez mais. Um minuto depois, ela disse em voz alta: “Eu não vim aqui para isso!” Em seguida, levantou-se e saiu. Como se ainda estivesse sonhando, mas agora totalmente acordada, ela andou meia quadra na direção sul. Então parou e permaneceu ali admirada, pois lá, diante dos seus olhos, estava a placa de metal que ela já tinha visto por três vezes em seus sonhos.

Enquanto estava ali olhando para a placa, alguém saiu de dentro da igreja e a convidou para entrar. Durante toda a sua vida, minha mãe nunca havia estado em uma igreja protestante e, por mais que pudesse imaginar, nunca lhe havia ocorrido aceitar tal convite. Mesmo assim, naquele momento, ela concordou humildemente, e logo depois estava andando por aquele corredor que já lhe era tão familiar.

E foi assim que ela entrou no templo e assentou-se exatamente no momento em que os homens que ela viu no sonho estavam subindo à plataforma. Ali, diante dos seus olhos, estava o senhor idoso que tinha o jeito peculiar de mover a língua. Depois, ela veio a saber que ele era o pastor Emiliano Ponce, coautor do hino “Más Allá del Sol” [Muito Além do Sol, HASD, nº 551]. Nessa época, o pastor Ponce era o presidente da Igreja Adventista para o norte do México.

Durante o culto, minha mãe ouviu o anúncio sobre as conferências públicas que seriam realizadas brevemente. Ao término do culto, os membros da igreja vieram cumprimentá-la cordialmente e perguntaram:

– De onde a senhora é?

– De Ramos – ela respondeu.

– Que bom! – exclamaram. – Veja estes convites. Por que a senhora não pega alguns deles para convidar seus amigos e vizinhos para as reuniões? – E, dizendo isso, colocaram uma boa quantidade de convites nas mãos dela.

Sem questionar, minha mãe os aceitou e voltou depressa para casa. Quando chegou, colocou os convites sobre a mesa de jantar e foi à cozinha para preparar o

almoço, pois já era bastante tarde.

Não demorou muito, veio a minha avó e, quando viu os convites, perguntou:

– O que é isso?

– Ah, bem, são de uma igreja em Saltillo, que vai realizar conferências públicas, e estes são os convites. Eles me deram para distribuí-los aqui em Ramos.

– Que grande ideia – disse a vovó. – Vou entregá-los amanhã, depois da missa.

E ela fez isso mesmo. Voltou para casa feliz da vida, e disse que os convites não foram suficientes, pois uma porção de pessoas ainda queria saber sobre as conferências em Santillo.

Meu pai sempre voltava para casa por volta das 16h e, naquele sábado, quando chegou, também notou os convites.

– O que é isto? – perguntou ele.

– Quem é que sabe? – minha mãe respondeu, encolhendo os ombros. Ela ainda estava com medo.

Por longo tempo, papai ficou perguntando sobre cada detalhe das informações impressas nos folhetos, e depois comentou:

– Isto é algum tipo de religião protestante.

– Sim, eu acho que é – minha mãe respondeu. E, tomando coragem, ela lhe contou toda a história.

Meu pai era, por natureza, uma pessoa quieta e reservada – nunca era de falar muito. Ele ouviu em silêncio a explicação de minha mãe, pegou o convite outra vez e o olhou cuidadosamente.

– Vejamos. A que horas essas reuniões vão começar? – ele perguntou.

E acrescentou logo a seguir, com toda a convicção:

– Nós vamos assisti-las.

Não somente minha mãe e meu pai, mas toda a família, inclusive minha avó, começou a assistir às reuniões em Saltillo.

Esse foi, portanto, o maravilhoso começo de uma nova experiência em nossa vida. A Bíblia era um livro praticamente desconhecido para nós. No entanto, a cada reunião, aprendíamos novas e maravilhosas verdades vindas de suas páginas. Passado mais algum tempo, um instrutor bíblico começou a nos visitar em casa e a nos ensinar ainda mais. Por sua habilidosa instrução, a Palavra de Deus ganhou vida em nosso coração como jamais havíamos sonhado ser possível.

Ao progredirem no conhecimento da verdade, meus pais jamais hesitaram ou olharam para trás. Assim que entendiam o que as Escrituras ensinam ou algum tema apresentado, imediatamente, começavam a pôr em prática. Por exemplo, certa noite, o instrutor explicou o que a Bíblia ensina sobre os alimentos e os danos causados ao nosso corpo por aqueles que são chamados de “alimentos impuros”. Logo que o instrutor saiu, meu pai foi até a cozinha, pegou um tacho de torresmo frito e o levou lá para fora, e, usando uma varinha para nem mesmo tocar neles, jogou um a um por cima do muro no quintal do vizinho. Certamente, o cachorro dele deve ter se deliciado.

O quarto da minha avó era praticamente uma capela. A qualquer hora do dia ou da noite, ela era encontrada fazendo orações e acendendo velas aos santos de sua devoção. Na noite em que estudamos o que a Bíblia diz a respeito das imagens, ela ficou chocada.

– Mas o senhor precisa entender – disse ela ao instrutor – que nós não adoramos as imagens; nós as veneramos. Elas são como fotografias que tornam a presença dos santos mais reais para nós.

O instrutor não discutiu. Ele simplesmente leu novamente as palavras das Escrituras: “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos Céus, nem embaixo na Terra, nem nas águas debaixo da Terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque Eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem” (Êxodo 20:4, 5). E acrescentou:

– Essas palavras não são minhas.

– Onde é que o senhor está lendo? – minha avó perguntou, inclinando-se para frente para ver se era realmente na Bíblia.

Em resposta, o instrutor entregou a ela o livro. Silenciosamente, vovó leu novamente o texto sagrado e exclamou com grande surpresa:

– Mas isso faz parte dos Dez Mandamentos!

– A senhora está certa – disse o instrutor. – É isso mesmo!

– Mas eu fui ensinada que o segundo mandamento diz: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão” (verso 7). E aqui diz uma coisa completamente diferente.

– Infelizmente, as pessoas que prepararam o catecismo não escreveram os Dez Mandamentos da maneira como são encontrados na Bíblia. Em vez disso, excluíram o segundo mandamento, que é esse que nos proíbe de nos curvamos perante as imagens. É por isso que lhe ensinaram o terceiro mandamento como se fosse o

segundo, pois ensinaram pelo catecismo e não de acordo com as Escrituras.

Como eu disse, tão logo minha família entendia qualquer aspecto das verdades sagradas, começava imediatamente a praticá-lo. Na manhã seguinte, minha avó pegou uma pá, e com ela cavou um buraco no fundo do quintal, onde enterrou todas as imagens que tinha.

Essa foi uma época maravilhosa em nossa vida. Com admiração e também com imensa alegria, recebíamos cada dia mais e mais luz, e essa luz brilhava sobre nós diretamente da Palavra de Deus. E assim, à medida que obedecíamos, nossa vida era transformada. Descobrimos em Jesus um Amigo e aprendemos a orar com a simples confiança de um filho que fala com seu amoroso e terno Pai.

Desejo encerrar com uma palavra de gratidão a Deus pela maneira como nos conduziu à igreja, caminho que tem sido uma bênção inacreditável em nossa vida.

OS MISTÉRIOS DO AMOR DE DEUS

20

FRANCISCA CÁZAREZ DE GARZA

Cinco anos se passaram desde que Aníbal, meu filho mais velho, foi acometido de meningite aguda. Essa doença debilitou seu cérebro e o deixou em estado vegetativo. Parecia-me impossível encontrar qualquer forma de consolo; e eu sempre derramava lágrimas amargas ao cuidar dele.

Entretanto, próximo ao fim do ano de 1977, fiquei grávida novamente. Enquanto aguardava o nascimento do meu bebê, almejava pelo conforto de fazê-lo crescer como uma criança normal e saudável.

Angel veio ao mundo por uma cesariana. Depois da cirurgia, levaram-me para a sala de recuperação na clínica da maternidade. Pouco depois, a enfermeira trouxe meu filho recém-nascido e o colocou em meus braços. Lembro-me dele deitado ao meu lado, mesmo ainda sob os efeitos da anestesia, eu sentia uma alegria imensa de vê-lo perfeito.

Era o que eu estava fazendo quando uma mulher estranha, de aspecto selvagem, apareceu e disse que ela não tinha nenhum filho e ordenou que eu lhe entregasse o bebê. Horrorizada, eu o apertei firmemente em meus braços; porém, aproveitando-se da fraca condição em que eu me encontrava, ela agarrou meu filho e saiu correndo. Comecei a gritar desesperadamente, mas meus frágeis gritos pareciam não ser ouvidos. Demorou um bom tempo até que uma de minhas irmãs chegasse e descobrisse a razão de eu estar daquele jeito.

Ela deu o alarme, e toda a clínica ficou instantaneamente em alvoroço. Todos começaram a procurar desesperadamente a mulher e a criança. Os seguranças garantiram que ninguém havia saído do prédio com ele, e eles estavam certos. Depois de doze horas, alguém encontrou a mulher agachada atrás de um móvel, numa pequena sala do hospital. Ela segurava firmemente o bebê; ele estava vivo e passava bem.

A essa altura, eu já estava quase desistindo, e quando pude segurar meu filhinho novamente nos braços, senti que Deus havia me enviado uma mensagem de

esperança e de certeza do Seu amor, mesmo eu não sendo ainda uma pessoa cristã.

Em 1981, quando Angel estava com 3 anos de idade, começou a sofrer de infecções respiratórias frequentes. O médico do centro de saúde do governo prescreveu a medicação e o tratamento para o caso dele. Ele melhorava por algum tempo, mas os acessos voltavam – e cada vez piores – até que o último transformou-se em um sério caso de broncopneumonia. Ele parou de comer e logo ficou tão doente que não conseguia nem mesmo beber água. Estava ardendo em febre. Notei que o peito e o abdômen estavam ofegantes enquanto ele lutava para respirar.

Telefonei para o médico, mas ele disse:

– Não se preocupe, leva tempo para o medicamento fazer efeito.

Voltei para ver como meu filho estava e percebi que os lábios estavam azulados – quase roxos – e que as unhas também estavam ficando da mesma cor. Comecei a sentir o peso daquela terrível angústia que havia passado alguns anos antes, quando vi Aníbal extremamente doente com meningite.

Vesti Angel rapidamente, peguei-o nos braços e corri com ele para o centro de saúde. Lá, após ser examinado, recebi a notícia:

– Esta criança está morrendo! Por que você demorou tanto para vir?

E acrescentaram:

– Não podemos fazer nada por ele aqui. Você precisa levá-lo para Monterrey.

Esse lugar ficava a 20 quilômetros de Apodaca, ao norte do México, onde morávamos.

Meu rosto estava banhado em lágrimas e parecia impossível parar de chorar. Estava dominada pela tristeza e pelo desespero. Como poderia chegar a Monterrey? A *van* da família estava disponível, mas não sabia como seria capaz de dirigir no estado emocional em que me encontrava.

– Sentimos muito – disseram eles –, todas as ambulâncias estão em uso neste momento.

Logo a seguir, um jovem médico, que tinha acabado de sair do plantão na clínica, entrou e disse que poderia me levar até a cidade em nosso carro, embora tivesse me avisado de que não poderia me trazer de volta. Assim que chegamos ao hospital da cidade, esse jovem médico falou com as pessoas encarregadas para internarem a criança.

Minha ansiedade aumentou quando ouvi o médico responsável pela internação

responder ao jovem médico:

– Por que você trouxe este menino até aqui? Você não vê que ele já está praticamente morto? Isso vai gerar apenas mais complicações para ela fazer os arranjos depois que ele morrer.

Virando-se para mim, ele continuou:

– Bem, vamos em frente. Vou pedir algumas radiografias do peito dele, mas não acho que haja muita coisa que possamos fazer a partir de agora.

Poucos minutos depois, ele me mostrou a radiografia confirmando que os pequenos pulmões de Angel estavam cheios de secreção.

– Não consigo imaginar como ele ainda está vivo – afirmou o médico.

Mais uma vez, ele me disse que seria mais simples e menos complicado para mim levá-lo de volta para casa. Com isso, saiu e me deixou sozinha, enquanto eu chorava inconsolavelmente.

Em meio àquela angústia, veio à minha mente o nome de Pedro Rascón, um pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Eu o havia encontrado dois meses antes, e ele tinha começado a me dar estudos bíblicos. Sabia que ele morava em algum lugar em Monterrey, mas não tinha a mínima ideia de onde era. Certo dia, ele me passou o número de seu telefone, mas achei que não iria precisar; assim, dei pouca atenção e acabei não anotando.

Eu me virei, e ali na parede, atrás de mim, havia um telefone público. Aproximei-me, tirei o fone do gancho e comecei a discar. Era como se alguém, dentro da minha mente, estivesse ditando o número. Para minha surpresa, o pastor Rascón atendeu no segundo toque. Entre soluços, contei a ele sobre minha terrível situação. Inicialmente, o pastor imaginou que eu estava falando sobre o meu filho mais velho, mas lhe expliquei que era Angel que estava em coma. Disse ao pastor que eu não tinha nem mesmo como sair do hospital para levá-lo para casa se ele morresse.

– Jamais me senti tão sozinha e tão abandonada por Deus – disse.

– Você não está sozinha, e Deus não saiu do seu lado – assegurou o pastor. – Ele está com você e vai agir de acordo com a vontade dEle, com você e com seu filho.

O pastor Rascón me disse para ficar na linha, enquanto ele e a esposa iriam se ajoelhar naquele momento, para orar e colocar Angel nas mãos de Deus. Eu não conseguia conter meu amargo pranto enquanto o pastor orava. Quando terminou de orar, ele disse:

– Bem, você pode desligar agora. Estou saindo neste momento para o hospital.

Sentindo-me completamente sem esperança, andei uma pequena distância até o quarto onde meu filho estava. Abri a porta e logo vi Angel sentado na cama. Suas faces estavam coradas, e a cor azulada dos lábios e das unhas havia desaparecido. Os olhos estavam brilhando e com uma expressão de alegria. Corri até ele e o envolvi em meus braços. Ele me disse:

– Mamãe, estou com muita sede.

– Oh, sim, sim – disse. – Vou pegar um copo d’água para você.

Uma senhora idosa estava cuidando de uma meninazinha na cama ao lado e me disse que ficou observando Angel em minha ausência.

– De repente, ele começou a sorrir e sentou-se na cama – disse ela.

Angel falou depois que queria ir ao banheiro, e eu o levei. Enquanto estávamos fora do quarto, duas atendentes entraram trazendo o equipamento de oxigênio. Perguntaram onde estávamos, pensando que provavelmente eu havia levado Angel para casa.

– Não, ela o levou ao banheiro – disse a senhora idosa.

As enfermeiras olharam muito surpresas uma para a outra.

– Como assim? Quando o trouxemos para cá, poucos minutos atrás, ele estava completamente inconsciente.

– Digo a vocês que o menino se levantou e foi andando até o banheiro – a mulher insistiu.

Assim que voltei para o quarto com Angel, eu me vi rodeada de vários médicos e outros funcionários do hospital que olhavam para ele, examinavam os pulmões e me perguntavam repetidamente o que tinha acontecido. Pediram outras radiografias, e elas revelaram que os pulmões estavam completamente limpos e des congestionados. O tempo entre a primeira e a segunda série de radiografias havia sido menos de 30 minutos.

O médico que deu a ordem para internar Angel no hospital me disse:

– Eu não acredito em milagres; mas sei, com certeza, que aconteceu um aqui hoje!

O pastor Rascón chegou alguns minutos depois e ficou perplexo ao ver o quarto cheio de gente – o pessoal do hospital, visitantes, pacientes e outros. Assim que a notícia se espalhou, todos queriam ver o menino que recebeu o milagre e ouvir os detalhes. Vi o pastor entre a multidão e acenei para que ele se aproximasse. Expliquei rapidamente o que havia acontecido e deixei Angel com ele enquanto fui assinar os papéis para poder levar meu filho para casa.

Quando as pessoas descobriram que aquele era o meu pastor, começaram a lhe fazer perguntas. Queriam saber se ele havia colocado as mãos sobre o menino e que palavras tinha dito.

O pastor Rascón explicou que éramos adventistas do sétimo dia e que Deus havia restabelecido a saúde do menino em resposta a uma fervorosa oração. Falou-lhes a respeito das belas promessas encontradas na Bíblia e sobre a certeza de que Deus ouve as nossas orações. Disse ainda estar surpreso em ver quão rapidamente a resposta tinha vindo do Céu.

O jovem médico, que havia nos levado a Monterrey e dito no início que não poderia voltar conosco, ofereceu-se para nos levar para casa. Ele queria se encontrar com meu esposo e contar-lhe pessoalmente sobre o que havia acontecido.

– Nunca vi nada igual – repetia ele sem parar.

Muitos anos já se passaram, mas os acontecimentos daquele dia ainda estão vívidos em minha mente e fortalecem minha fé a cada dia. Dois meses depois que Angel foi curado, eu me uni à Igreja Adventista do Sétimo Dia por meio do batismo, tornando-me a primeira adventista de Apodaca. Hoje, uma próspera congregação se reúne para adorar ao Senhor a cada sábado, e estamos felizes porque recentemente concluímos a construção da igreja.

O ato misericordioso de Deus me salvou não apenas espiritualmente – livrou-me também da angústia que sofria por causa do meu filho mais velho, que continua em seu estado vegetativo. Quando meu marido pergunta por que Deus salvou Angel, mas não ouviu nossas orações em favor do filho mais velho, não sei o que responder. De qualquer forma, acredito que, mesmo nesse caso, Deus tem demonstrado Seu amor, pois continua me dando forças para carregar o fardo com serenidade. Eu vivia chorando sem encontrar nenhum conforto; porém, hoje reconheço a justiça e a misericórdia infinita de meu Salvador em ambos os casos. Eu agradeço a Ele e O louvo por Seu amor.

NONDIS, O LEPROSO

RITCHIE WAY

21

Quando o mensageiro entrou correndo na aldeia de Bela, em Papua-Nova Guiné, com a notícia de que a patrulha do governo estava chegando, as pessoas fugiram aterrorizadas, pois nunca tinham visto homens brancos antes. As mães pegaram seus bebês, os jovens e os velhos fugiram para o mato e para as encostas da montanha.

Desconhecendo o ataque de pânico, os líderes da patrulha e os carregadores marcharam exaustos para a aldeia, apenas para encontrar casas vazias, fogões com o fogo ainda aceso e um rapaz por nome Nondis, que não conseguiu fugir devido aos sintomas incapacitantes da lepra. Ele se encolheu todo quando um dos oficiais, com botas de lona camufladas e um grande chapéu australiano, inclinou-se para examinar seu corpo deformado pela doença.

Em uma semana, Nondis, que não conhecia nada do que havia no restante do mundo, viu-se a bordo de um avião que voava de Mendi, nas montanhas ao sul, para um leprosário na região costeira de Madang.

Imagine, se puder, o trauma que foi essa experiência. Incapacitado e abandonado, ele foi arrancado da aldeia para longe de sua família, colocado a bordo de uma aeronave e levado para uma região de clima totalmente diferente, onde foi operado e engessado desde a sola dos pés até a cintura. Sem amigos e sem alguém que entendesse sua língua, ficava sentado sozinho na cama, dia após dia, com uma tela à sua volta para lhe dar a privacidade de que necessitava, mas que ele não queria. Impossibilitado de se alimentar ou tomar banho, por ter os braços deformados e retorcidos contra o ombro esquerdo, Nondis dependia de outros para cuidar dele constantemente.

L. Greive, um pastor adventista, encontrou-o nessas condições e passou a visitá-lo. O pastor Greive trouxe alimento e roupa para Nondis e, depois de aprender aos poucos a falar o pidgin, ensinou-lhe os princípios básicos do evangelho. Contou a Nondis a respeito de Jesus, que restaurou os paráliticos e curou os leprosos, e que é o mesmo ontem, hoje e eternamente. Nondis creu.

Depois de ficar três meses imobilizado, tiraram-lhe o gesso. A perna esquerda estava cheia de feridas, e as juntas ainda estavam fracas e retorcidas. Foi uma enorme decepção para todos. Depois de mais alguns tratamentos, ele foi engessado novamente, dessa vez por mais seis meses. O pastor Greive encorajava Nondis a confiar em Cristo. Disse-lhe que Jesus poderia curá-lo. Nondis orava continuamente.

Numa segunda-feira à noite, depois de estar duas semanas engessado pela segunda vez, Nondis sonhou que um homem alto, com roupas brancas e brilhantes, estava em pé ao lado da sua cama e lhe disse:

- Nondis, é hora de você levantar.
- Mas eu não posso – respondeu Nondis. – Olhe para mim!
- Você pode! – disse o homem bondosamente. – Dê-me a mão.

Nondis estendeu-lhe a mão enfraquecida, com os dedos encurvados devido ao estado avançado da lepra.

– Não! Abra os dedos, assim – disse o homem –, mostrando a Nondis a mão bem aberta.

– Isso não é possível. O senhor sabe, meu sistema nervoso está paralisado e minha mão ficou totalmente deformada – disse Nondis, repetindo o que tinha ouvido os médicos dizerem.

– Se você pegar minha mão, a sua vai se endireitar – disse-lhe o visitante. E foi o que aconteceu.

O homem de branco pediu que ele abrisse e fechasse as mãos várias vezes, mostrando com as próprias mãos enquanto falava. Nondis obedeceu. Tomando Nondis pela mão, o visitante disse bondosamente:

- Agora, saia da cama!

No sonho, Nondis balançou as pernas na beirada da cama do hospital, desceu e ficou em pé.

– Dê uma caminhada – disse-lhe. E ele começou a caminhar a passos largos pela enfermaria.

– Você esteve doente por longo tempo desde que creu pela primeira vez – disse o homem de branco a Nondis, enquanto ele voltava para a cama –, e até agora a sua crença em mim não mudou em nada. Nesta noite, Eu o livrei da lepra e restaurei seus movimentos. Agora quero que você trabalhe para mim.

Nondis disse que iria trabalhar para ele, sim, e lhe agradeceu de todo o coração, enquanto o homem se virava e ia embora.

Pouco tempo depois que o visitante saiu, um paciente do outro lado da enfermaria começou a falar alto e acordou Nondis. O enfermeiro da noite veio e acendeu a luz. O dia estava começando a amanhecer, e Nondis decidiu se levantar e fazer suas orações. No meio da oração, ele se lembrou do sonho.

Ao abrir os olhos, ele olhou para as mãos e ficou surpreso em ver os dedos endireitados. Quase não acreditando no que via, fechou e abriu as duas mãos várias vezes, maravilhado com a facilidade com que ele podia movimentar os dedos. Com o pulso acelerado, ele olhou e movimentou os braços, antes retorcidos. A seguir, começou a sentir as pernas, e ficou espantado ao ver que o gesso havia se esfarelado todo. Ao remover a malha que ficava sob o gesso, passou as mãos nas pernas e notou que as feridas tinham sido curadas e que as juntas estavam firmes e fortes. Transbordante de gratidão, desceu da cama e se ajoelhou extravasando o coração em agradecimento ao Senhor por havê-lo curado.

Um enfermeiro estava passando por ali. Um tanto hesitante, Nondis o chamou e mostrou-lhe as mãos e pernas. O enfermeiro, assombrado ao ver Nondis restaurado, chamou os outros pacientes que se aglomeraram à sua volta. Eles falavam agitados e impressionados. Alguns chegaram a acusar Nondis de ter removido o gesso.

Finalmente, alguém chamou o Dr. Clezy. Sem argumentos, ele afastou a ideia de que o próprio Nondis teria removido o gesso, lembrando àqueles que ficaram por perto que isso seria totalmente impossível nas condições em que o paciente se encontrava antes, pois ele nem era capaz de se alimentar sozinho. O médico pegou a mão de Nondis e examinou os dedos do rapaz. Mesmo tendo sido massageados com óleo, por horas e horas, pelo fisioterapeuta, não fora possível mantê-los abertos. No entanto, agora eles estavam retos e se mexendo normalmente.

– Acho que o seu Deus tem alguma coisa que ver com isso, Nondis – disse ele. – Gostaria de fazer uma radiografia das suas pernas.

Depois que as radiografias foram tiradas, ele as colocou ao lado daquelas que tinham sido feitas oito dias antes. A diferença era inacreditável! Nas anteriores, os ossos estavam se desfazendo e as juntas apareciam deformadas. Nas últimas, a prova da restauração era evidente.

– Há apenas mais um exame que eu quero fazer, Nondis – disse o Dr. Clezy. Ele tomou amostras de sangue e tecido da ponta das orelhas e dos quadris, de uma sobrancelha e de um dos braços. Esse material seria examinado para ver se a lepra

ainda estava presente. Todos os exames deram negativos.

O Dr. Russel, de Port Moresby, que era o responsável por avaliar os leprosos que estivessem de fato curados, liberou Nondis para voltar para casa. Nondis se aproximou do Dr. Clezy e contou-lhe a respeito da missão que havia recebido em sonho.

– Jesus me disse que eu deveria trabalhar para Ele. Na verdade, não sei que tipo de trabalho devo fazer – disse Nondis. – O senhor pode me dar algum trabalho?

O médico colocou Nondis para trabalhar na área de fisioterapia, sob os cuidados da fisioterapeuta-chefe, Sra. Hamilton.

Depois de passar um ano inteiro em treinamento, Nondis pediu transferência para um hospital adventista. O Dr. Clezy fez os arranjos com Alan Stiles, chefe do Leprosário Adventista de Togoba, sob a orientação de Earle Hokin. Ele se mudou de Madang para Togoba no ano de 1968.

Enquanto estava em Togoba, Nondis foi batizado e se casou com uma bela moça adventista chamada Rebeca. Algum tempo depois, ele foi transferido para o leprosário de Hatzfeldhaven.

Em 1973, Nondis teve a oportunidade de fazer outro curso de fisioterapia em Port Moresby. Embora não tivesse nenhum grau de educação formal, estudou sozinho e aprendeu o suficiente para competir favoravelmente com outros fisioterapeutas que tiveram anos de escolaridade formal. Ao concluir o curso de reciclagem, perguntaram-lhe se aceitaria a nomeação para o Hospital de Mendi. Ansioso por retornar à região onde morava, ele aceitou.

O esposo da Sra. Reid era o chefe do departamento de Agricultura de Mendi e o responsável pela área de Fisioterapia no Hospital daquela localidade. Depois de conhecê-lo melhor, a Sra. Reid convidou-o para ir à igreja com ela e o marido.

Nondis chocou-se ao ouvi-los confessando seus pecados a um homem e ver que eles frequentavam uma igreja cheia de imagens. Mais tarde, naquele dia, falou com eles sobre isso. Eles, da mesma forma, ficaram chocados com suas críticas, mas Nondis prometeu-lhes que poderia mostrar um caminho melhor, de acordo com as Escrituras, e foi o que ele fez.

Três semanas depois de iniciar os estudos bíblicos, Nondis recebeu a visita do pároco, que estava aborrecido com a ausência da família Reid à missa. O padre levou Nondis para os fundos da igreja, onde ele foi confrontado por vários sacerdotes que o repreenderam severamente e pediram para não ficar fazendo proselitismo. Nondis lhes disse que não seria capaz de estar diante de Jesus quando Ele voltar, se

não cumprisse a missão que Ele havia lhe dado. Se ele não partilhasse as boas-novas com outros, estaria demonstrando uma tremenda ingratidão para com o Senhor que o havia curado. Ele tinha que contar aos outros o que ele sabia.

Novamente lhe ordenaram, e de certa forma até o forçaram, a guardar suas crenças para si mesmo, e o dispensaram. Hoje, o Sr. e a Sra. Reid são adventistas do sétimo dia. Eles retornaram de Papua-Nova Guiné para a Nova Zelândia e aguardam o dia em que poderão encontrar Nondis e Rebeca na Nova Terra.

Alguns anos depois, Nondis e eu assistimos ao batismo de três pessoas da sua aldeia. Ele entrou em contato com elas quando vieram para Mendi e as convenceu a participar da classe batismal realizada na igreja.

No batismo dessas pessoas, Nondis lembrou-me de que, embora seu pai tivesse destinado um terreno na aldeia de Bela para a missão, nenhum missionário havia sido indicado para trabalhar lá. A verdade era que naquela época não tínhamos nenhum obreiro disponível. Devido ao rápido crescimento do nosso trabalho nas montanhas, contávamos com poucos obreiros preparados. Graças a Deus, pouco tempo depois, conseguimos colocar um obreiro voluntário na aldeia de Bela, a aldeia natal de Nondis, para cuidar do núcleo que dará origem à igreja naquele lugar.

COMO DEUS ABRIU AS PORTAS PARA OS DAYAKS

NORMA YOUNGBERG

22

Em 1930, Norma e Gus Youngberg chegaram a Kuching, capital de Sarawak, um estado da Malásia, com cinco filhos ainda pequenos. Eles tinham ido até lá para dirigir os trabalhos da Igreja Adventista naquele estado.

Durante os primeiros meses ali, estiveram ocupados em conhecer a região e as pessoas que lá moravam. Ao se familiarizarem mais com o povo e o lugar, Gus ficou convencido da importância de iniciar um trabalho entre os dayaks. Sentiu a pesada responsabilidade de partilhar com aquele povo dinâmico e inteligente as boas-novas da cura e da esperança que há em Jesus.

Certo dia, enquanto Gus conversava com um amigo, que naquela época era o secretário do governo de Sarawak, ouviu a sugestão de que um bom lugar para iniciar a obra missionária em favor dos dayaks seria a região de Bintulu.

– Há muitos dayaks lá – disse-lhe o amigo. – Eles necessitam urgentemente da ajuda humanitária e espiritual que você pode lhes oferecer.

O secretário disse a Gus que a chave seria convencer o rajá (príncipe) de Sarawak a autorizar o projeto. Se o rajá aprovasse, seria até bem possível que ele incluísse a doação de um terreno para a missão.

– Há, porém, uma coisa que você deve saber – acrescentou o secretário. – Bintulu é um lugar muito perigoso. Os dayaks daquela região têm um longo histórico de violência e, além do mais, aquela área está infestada pela malária.

Gus foi para casa muito contente para contar a Norma a respeito dessa perspectiva maravilhosa que tinham pela frente, mas ela ficou completamente desanimada.

– Esse é o tipo de malária que pode matar em duas ou três horas, não é?

Gus olhou para ela.

– Norma, Deus pode nos proteger. Se Ele nos quiser nesse lugar, vai cuidar para que não fiquemos doentes.

Norma, porém, não estava convencida. Pela primeira vez, desde que haviam chegado ao campo missionário, ela não conseguia mais se tranquilizar. Se fosse apenas por ela e Gus, não teria dificuldade para tomar a decisão de ir; mas teriam eles o direito de levar os filhos para um lugar como aquele? Cada vez que ela olhava para o rosto confiante de seus pequenos, as dúvidas aumentavam ainda mais.

Os dias se passaram, e o caso continuava sem decisão. Gus permanecia determinado em seu desejo e escreveu para a sede da igreja em Singapura a respeito dessa possibilidade. Entretanto, uma grande nuvem escura parecia pairar sobre Norma.

Certa tarde, ela se deitou para descansar com o filho mais novo ao lado e sonhou que ouvia um grande grupo de pessoas subindo alegremente a estrada que passava ao lado da cerca viva de sua casa. Mesmo através da cerca totalmente fechada, Norma podia ver o grupo sem qualquer dificuldade. Ela sabia que Jesus estava com aquelas pessoas, pois somente um ser divino poderia fazer com que a cerca ficasse transparente.

Com o coração batendo forte, ela os viu chegar ao portão, tendo Jesus à sua frente. Então ela pensou: “Agora posso contar a Ele o que está me preocupando, e Ele vai me dizer o que fazer.” Ela desceu correndo as escadas e caiu aos pés do Salvador, mas não conseguiu dizer uma palavra. Jesus estendeu a mão, levantou-a e disse, sorrindo com ternura:

– Eu sempre estarei com você. Não tenha medo.

Ainda no sonho, ela correu para preparar algum alimento para Jesus e Seus amigos; mas, ao acender o pequeno forno, viu que Jesus a seguira ao descer as escadas e também pelo corredor até a cozinha. Ele estava em pé ao seu lado e olhava para ela com amor e compaixão. Nesse momento, ela acordou.

Assim que Gus voltou para casa, Norma lhe contou o sonho.

– Agora estou preparada para ir a qualquer lugar – disse-lhe – e levar as crianças. Tenho certeza de que Jesus estará conosco.

O passo seguinte foi visitar o rajá, que poderia conceder a autorização para o projeto. Depois de muita oração, Gus pediu à comissão diretiva da igreja em Singapura para enviar o pastor W. W. R. Lake para acompanhá-lo, e juntos apresentarem o pedido ao rajá. O pastor Lake tinha nacionalidade britânica, e isso poderia ser de grande ajuda uma vez que o príncipe mantinha estreitas relações com a Grã-Bretanha. Além do mais, Gus sabia que o pastor era um homem profundamente espiritual e com longa experiência de vida no Oriente.

O pastor Lake chegou na noite anterior ao dia da entrevista com o rajá. Na manhã seguinte, durante o desjejum, Norma lhe perguntou como tinha dormido.

– Muito mal – disse ele. – Vi algo esta manhã, e tenho certeza de que era um assassinato acontecendo do outro lado do rio, nos jardins do palácio.

– Mas o senhor nunca viu o palácio! Ele está a pelo menos cinco ou seis quilômetros daqui, com montanhas, árvores, toda a cidade e o rio antes de chegar lá. O senhor nem mesmo esteve em Kuching antes!

– Isso é verdade – disse ele –, mesmo assim, tenho certeza de que o que vi era algo real. Um homem saiu correndo das dependências do palácio levantando no ar uma faca que parecia muito perigosa. Vi que ele estava perseguindo uma mulher da mesma etnia, que parecia ser malaia ou filipina. Ele a alcançou e lhe cortou o braço direito na altura do ombro. Algumas pessoas correram até ele e o dominaram, mas a mulher acabou morrendo.

O pastor Lake falava com convicção e descrevia a cena com tal precisão de detalhes que Gus e Norma estremeceram. O que esse acontecimento teria que ver com a entrevista que tinham com o rajá naquela manhã?

Uma das primeiras coisas que o pastor Lake mencionou quando ele e Gus foram conduzidos à presença do rajá foi o sonho fora do comum que teve. Quando o rajá acabou de ouvir tudo, empalideceu e disse:

– O senhor viu isso em sonho? Isso é simplesmente espantoso! Aconteceu justamente conforme o senhor está dizendo. Um filipino, componente da banda do palácio, matou a esposa e um colega músico nesta manhã, em um ataque de ciúmes.

Depois de conversarem alguns momentos sobre o incidente, os pastores disseram ao rajá o propósito de sua visita. Vez por outra, durante a entrevista, Gus viu o rajá olhar para o pastor Lake com expressão de espanto.

Depois de estudar cuidadosamente os planos para o estabelecimento de uma escola e um posto médico entre os dayaks, o rajá pegou um mapa e desenhou uma linha em torno do distrito de Bintulu. E disse:

– A região de Bintulu vai ser doada para a missão adventista do sétimo dia.

Essa decisão trouxe grande alegria aos adventistas. Eles haviam pedido um local para a missão e receberam um distrito todo. Receberam permissão para trabalhar em um grande país ainda não penetrado. Ninguém duvidou de que Deus havia operado um milagre, e toda a igreja louvou ao Senhor por essa dádiva.

Nos anos que se seguiram, o Senhor continuou a guiar de maneira poderosa a

abertura da missão naquela região onde hoje milhares se regozijam na mensagem de amor do Salvador Jesus. Durante todo o tempo em que Gus e Norma moraram no distrito de Bintulu, nem eles nem os filhos foram afetados pela malária.

UM ENCONTRO MARCADO NA AGENDA DIVINA

LORON WADE

23

— **O** que vamos fazer com Paco? – os professores me perguntaram certa noite, durante a reunião de diretoria, no Centro Educacional Adventista de Honduras.

Não era a primeira vez que me haviam feito essa pergunta. No início, eles queriam dizer: “O que podemos fazer para que esse rapaz melhore o comportamento?” Depois de algum tempo, porém, a pergunta significava: “Quanto tempo mais vamos ter que aguentar suas travessuras? Quando vamos mandá-lo de volta para casa?”

Eu tinha que admitir que eles estavam certos. Filho de pais separados, Paco tinha crescido praticamente sem limite algum em Cortez, uma cidade portuária ao norte. A certa altura, até mesmo o pai, um homem totalmente liberal, não conseguia mais suportar o comportamento selvagem do filho e decidiu enviá-lo para a nossa escola. “Talvez os adventistas consigam corrigi-lo”, alguém lhe disse. Aquela não era uma transição fácil para o rapaz. Aos 15 anos, ele já conhecia muita coisa do outro lado da vida.

Com o passar do tempo, a pergunta dos professores a respeito de Paco tornava-se mais e mais persistente. Eu tinha que concordar que seria um alívio não tê-lo mais testando nossa paciência, mas havia algo em relação àquele garoto... Penso que todo educador tem percepção e conhece os sentimentos – os alunos mais problemáticos são aqueles que mais inspiram um sentimento de esperança, e não é fácil desistir deles. Assim, tentei fazer com que agentassem um pouco mais a situação.

Em uma sexta-feira à noite, após o culto de consagração na capela, Paco se aproximou de mim e ficou ali em silêncio por algum tempo. Depois que todos haviam saído, ele me disse baixinho:

– O senhor acha que eu poderia servir a Deus de alguma forma? Será que eu poderia me tornar um pregador?

Tive vontade de responder:

– Um pregador? Você deve estar brincando!

É claro que eu não disse isso.

Na verdade, ele me fez essa pergunta mais de uma vez. Eu sempre procurava incentivá-lo e ajudá-lo a ver os danos que causava devido ao seu comportamento, e ele ficava pensativo e em silêncio. Em algum lugar, dentro da mente desse garoto, havia por certo algum vestígio de bons sentimentos, mas que a maior parte do tempo permaneciam bem escondidos. Sempre se colocando no limite das piores situações, ele vivia aumentando o nível de estresse de todos nós.

Então, em um fim de semana, minha esposa e eu decidimos sair para descansar um pouco em uma pequena cabana à beira-mar. Ao voltarmos para o *campus* no domingo à tarde, o mundo parecia um lugar diferente. As cores pareciam mais vivas e estávamos novamente revigorados.

– Como estão as coisas? – perguntei ao administrador que ficou como responsável durante minha ausência.

– Tudo bem – ele respondeu alegremente. – Tudo correu bem... E, ah, a propósito, nós expulsamos o Paco.

– Vocês expulsaram o Paco? Mas ele estava se comportando melhor ultimamente!

– Eu sei – disse ele –, mas ele saiu do *campus* sem pedir permissão e todos concordaram que já era hora de fazê-lo entender que as coisas aqui são sérias.

Depois disso, eu o vi por acaso, em San Pedro Sula, em uma escola de administração, e nos cruzamos pelo caminho enquanto ele ia a algum lugar de bicicleta. Ele me disse que estava matriculado em uma escola local de segundo grau. Conversamos por alguns minutos e procurei animá-lo. Ele foi muito educado, mas se mostrava claramente ressentido com o que aconteceu.

Bem, eu tinha que admitir que essa era a maneira como as coisas acontecem na área educacional. Você não pode ganhar todas.

Quatro anos se passaram. Deixamos Honduras, e eu estava lecionando no Colégio Adventista Centro-Americano, na Costa Rica. No fim do ano, a escola me enviou a Utila, uma das Ilhas da Baía de Honduras, para dirigir as reuniões de um fim de semana. Planejei cuidadosamente os voos de conexão para chegar com bastante antecedência à primeira reunião, que seria na sexta-feira à noite.

Quando cheguei a La Ceiba, na costa norte de Honduras, para a última e mais curta etapa da viagem, tive uma surpresa.

– Este voo não existe mais – disse o agente de viagens. – Foi cancelado meses atrás.

– Mas é o que diz aqui no meu bilhete...

– Está bem – respondeu o agente. – O senhor pode usar este bilhete mesmo, mas o voo é amanhã de manhã, às 8h30.

Voltei a La Ceiba e consegui um quarto num dos hotéis, por aquela noite. Mal-humorado e aborrecido por causa do compromisso perdido, deixei minhas coisas no quarto e saí para caminhar pelo parque. Depois de algum tempo, pensei: “Eu sei onde é a igreja aqui. Poderia muito bem ir lá e ver se há culto na sexta à noite.” Assim, voltei ao quarto para pegar minha Bíblia.

Já estava na hora de começar a reunião; por isso, andei depressa pela calçada bastante estreita. Ao chegar à esquina, tive que me desviar para não dar de encontro com alguém que estava descendo a rua.

– Desculpe-me – disse eu instintivamente. Já estava quase no meio da rua para atravessá-la, quando ouvi alguém me chamando:

– Pastor Wade!

Quem, em La Ceiba, poderia me conhecer? Virei-me, e lá estava Paco na esquina onde eu havia acabado de me esbarrar nele.

– O senhor está indo para a igreja? – ele me perguntou.

– Sim! – disse eu.

– Que bom, eu o vejo lá!

Quase não pude acreditar: primeiro, encontrar-me com Paco, quando não tinha a mínima ideia de onde ele estava; e, depois, saber que ele estava frequentando a igreja. Nós nos assentamos juntos durante o culto e, no fim, ele me disse:

– Preciso conversar com o senhor.

Fomos até o meu quarto no hotel, e ele me contou que estava estudando para se formar em Engenharia Agrícola na universidade local. Depois, ele me disse:

– Alguma coisa estranha aconteceu esta noite. Eu nunca frequentei a Igreja Adventista. Nunca fiz isso. Entretanto, nesta noite, por alguma razão, estava inquieto e simplesmente não conseguia tirar isso da minha cabeça. Sabia que tinha que vir. Meus colegas de quarto me disseram:

– Você está ficando maluco? Para que vai fazer isso?

Então respondi:

– Não, eu vou! – e saí. – Imagine encontrar agora o senhor aqui!

Conversamos um pouco, e ele me fez novamente a mesma pergunta que havia

feito quando estava no colégio:

– O senhor acha que eu poderia servir a Deus de alguma forma?

Nossa conversa naquela noite foi o início de um caminho de volta para Paco. Não foi simples ou fácil, mas ele nunca duvidou de que o Senhor o estava guiando a cada passo. E, realmente, ele serviu a Deus por muitos anos utilizando seus conhecimentos e experiência na agricultura em favor da ADRA em Honduras e na África, e depois como um fiel ancião de igreja, administrando com êxito uma bem-sucedida empresa agrícola. Não faz muito, ele me telefonou do Chile, onde mora atualmente, e ambos nos maravilhámos novamente com o amor de Deus, que mudou nossos planos e nos levou, naquela noite, a um encontro marcado na agenda divina.

SALVOS POR UM TERREMOTO

KENNETH VOGEL

24

—**V**ou cortar sua cara com um machado!

Essas palavras foram ditas com os dentes cerrados e uma expressão no rosto que confirmava as intenções. Joseph Kamap, um professor da Escola Comunitária Adventista do Sétimo Dia de Rakamanda, sabia que essa não era uma ameaça qualquer. Por inúmeras vezes, no último ano, um machado tinha sido a arma usada para matar, naquela região. Esse foi apenas o ponto culminante de um comportamento cada vez mais hostil de uma das tribos das montanhas em Papua-Nova Guiné, famosa por sua obsessão pelas lutas tribais. Conhecido na região como o clã Imi, a tribo tinha poucos aliados. Os imis iniciam um conflito roubando – sem serem percebidos no início, e depois roubam abertamente. Logo a guerra está declarada, e há lesões e mortes para os quais se exige um “pagamento em troca” ou uma compensação.

Em 1981, o pessoal da escola e os líderes da igreja do distrito foram roubados. Ao mesmo tempo, os rapazes do internato perderam tudo. Os funcionários tiveram as casas arrombadas. Os pomares e hortas da escola e das casas dos funcionários foram saqueados, com consequências devastadoras – por conta dos 2 mil metros de altitude, levava cerca de doze meses para que o kaukau (batata-doce), o alimento principal, estivesse no ponto de ser colhido. Em agosto, os alunos de três das cinco classes tiveram que ser enviados de volta para casa, por aproximadamente dois meses, em virtude da escassez de alimento. As duas classes restantes conseguiram permanecer apenas por causa das generosas doações individuais vindas de Papua-Nova Guiné e da Austrália.

Durante a semana que antecedeu a ameaça de morte, todo o plano sórdido veio à tona. O clã Imi havia acabado de lutar contra três outros clãs, matando dezesseis pessoas, num período de cinco semanas, e ferindo muitos outros. Ainda com sede de combate, os imis queriam lutar contra o clã Rakamanda, utilizando a escola como meio de atraí-los para um confronto, pois os rakamandas mantinham estreitas relações com a instituição. Durante a semana, foram feitas três tentativas

para atacar as moças à noite, no dormitório – facilitadas pela falta de equipamento antifurto. Os pomares e hortas eram abertamente saqueados. As casas dos funcionários foram novamente arrombadas. Então, foi feito um último ato para desafiar os moradores: a ameaça à vida do professor Joseph Kamap, membro do clã Rakamandas. Os líderes da aldeia Rakamanda, fartos da situação, disseram que não podiam mais atender ao nosso apelo para manter a paz. Eles iriam lutar contra os imis, seus aliados no passado.

A última coisa que queríamos era matar para salvar a própria pele. E, é claro, lutas tribais de qualquer extensão significariam, no mínimo, o fechamento temporário da escola – o que já havia acontecido com duas outras escolas na região.

No sábado à tarde, um bom número de homens da aldeia dos imis se dirigiu para a escola. Em frente à aldeia do povo rakamanda e dos funcionários, eles declararam abertamente:

– Agora é que nós vamos trazer problemas de verdade para a escola. Tomem cuidado, moças! Tomem cuidado, professores!

Naquela tarde, tentamos encontrar alguma maneira eficiente de proteger a instituição, mas isso se revelou uma tarefa impossível. Justamente quando parecia – para nós, diante do medo que enfrentávamos – que a única maneira seria empunharmos as armas, chegou uma mensagem do presidente da missão, David Blanch: “A escola de Rakamanda pertence a Deus. Ele a protegerá se todos estiverem dispostos a se colocar inteiramente em Suas mãos!”

Depois de passarmos alguns momentos em oração com as moças do dormitório, o diretor, Brennen Nennek, Joseph Kamap e eu voltamos cada um para sua casa, onde dedicaríamos mais algum tempo em oração com a família.

Finalmente, adormecemos. No entanto, nosso sono foi logo perturbado por um tremor de terra – foram dois minutos de convulsão que pareceram uma eternidade. Mal havia cessado o tremor, ouvimos gritos vindos do dormitório das moças. Seria por causa do tremor, ou a ameaça feita naquela tarde tinha se cumprido? Corri para o dormitório com nosso cachorro à frente e encontrei as moças em pânico. A maioria estava assustada demais para falar; outras choravam muito. Uma delas, mesmo com dificuldade para controlar as emoções, explicou o que havia acontecido.

Os homens da tribo Imi atacaram o dormitório de ambos os lados. O pastor da igreja, John Wagi, viu os homens do lado de cima do prédio e tentou afugentá-los, não se dando conta de que os homens que tinham vindo pelo lado debaixo estavam

colocando um tronco contra a parede para subir por ele e pular a janela. Foi então que aconteceu! Aconteceu o terremoto no momento exato em que mais necessitávamos de ajuda.

A intervenção de Deus não terminou naquele sábado à noite. Dois dias depois, uma reunião sem precedentes na história da província foi realizada no pátio da escola. Nesse encontro, o governo expediu ordens – que, se quebradas, resultariam em sérias punições para os grupos envolvidos.

Como consequência, não somente foi possível finalizarmos o ano letivo, como também a escola passou a ter estabilidade por alguns anos. Os imis se envolveram em outros conflitos tribais, mas não importunaram mais nossa instituição nem a missão.

Hoje, Papua-Nova Guiné é líder no evangelismo no Sul do Pacífico. Educar jovens para que se tornem líderes tem sido o fator-chave para esse sucesso.

SEU NOME FOI DADO POR UM ANJO

BETTY BUHLER COTT

25

***E**m 1910, o pastor O. E. Davis era o presidente da Missão Adventista na Guiana Inglesa. Certo dia, chegou a seu escritório a notícia de que havia um grupo de cristãos indígenas que morava próximo ao Monte Roraima. Segundo essa informação, um dos líderes teve uma visão na qual um anjo lhe dissera que seu povo deveria mudar de vida e se preparar para a volta de Jesus.*

O Monte Roraima fica próximo ao ponto onde se cruzam as fronteiras do Brasil, Guiana e Venezuela. Embora isso significasse um trajeto de mais de 320 quilômetros, o pastor Davis decidiu visitá-los imediatamente.

Depois de uma árdua e perigosa viagem, ele chegou ao destino. Ficou por vários meses entre o povo dessa região. Começou a aprender a língua nativa e a ensinar-lhes os belos hinos que enriquecem a fé cristã. Infelizmente, porém, passado pouco tempo mais, ele ficou doente e faleceu. Seu corpo descansa em um simples túmulo ao pé da montanha.

Depois da morte do pastor Davis, dezesseis anos se passaram até que os adventistas enviassem um professor para morar entre aquele povo. Foi em 1927 que Alfred e Betty Cott deixaram Georgetown para passarem a residir na aldeia Arabopó. Lá eles abriram uma pequena escola e começaram a trabalhar entre aquele povo. Algum tempo depois, eles se mudaram para uma aldeia maior e mais bem centralizada, por nome Acurima.

O casal Cott sentia muita alegria e satisfação em realizar esse trabalho, mas logo percebeu que nenhuma daquelas aldeias era o lugar onde o anjo havia aparecido para o chefe em sonho. Não muito tempo depois, eles receberam notícias emocionantes. A seguir a história conforme foi narrada por Betty Cott.

Certa manhã, Meme se aproximou de mim e fez uma pergunta. Era o que costumava fazer quando tinha alguma notícia interessante ou emocionante para me dar.

– Quer saber uma coisa?

- Claro que sim – respondi.
- Francisco contou uma coisa esta noite – disse ela em tom provocativo.
- O quê?
- Viagem lua, trilha difícil. Muita, muita *tuna* [água]. Muito mau, muito perigoso. Encontra povo *waki kru* [feliz].
- Pai chefe Promi viu grande luz – continuou ela toda animada.
- Quanto tempo faz que o pai dele viu a grande luz?
- Me não sabe. Faz muitas luas.
- Com que Francisco disse que a luz se parecia? – perguntei.
- Como anjo papa Cott mostra na igreja em folha grande.

Essa conversa levou-me a me preparar para uma viagem de dois meses, que seria a mais difícil de todas que já havia feito.

Iniciamos em agosto, que era considerada a estação seca. Francisco foi nosso guia, e Meme nos acompanhou para cuidar da nossa filha, Joyce. Nas áreas abertas das savanas, eu cavalgava Nellie, a égua que pertencia a Francisco.

Imaginando que tínhamos escolhido cuidadosamente a melhor época para essa viagem, ficamos decepcionados ao ver pesadas nuvens se avolumando lá pelo meio da semana. Na quinta e sexta-feira, a chuva foi pesada e sem nenhum sinal de que o céu iria clarear. As trilhas, escorregadias e com lama vermelha e pegajosa, estavam extremamente perigosas. Nossos sapatos ficaram logo tão pesados que era difícil seguir em frente. Na sexta à tarde, acampamos ao lado das Cataratas de Kama. Entrou água em nossa barraca e, em pouco tempo, tudo ficou encharcado. Foi realmente desanimador. Estávamos tão exaustos de andar na lama que nem mesmo nos lembramos de comer. Estendemos nossos sacos de dormir no chão da barraca e logo caímos no sono.

Por volta das 2 horas da manhã, acordei com a impressão de que nossa barraca estava sendo puxada para baixo.

– Alfred! Alfred! – chamei. Ele não respondeu. Comecei a sacudi-lo – Por favor, fale comigo, Alfred! Vamos, diga alguma coisa. Há tigres do lado de fora!

– Oh, não, querida – respondeu ele, ainda sonolento. – É apenas o vento. Volte a dormir.

E eu estava certa! Levantei-me para procurar uma arma. No entanto, para minha decepção, lembrei-me de que nossos ajudantes estavam com todas elas! E estavam

acampados quase um quilômetro rio acima, onde havia algumas árvores para pendurarem as redes. Ao procurar no escuro, à minha volta, algum tipo de arma, consegui encontrar somente uma faca de pão e uma pequena marmita vazia. Não sabendo mais o que fazer, pendurei-as nas abas da barraca. Ao tropeçar nas botas enlameadas de Alfred, peguei-as e as coloquei ao lado da marmita e da faca para dar mais proteção e mergulhei no meu saco de dormir. Percebendo quão tola fui em pensar que esse objetos tão frágeis poderiam oferecer qualquer proteção contra o ataque de um tigre selvagem, sacudi Alfred novamente.

– Por favor, acorde! Tigres! Tigres! – gritei.

– Por favor, querida, procure dormir – foi a resposta que obtive.

Senti a barraca balançar. Alguém ou alguma coisa estava mexendo nas cordas. Eu estava petrificada de terror! Tinha certeza de que o que quer que estivesse lá fora iria ouvir as batidas do meu coração. De repente, alguma coisa tocou os meus pés e bateu neles com força. Ao ouvir um rosnado gutural bem ao meu lado, levantei as pernas! Rolei e caí de joelhos, orando tão fervorosamente, como jamais havia feito antes. Quase que imediatamente tudo ficou em silêncio. Em seguida, ouvi o som de batida de patas no chão, como se fossem animais grandes e pesados correndo para a floresta. Agradei a Deus por seu cuidado e proteção e caí num sono tranquilo.

Na manhã seguinte, notei que Francisco examinava cuidadosamente alguma coisa em volta da nossa barraca.

– Olha! Grandes pegadas! Grandes como prato! Muitos, muitos tigres – ele exclamou. – Fiquei com medo pegar vocês. Eu vim.

Alfred saiu da barraca e nos viu examinando as pegadas.

– Que pegadas enormes! Como é que não conseguimos ouvir nada? – exclamou ele.

Disse-lhe que o havia chamado e sacudido, e contei sobre a resposta sonolenta que ele havia me dado.

– Por que você não me deu um bom chute? – Alfred se desculpou. – Eu devia estar morto de cansado.

No domingo, ainda de madrugada, Francisco veio até a nossa barraca gritando nosso nome.

– Papa, Mama Cott – ele chamava. – Venham, prontos para partir. Muita água pra atravessar rio. Precisar ir devagar.

Assim que pegamos a trilha, perguntei:

- Onde vamos atravessar o rio?
- Bem aqui – disse ele apontando para as cataratas.
- Você não está querendo dizer que temos que atravessar esse rio tão fundo?! – A água estava caindo na margem em uma quantidade tão grande que fiquei assustada.
- Beira melhor lugar. Resto muito fundo. Me vai perto beirada. Você lado meu. Eu segurar seu braço.

Eu me lembrei de nossas antigas viagens em que a regra da selva era atravessar perto da beirada de uma queda d'água. No entanto, como eu iria fazer para passar por essa extensão de águas tão profundas? Com muito medo e tremendo, permiti que Francisco me escoltasse para dentro da água. Um dos homens já havia carregado Joyce para o outro lado. Por um breve momento, desejei ser uma menininha! Alfred disse que iria nos seguir tão logo estivéssemos seguros do outro lado.

Vagarosamente, avançamos em direção ao precipício, com Francisco me dizendo para não levantar os pés, mas para fazê-los escorregar ao lado dos pés dele. As pedras submersas eram muito escorregadias. Qualquer passo em falso seria desastroso. Na pressa de sair o mais rápido desse pesadelo, fiquei muito ansiosa e deixei meu pé escorregar na frente dos pés de Francisco. Não havia nada lá! Eu estava escorregando para as cataratas!

Francisco me agarrou para me salvar, e pude sentir suas unhas cravarem em meu braço. John, que estava um pouco mais atrás, ouviu os meus gritos. Jogando na água a carga de quase 40 quilos que estava carregando, e que foi direto para as cataratas, ele agarrou o outro braço e gritou:

- *Maza!* [Espere!]

Os nativos conheciam melhor que nós esses lugares perigosos. Eu tremia como vara verde. Compreendi quão próximo estive de ser mais uma vítima daquela traiçoeira catarata.

Com muita calma, John orientou:

- Não levante o pé. Faça-o deslizar ao longo da pedra, devagar, bem devagar.

Fiz o meu melhor para empurrar o pé contra a corrente e para frente, aos poucos. Nesse momento, um dos carregadores já estava lá para ajudar. Os três homens conseguiram me puxar daquele buraco perigoso. John e Francisco continuaram me avisando:

- Vá devagar. Vá devagar, devagar.

Eu consegui! Somente movia os pés quando eles moviam os deles.

Finalmente, depois do que parecia ser um século, alcançamos a outra margem. Assim que me senti segura, notei que Joyce, Meme e Marjorie, uma das outras meninas que estavam conosco nessa viagem, choravam.

– Mama Cott, pensamos que a senhora tivesse ido, ido sem volta.

– Deus não dorme! – eu disse a elas humildemente.

Foi com um sentimento de admiração e respeito que nos aproximamos da aldeia de Owkwa. Será que nossas descobertas confirmariam o que tínhamos ouvido? Depois dos cumprimentos nativos habituais de apertos de mão, abraços e sopros amistosos em nossos ouvidos, eles nos perguntaram:

– Podemos ver suas Bíblias?

Ficamos admirados com essa pergunta. Era a primeira vez que os moradores de uma aldeia, depois de nos cumprimentar, manifestavam interesse no livro que significava tanto para nós.

Quando mostramos a eles as três Bíblias que havíamos trazido, seus olhos brilharam de alegria.

– Vocês são os nossos missionários – afirmaram.

– Como vocês sabem que nós somos missionários? – perguntou Alfred.

– Owkwa diz vocês ter livro preto, do país chamado Inglaterra, assim nós saber quando pessoas certas vêm.

Abrimos nossas Bíblias e, é claro, todas as três haviam sido impressas na Inglaterra. Fechamos a capa reverentemente. Estaria o Senhor preparando esse povo para a nossa chegada enquanto éramos ainda crianças? Já se haviam passado muitos e muitos anos desde que Owkwa teve seus sonhos. Achamos que devia ter sido por volta do ano 1902.

O chefe Promi, filho de Owkwa, ensinou bem o seu povo. Essa era a aldeia mais limpa que havíamos encontrado e seus costumes eram os mais saudáveis. Eles até cheiravam limpeza.

Ficamos admirados com seu conhecimento da língua inglesa. Quando perguntamos a eles de onde tinham obtido essa informação, eles responderam:

– Owkwa ensinou nós. Anjo ensinou Owkwa.

Eles estavam bem familiarizados com os termos da Bíblia em inglês, como “Santa Bíblia”, “aleluia”, “Nova Jerusalém”, “Espírito Santo”, “o corpo é o templo”, “Jesus”,

“Pai celestial”, “a grande luz”, “Satanás”, “tristeza” e “provação”. Tínhamos pontos comuns de comunicação tanto quanto o conhecimento da Bíblia nos proporcionava.

O chefe Promi, com os demais moradores, nos escoltaram até uma cabana limpa e caiada.

– Nós construir pra vocês – disse-nos orgulhosamente. – Levar muitas luas.

Parecia uma mansão, e estávamos muito agradecidos por poder passar algumas semanas em um local tão agradável. Mal havíamos acabado de abrir nossas malas para vestir roupas limpas quando algumas moças da aldeia bateram palmas à nossa porta.

– Irmã, irmão – elas chamaram. (Ninguém nunca havia nos chamado dessa forma antes.)

Quando abrimos a porta, elas graciosamente nos presentearam com algumas bananas, batatas-doces e mandioca. Ficamos espantados em ver que as raízes tinham sido esfregadas e lavadas – algo que outros povos da região nunca fizeram! Muitas tribos tinham medo da água, algumas até acreditavam que era envenenada.

– Por que vocês lavam os legumes? – perguntei às moças.

Madeline, sobrinha do chefe Promi, abriu para mim um brilhante sorriso.

– O anjo disse Owkwa para nós lavar alimentos. Limpar, limpar – acrescentou dando ênfase.

Quando as moças saíram, virei-me para Alfred e disse:

– Que outras coisas assim tão surpreendentes vamos encontrar nesta aldeia? Certifique-se de manter um registro detalhado do que vemos e ouvimos. Precisamos enviar um relatório de tudo isso ao escritório da União e da Divisão.

– Eu já comecei, querida – respondeu meu eficiente marido.

– Havíamos acabado de comer quando o chefe Promi chegou à nossa porta para informar que o povo já estava reunido.

Pegamos apressadamente o projetor, uma tela, o trompete e o saxofone, e rumamos para a igreja, também toda caiada de branco. Ao entrarmos, fiquei admirada em ver que tudo estava muito limpo e notei que havia um belo buquê de orquídeas sobre o púlpito. Foi a primeira vez que vi flores numa igreja dentro da selva. Há tantas flores silvestres, mas o povo nunca se preocupava em fazer um buquê com elas.

Penduramos a grande tela de projeção na frente da igreja com cordas feitas de

alguns arbustos, para esse fim. No início da reunião, o povo cantou um hino em inglês, que eu nunca tinha ouvido antes. Soava para nós como um cântico celestial. As palavras, cantadas com muito sentimento, diziam mais ou menos o seguinte:

“Santo, santo, Deus onipotente;

Nós Te amamos, querido Jesus.

Almejamos algum dia ouvir os anjos cantarem

Na Nova Jerusalém, cidade de luz.”

Alfred pediu a Promi que fizesse oração. Quando o povo se ajoelhou, não pude deixar de notar a atitude das crianças. Com os mais velhos, eles se inclinaram com muita reverência, com as mãos cobrindo o rosto. Durante a oração, não percebi um movimento sequer. Quando Promi começou a orar, a congregação se uniu a ele, repetindo as palavras que ele dirigia em súplica a Deus. A maneira reverente como foi feita a oração deixou-nos profundamente emocionados.

Depois que Alfred fez suas observações introdutórias e costumeiras, coloquei na tela o primeiro quadro. Imediatamente, Madeline ficou em pé e, com o rosto corado e os olhos iluminados, exclamou cheia de entusiasmo:

– Esse é o que meu avô disse que os missionários iriam nos mostrar!

Era um quadro de Jesus e os anjos.

O próximo quadro era da mesa posta diante dos santos na Nova Jerusalém.

– Ah, Ah! – Promi exclamou. – Essa mesa Owkwa viu, muito, muito longa.

Logo mais à noite, mostramos um quadro da criação dos animais. O jovem esposo de Madeline, que era um grande caçador, observou:

– O nosso avô disse que, quando formos para o Céu, veremos tigres e cordeiros dormindo juntos. E é isso o que eu desejo ver.

O último *slide* da noite foi o da gloriosa vinda de Cristo nas nuvens. Quando as pessoas viram o quadro, exclamaram emocionadas:

– Owkwa contou sobre isso. Anjo disse para Owkwa.

Na manhã seguinte, Alfred procurou Promi, já com seu caderno de anotações na mão, para conseguir entender melhor tudo o que aconteceu.

– Por favor, conte-me, o mais detalhadamente que puder, o que seu avô viu.

– Vai igreja. Eu contar você lá. Ninguém incomodar nós.

Depois que se assentaram próximo ao púlpito, Promi começou a contar sua história.

– Um dia, meu pai ter reunião; de repente não falar mais. Os olhos vidrados. Ele olhar para céu, mas não respirar. Eu pensar ele morto.

– Quanto tempo ele ficou assim? – Alfred perguntou.

– Até sol ficar em cima cabeça. Todos com medo. Ninguém ver isso antes. Algumas pessoas chorar. Outros tentar colocar ele no chão. Ninguém podia mover ele. Ele estar como pedra.

Promi falava em voz baixa ao descrever a cena e continuou:

– Quando ele dá suspiro profundo e piscar os olhos, eu perguntou pra ele: “Papa, você estar doente?” Ele dizer pra mim e todas pessoas que não estar doente, mas ele ver algumas coisas maravilhosas. Então ele descreve Céu pra nós como nós ver em figuras noite passada. Falou sobre lindo lugar, mesa grande com todos. Papa diz Céu ser lugar cheio de luz. Ele não querer voltar pra Terra. Essa Terra lugar ruim. Ele querer ficar no Céu. Aqui nós trabalhar com facas e facões pra viver. No Céu não.

– Isso é incrível! – disse Alfred. – O anjo veio mais alguma vez?

– Anjo veio muitas, muitas vezes.

– Owkwa sempre ficava como que petrificado quando o anjo vinha? – Alfred quis saber.

– Não, algumas vezes anjo veio quando ele estar na cama.

– Quando o anjo veio pela primeira vez? – Alfred continuou perguntando, cheio de curiosidade.

– Muitas, muitas luas atrás. Eu ser *moyie* [menino] pequeno. Mas eu lembra. Papa, quando primeiro chefe, ele orar e falar com Grande Espírito. Muitos, muitos dias e noites ele orar. Ele contar Grande Espírito que gosta fazer seu povo ser bom. Então anjo vem e fala com ele.

– O que o anjo disse a ele da primeira vez?

– Anjo diz povo precisar tomar banho e ser limpo. Ele dizer para papa que ele ter três esposas. Deve ter só uma. Owkwa dizer duas esposas para ir outra casa. Esposas ficar furiosa. Tentou envenenar Owkwa. Ele diz pra todo seu povo ser limpo, ter só uma esposa. Anjo diz papa uma noite que deve guardar sétimo dia. Anjo diz que sábado começar pôr do sol sexta-feira. Esse tempo ser santo até sol descer outra vez. Comer pouca comida no sábado. Muita comida faz pessoa ficar com sono.

– Como vocês sabem que dia é o sábado?

– Anjo diz para papa que dia ser.

- Como vocês conseguiram contar os dias da semana desde aquela época?
- Promi abriu um largo sorriso.
- Nós fazer cordão pano algodão mama teceu. Depois dar nó em cordão. Maior pra sábado. Fácil!
- Onde vocês realizavam o culto antes de construir a igreja?
- Cabana de papa. Ele deixar tudo limpo e bonito. Papa contar pra homem do livro [pastor Davis] o que anjo diz pra ele.
- O homem do livro fez o que o anjo disse que era para fazer?
- Sim, homem do livro gostar Owkwa. Ele amável e bom. Povo fazer o que ele diz.
- Foram vocês que construíram esta bela igreja?
- Não. Owkwa fez. Homem do livro ajudar. Eu ajudar. Quando igreja acabada, Owkwa diz precisar alguém pra deixar igreja limpa. Precisa pôr flores bonitas na igreja.

Na selva, nunca ninguém nos disse antes que deveria haver um zelador para manter a igreja limpa! Tudo isso que foi revelado fez com que Alfred e eu ficássemos assombrados, mas ainda tinha mais.

No dia seguinte, pedi a duas moças para darem uma volta pela aldeia e convidarem as mulheres para uma reunião. Logo elas estavam todas reunidas na igreja, ansiosas por ouvir o que eu ia dizer. Mostrei-lhes alguns cartazes sobre carnes limpas e imundas, enfatizando especialmente que o sangue não deveria servir de alimento. Eu tinha visto muitos nativos na trilha matar um animal, tirar o sangue e depois bebê-lo. Notando que todas as mulheres começaram a rir, imaginei que havia dito algo errado. A essa altura, Madeline não pôde mais se conter. Ela se levantou tendo um largo sorriso no rosto.

– Mas irmã, nós não bebemos sangue – disse ela toda alegre. – Nem comemos carnes imundas. Não comemos porco, coelho, cobaias, nem peixes sem escamas – e então se assentou já ofegante.

Devo ter demonstrado meu espanto, pois aí ela acrescentou:

– Owkwa disse para nós que NÃO. O anjo disse a Owkwa.

Tentei então uma abordagem diferente. Disse a elas que não deveriam fazer *cassere* [bebida forte]. Novamente, todas riram.

– Certo! – eu ri junto. – Vocês não fazem *cassere*.

– Owkwa diz, deixar bêbado. É sujo. Nós não usar – várias responderam.

Quando mostrei a elas como fazer tratamento pela hidroterapia, Margy, a esposa de Promi, disse-me que eles já vinham tratando seus doentes dessa forma há “muitas, muitas luas”.

Ao voltar para a nossa cabana, eu disse a Alfred:

– O que podemos ensinar a este povo? Tudo o que tentei dizer a eles, eles já estão fazendo.

– Eu tive a mesma impressão – disse Alfred.

– Em vez de nós ensinarmos a eles, eles é que nos estão ensinando. A reverência que eles têm e sua sinceridade vão além de qualquer coisa que eu já tenha visto antes.

– Eu os ouvi orando e cantando às 4 horas da manhã. Promi me contou hoje detalhes sobre o juízo e as sete últimas pragas, exatamente como cremos. Ele disse que a Terra vai ser destruída por fogo e saraiva – que ele chamou de *piroto*, que significa “tiro”. Isso, ele disse, seria atirado do Céu para a Terra sobre os maus.

Certo dia, Madeline nos contou que Owkwa disse a eles que ele iria morrer. Que o anjo havia lhe dito que não iria viver para ver os missionários. Ele os aconselhou a serem sempre fiéis, mas disse também que alguns iriam abandonar a fé. Vimos que isso era verdade. Alguns não permaneceram fiéis. Estava bastante claro que Owkwa não fazia vistas grossas quanto aos erros do povo. Ele pacientemente os exortava, encorajava e aconselhava. Ao descobrir que a palavra Owkwa significa “grande luz”, Alfred perguntou a Promi quem dera esse nome ao seu pai.

– Anjo dizer pra meu pai – Promi respondeu – seu nome ser Owkwa.

Esse povo tinha um hino especial para o pôr do sol. Eles cantavam esse hino ao ver o sol se pondo no fim do dia e pensavam na Nova Jerusalém, comparando as tristezas e provações deste mundo escuro com as glórias que nela há, onde não mais haverá noite. E choravam de emoção ao cantar esse hino.

Chegamos ao fim da nossa estada com esse povo extraordinário. Eles nos apresentaram uma verdade após outra, daquelas que Owkwa lhes havia ensinado. Foi muito difícil nos separarmos. Sentíamos que havíamos provado o sabor do Céu. Veio então à nossa mente a passagem que se encontra em Joel 2:28: “E, depois disso, derramarei do Meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões” (NVI).

Essa profecia que está se cumprindo de maneira impressionante hoje, ficou indelevelmente gravada em nossa mente depois dos momentos emocionantes que passamos com os índios encontrados pelo pastor Davis. Fica evidente para todos

aqueles que estão observando o rápido progresso da mensagem nestes últimos dias que Deus está utilizando os meios mais extraordinários para a proclamação da verdade.

O ESTRANHO COM UM RÁDIO

JUDY AITKEN

26

Adventist Southeast Asia Projects [Projetos Adventistas do Sudeste da Ásia] é uma organização dedicada a apoiar e incentivar as pessoas que vivem nos países do sudeste da Ásia. Nesse trabalho, vimos muitas evidências de como Deus está indo à nossa frente e abençoando nossos esforços.

Em 2009, conversamos com um jovem que, com muita coragem e sacrifício pessoal, entrou em uma das regiões mais perigosas e inacessíveis para a pregação do evangelho. Ele disse que, não faz muito tempo, encontrou-se com o chefe de uma aldeia que lhe contou ter recebido a visita de um estranho. O chefe da vila não conhecia o visitante, mas ele usava as mesmas roupas do povo da região e falava seu dialeto. Ele trouxe consigo um rádio de ondas curtas.

– Estou deixando este rádio com vocês – disse ele ao chefe –, para que você e seu povo possam ouvir a mensagem da verdade e da salvação.

O estranho começou então a mostrar ao chefe como utilizar o aparelho e sintonizar a Rádio Mundial Adventista [AWR]. Depois, o moço foi embora, e eles nunca mais o viram novamente.

O líder da aldeia ouviu a transmissão feita pela rádio, então, chamou seu povo e disse:

– Isto é algo que precisamos ouvir.

Com o passar do tempo, e ao continuarem a ouvir a rádio adventista, grandes mudanças começaram a acontecer nos lares daquela aldeia.

O obreiro que me contou esse fato tinha ouvido isso diretamente do chefe da aldeia que havia recebido o rádio. Não muito depois, o chefe ficou ainda mais surpreso quando um grande número de líderes de outras aldeias lhe contaram que com eles havia acontecido a mesma coisa. Estava claro que o estranho havia ido às várias aldeias espalhadas por aquela vasta região. Eram comunidades que não mantinham nenhum contato umas com as outras e muito pouco com o mundo exterior. Eram povos tribais que sempre tinham sido animistas – adoravam os

espíritos de seus ancestrais – mas, ao ouvirem a AWR, eles se alegraram com a mensagem de liberdade e esperança apresentada na Palavra de Deus. Sabemos especificamente o nome dos seis moradores das aldeias que receberam o rádio desse visitante, mas temos razões para acreditar que há muitos mais. Estamos descobrindo centenas de cristãos em toda essa região, onde não havia ninguém que conhecia Jesus antes.

Perguntei a um jovem:

– Quem você acha que era esse estranho?

– Não poderia ser ninguém mais que um anjo de Deus – ele respondeu firmemente. – Não há outra explicação.

Ele disse que o chefe da aldeia não imaginava, na época, que seria um anjo, porque o estranho estava vestido como qualquer outro da região, mas ele notou que o rosto do visitante brilhava ao conversar com ele.

O governo promoveu enérgicos esforços para restringir o acesso a essas áreas. Houve perseguição sistemática visando reprimir o povo das tribos e forçá-los a manter sua forma de religião animista, pois o governo tinha medo das influências do Ocidente. Nosso obreiro viaja por aquela região arriscando a vida. Há vários anos, dois líderes cristãos locais foram martirizados, suas casas queimadas e tudo o que tinham foi confiscado ou destruído.

Não é fácil testemunhar sob essas circunstâncias; mas, ao vermos como Deus está guiando Sua obra, nos enchemos de confiança e coragem para enfrentar os dias que estão à nossa frente.

“MAS EU NEM MESMO CREIO EM DEUS!”

GRANT MCPHERSON

27

Era uma bela manhã de domingo no Hospital Adventista La Loma Luz, em Belize, na América Central. Minhas atividades começaram logo cedo, com um telefonema de alguém da equipe de enfermagem que tinha acabado de sair do plantão. A enfermeira informou que o nosso único aparelho de eletrocardiograma havia parado de funcionar.

No Loma Luz, cada dia parecia um milagre diante da luta para atender os doentes com os recursos extremamente limitados que tínhamos. Assim, a falha desse equipamento significava uma grande dificuldade para nós. Ela me perguntou se havia alguma coisa que eu poderia fazer para que a máquina voltasse a funcionar. Disse-lhe que não sabia como “ressuscitar um aparelho de eletrocardiograma dado como morto”, mas que me sentia impressionado a entregar ao Senhor a questão. Ela concordou e, ainda ao telefone, oramos juntos a respeito do problema.

A manhã prosseguiu normalmente, com os médicos e enfermeiras ocupados em atender os pacientes. Pouco antes do meio-dia, a mesma enfermeira me telefonou novamente do hospital. Surpreso, perguntei por que ela ainda estava no trabalho. Ela disse que a outra enfermeira escalada para trabalhar naquele domingo ficou doente, assim ela precisou continuar no plantão. Pude perceber que ela estava bastante cansada, mas havia também um sentido de urgência em sua voz:

– Sr. Grant, o senhor precisa vir imediatamente para o hospital.

Ao chegar ao posto de enfermagem, vi um homem, que não reconheci, em pé ao lado do balcão. Pensei que fosse membro da família de algum doente que estava ali internado e que a enfermeira havia me chamado para discutir assuntos financeiros relacionados ao atendimento aos pacientes. O estranho me disse que era um médico de Boston e parecia estar um tanto embaraçado.

– A verdade é – disse ele – que estou confuso com o que está acontecendo, e não sei ao certo por que estou aqui.

Ele explicou que havia dormido apenas umas poucas horas em sua casa em

Boston, na noite anterior, porque tinha que pegar um voo logo cedo para Belize. Durante esse breve período de descanso, teve um sonho impressionante, no qual olhou para o alto e viu alguns prédios em uma colina.

Ele acordou e, ao sair para o aeroporto, sentiu-se impelido a parar em sua clínica, em Boston. Não havia nenhuma razão específica para isso; mas, já que a clínica ficava a caminho do aeroporto, ele parou e entrou. Ainda sem saber por que estava lá, passou pela sala de espera ainda às escuras e desceu o corredor até o consultório. Ao abrir a porta, ficou espantado ao ver que alguém havia deixado uma luz acesa diretamente sobre o móvel em frente à sua mesa. Ele se aproximou, e a luz parecia incidir exatamente sobre um aparelho de eletrocardiograma que estava sobre o móvel.

Isso parecia estranho, porque não havia luz no teto indo diretamente sobre aquele armário. Sem saber exatamente por que, ele pegou o eletrocardiograma e o levou para o carro. Ali, ele refez rapidamente a mala para acomodar o aparelho e continuou a dirigir para o aeroporto. Durante todo o voo, ele estava bastante impressionado com o que havia acontecido.

A estrada que o médico tomou depois de chegar a Belize levou-o até Santa Elena, a comunidade onde está localizado nosso hospital. Ao entrar no vilarejo, ele percebeu uma placa na rodovia com a indicação para “La Loma Luz Adventist Hospital” [“Hospital Adventista Loma Luz”]. Por curiosidade, ele olhou para cima e ficou surpreso em ver sobre a colina os mesmos prédios que tinha visto no sonho poucas horas antes.

Parecia ainda que ele estava quase que sonhando ao fazer a curva e dirigir uma curta distância até chegar ao hospital. Estacionou o carro, entrou carregando a mala e pediu para falar com a pessoa responsável. Foi nesse momento que a enfermeira me chamou e pediu que eu fosse ao hospital.

Depois de nos contar sua história, o médico pegou a mala e a colocou sobre a mesa. Enquanto olhávamos, ele a abriu, levantou algumas peças de roupa e vimos ali exatamente o mesmo tipo de aparelho de eletrocardiograma que estávamos usando e que tinha parado de funcionar naquela manhã.

A enfermeira e eu olhamos um para o outro sem fala. Olhamos então para o médico que tinha um largo sorriso no rosto enquanto pegava o aparelho e o colocava em minhas mãos.

– Acho que isto é para vocês – disse ele.

Eu o entreguei rapidamente à enfermeira, pois, de repente, pareceu-me ser algo

sagrado e tive medo de deixá-lo cair no chão.

Então foi a minha vez de contar ao médico sobre a grande necessidade que estávamos passando, sobre a conversa que a enfermeira e eu tivemos pela manhã e como havíamos orado.

A essa altura, o sorriso do médico transformou-se em uma expressão de perplexidade, e ele parecia não se sentir muito confortável com tudo aquilo.

– Mas eu nem mesmo creio em Deus! – disse ele balançando a cabeça. – Eu simplesmente não sei como isso seria possível.

Contamos a ele sobre o trabalho realizado pelo Hospital Loma Luz e os milhares de pessoas que são abençoadas pelo ministério de fé que exercemos ali. O médico ouviu por alguns momentos e, de repente, disse que tinha que ir embora. Perguntamos se podíamos fazer uma oração juntos, antes que ele saísse. Ele ficou um tanto hesitante, mas aceitou. Transbordando de alegria, nós agradecemos e louvamos a Deus por essa bênção especial que Ele nos concedeu naquele dia. Quando acabamos de orar, agradecemos ao médico novamente, que continuava com a mesma expressão de perplexidade na face. Ele se virou rapidamente e foi embora.

Muito tempo atrás, Jesus nos disse para não nos preocuparmos nem ficarmos ansiosos quanto às coisas materiais. Por quê? Porque Deus sabe de todas as nossas necessidades. “Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’ Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas” (Mateus 6:31, 32, NVI). E uma vez mais Ele provou que isso continua sendo verdade ainda hoje.

Fontes

“A voz disse: ‘Vire à esquerda’”: Leonard Lee, *I Found the Way* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1961).

“O Carro Azul”: Relato original feito por Ana Telsa Pineda. Usado com permissão.

“Malisawa e o Exército Celestial”: Relato original feito por Leonard C. Robinson.

“O Cavaleiro Vestido de Branco”: Minon Hamm, *Guide*, 31 de julho de 1974, e por uma conversa e carta do autor que ouviu o relato dado pessoalmente por Harold Brown. Usado com permissão.

“Sua mão curadora”: Virgil Robinson, *Desert Track and Jungle Trail* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1968), p. 117-119, 125-128, usado com permissão.

“Deus não Se esquece”: Miriam Savage, *Review and Herald*, 3 de novembro de 1977.

“Slaviza”: Adrian Krogstad, *Adventist Review*, 29 de abril de 1982.

“O Barco Virou”: Ingvar Salvesen, conforme relatado a Adrian Krogstad, *Adventist Review*, 25 de outubro de 1979.

“A Casa que Tremeu”: Relato original feito por José Martínez. Usado com permissão.

“Salvo de um Torpedo”: Lawrence Joers, *Call Collect* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1982), p. 20-22.

“Eu Vim Para Curar Você”: Rose Slaybaugh, *Escape From Death* (Nashville: Southern Publishing Association, 1953), p. 63-105, e carta pessoal escrita pelo pastor T. L. Theumler, o pastor que ungiu o Sr. Slaybaugh.

“Sekuba”: Ralph S. Watts, *Review and Herald*, 5 de fevereiro de 1959, e carta pessoal escrita pelo pastor Mogegeh, que batizou Sekuba. Usado com permissão.

“Desvio Inesperado”: Leo Halliwell, *Southern Tidings*, 30 de novembro de 1949.

“O dia em que o Céu se Abriu Para Mim”: Relato original feito por Joel Leiva. Usado com permissão.

“Ele diz que Eu Vou Ficar Bom”: Youth’s Instructor, 23 de junho a 14 de julho de

1964, e carta pessoal escrita por John Cox em 4 de setembro de 1985. Outra carta escrita por K. J. Wooller, o pastor que ungiu o Sr. Cox. Usado com permissão.

“O Milagre do Dinheiro Perdido”: Goldie Down, *Guide*, 21 de janeiro de 1976. O pai, nesse relato é o pastor Iati, de Tanna, Vanuatu, que atuava como distrital interino na ilha de Mavia e de Santo, em 1962, quando esse milagre aconteceu. O presidente em exercício, pastor Masengnalo, foi quem se certificou da veracidade do relato.

“Meu Pretenso Agressor”: Mary Weiss Fitcher, *Guide*, 19 de julho de 1986.

“Um Anjo no Trailer”: Patti Clifford, conforme relatado a Ella Ruth Elkins, *Adventist Review*, 15 de novembro de 1979.

“Aprendendo e Praticando”: Relato original feito por Amparo Moreño de Saviñon. Usado com permissão.

“Os Mistérios do Amor de Deus”: Relato original feito por Francisca Cázares de Garza e por uma entrevista feita com Pedro Rascón.

“Nondis, o Leproso”: Ritchie Way, *Adventist Review*, 23 de fevereiro de 1978, e carta pessoal do autor. Usado com permissão.

“Como Deus Abriu as Portas Para os Dayaks”: Norma Youngberg, *Under Sealed Orders: The Story of Gus Youngberg* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1970), p. 97-101. Usado com permissão.

“Um Encontro Marcado na Agenda Divina”: Relato original feito por Loron Wade.

“Salvos por um Terremoto!”: Kenneth Vogel, *Adventist Review*, 23 de dezembro de 1982. Usado com permissão.

“Seu Nome foi Dado por um Anjo”: Beth Buhler Cott, *Jewels From Green Hell* (Washington, DC: Review and Herald, 1969), p. 169-179.

“O Estranho com um Rádio”: Relato original feito por Judy Aitken. Usado com permissão.

“Mas Eu Nem Mesmo Creio em Deus”: Relato original feito por Grant McPherson. Usado com permissão.

CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS
COMPRAS COM
COMODIDADE

APROVEITE
PROMOÇÕES
EXCLUSIVAS

LIVROS, REVISTAS,
AUDIOLIVROS,
CDS E DVDS

CONECTE-SE
ATRAVÉS DAS NOSSAS
REDES SOCIAIS COM
MILHARES
DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA



www.cpb.com.br